

SUELEN CRISTINE HAMM

**VELHO LAR, NOVO LAR:
MEMÓRIAS MENONITAS NA PAISAGEM E NO MUSEU DA
COLÔNIA WITMARSUM**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

H224v
2018 Hamm, Suelen Cristine, 1989-
Velho lar, novo lar : memórias menonitas na paisagem e no
museu da Colônia Witmarsum / Suelen Cristine Hamm. –
Viçosa, MG, 2018.
ix, 115 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Leonardo Civale.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Museus históricos. 2. Menonitas. 3. Patrimônio cultural -
Preservação. 4. Paisagens culturais. 5. Memória na arte.

I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de História.
Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens
e Cidadania. II. Título.

CDD 22. ed. 069

SUELEN CRISTINE HAMM

**VELHO LAR, NOVO LAR:
MEMÓRIAS MENONITAS NA PAISAGEM E NO MUSEU DA
COLÔNIA WITMARSUM**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 10 de julho de 2018.

Flávia Brito do Nascimento

Maria Marta dos Santos Camisassa

Janice Bernardo da Silva

Leonardo Civalle
(Orientador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família e amigos, em especial ao meu marido Uziel, aos meus pais, João e Rosane, ao meu irmão, Eduardo, e aos meus sogros, Joel e Elizama. Vocês foram fundamentais na concretização deste trabalho.

Meus sinceros agradecimentos à comunidade menonita da Colônia Witmarsum. Agradeço a Egon e Ricardo Philippsen, pelo interesse demonstrado e acesso ao museu. À Lilian Hamm de Oliveira, pelo auxílio indispensável na fotografia.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-graduação em História. Em especial ao meu orientador, professor doutor Leonardo Civale, e à minha coorientadora, professora doutora Janice Bernardo, que confiaram no meu trabalho e dedicaram seu tempo, com muita atenção e paciência. Agradeço pela inspiração e encorajamento.

Agradeço a Deus, a quem dedico este trabalho.

“Quero trazer à memória o que me pode dar esperança.”

(Lamentações 3:21, Bíblia Sagrada versão JFA)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Amplitude da denominação menonita	16
Figura 2 - Pingjum, Witmarsum e arredores	25
Figura 3 - Delta do rio Vístula.....	29
Figura 4 - Habitação tradicional menonita russa	32
Figura 5 - Assentamentos menonitas na Rússia Imperial.....	33
Figura 6 - Colônia Chortitza (1833)	35
Figura 7 - Rosenthal, Chortitza (1915).....	36
Figura 8 - Alexanderthal.....	37
Figura 9 - Navio com imigrantes menonitas chega ao Brasil.....	42
Figura 10 - Assentamentos menonitas no Brasil e Uruguai	43
Figura 11 - Cabana na mata fechada	44
Figura 12 - Colônia Witmarsum para turistas	48
Figura 13 - Localização da Colônia Witmarsum.....	53
Figura 14 - Cooperativa Mista Agro-Pecuária Witmarsum Ltda	54
Figura 15 - Colégio Fritz Kliewer	57
Figura 16 - Centro de Informações Turísticas de Witmarsum	57
Figura 17 - Disposição padrão dos núcleos nas colônias na Rússia.....	60
Figura 18 - <i>Heimatmuseum</i>	62
Figura 19 - Pintura da colônia com vista para o atual museu.....	65
Figura 20 - Implantação do <i>Heimatmuseum</i>	79
Figura 21 - Plantas baixas do pavimento térreo e sótão habitável	80
Figura 22 - Estrutura de fundação da casa.....	83
Figura 23 - Pilares e baldrame.....	83
Figura 24 - Estrutura da cobertura e encaixe com pino de madeira	84
Figura 25 - Detalhe da telha	85
Figura 26 - Lambrequins	85
Figura 27 - Detalhes de pinturas de períodos anteriores	86
Figura 28 - Detalhe decorativo na parede e guarda corpo da varanda	86
Figura 29 - Esquema de insolação e dos materiais construtivos	87
Figura 30 - Esquema de fluxos.....	88
Figura 31 - Setorização do museu	89
Figura 32 – Recepção	90

Figura 33 - Recepção, vista para a biblioteca.....	91
Figura 34 - Ambiente proposto para biblioteca.....	91
Figura 35 - Sala ao oeste, com detalhes.....	92
Figura 36 - Sala ao leste, com detalhes.....	92
Figura 37 - Salas ao oeste com interligação.....	93
Figura 38 - Salas ao leste com interligação.....	93
Figura 39 - Dois ambientes em alvenaria dupla.....	94
Figura 40 - Anexo em alvenaria simples.....	95
Figura 41 - Varanda.....	95
Figura 42 - Salas do sótão habitável.....	96
Figura 43 - Patologias representadas nas elevações.....	99

RESUMO

HAMM, Suelen Cristine, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2018. **Velho lar, novo lar: memórias menonitas na paisagem e no museu da Colônia Witmarsum.** Orientador: Leonardo Civale.

Esta pesquisa se propõe a verificar como a Colônia Witmarsum e o seu museu expressam aquilo que os menonitas entendem ser a sua identidade. Este conceito será apresentado a partir de um olhar crítico sobre a narrativa que eles contam de sua saga, ou seja, a sua memória desde a Europa até o Brasil. Tal grupo foi formado no Séc. XVI, na Holanda, liderado por Menno Simons. Ele participou do movimento anabatista, uma parte radical da Reforma Protestante que se opôs tanto aos católicos quanto a outros reformadores. Os imigrantes menonitas passaram a compor a diversidade cultural brasileira a partir do ano de 1930. Uma parte descendente deste grupo fundou a Colônia Witmarsum no município de Palmeiras, no Paraná. Tanto a Colônia, como paisagem cultural, quanto o museu, como espaço arquitetônico, carregam um valor simbólico desta identidade que está em constante transformação. Considerando-se o valor atribuído ao museu (*Heimatmuseum*) pela comunidade e o desejo expresso pelo grupo de preservá-lo, é apresentado um estudo inicial quanto à proposta de restauro e do projeto museológico para o museu da Colônia Witmarsum.

ABSTRACT

HAMM, Suelen Cristine, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2018. **Old home, new home: mennonite memories in the Witmarsum Colony landscape and in its museum.**
Adviser: Leonardo Civalle.

This research aims to verify how the Witmarsum Colony and its museum express what the Mennonites understand as their identity. This concept is presented from a critical viewpoint at the narrative told by them of their saga, or in other words, their memory from Europe to Brazil. This group came together during the 16th century in the Netherlands, led by Menno Simons. He was part of the Anabaptist movement, a radical part of the Protestant Reformation that opposed both Catholics and other reformers. The Mennonite immigrants became part of the Brazilian cultural diversity from the year 1930. A descendant part of this group founded the Witmarsum Colony in the municipality of Palmeiras, in Paraná. Both the Colony seen as cultural landscape and the museum seen as an architectural space carry a symbolic value of their identity, which is in constant change. Considering the value attributed to the museum (*Heimatmuseum*) by the community and the desire expressed by the group to preserve it, this research presents an initial study of the proposed restoration and of the museology project for the Witmarsum Colony museum.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
PARTE I.....	15
CAPÍTULO I – Da Europa para o mundo: identidade, memória e trajetória	16
1.1 Identidade	16
1.2 Memória	17
1.3 Trajetória	21
1.3.1 A reforma	21
1.3.2 Menno Simons.....	24
1.3.3 Os menonitas na Polônia	28
1.3.4 Os menonitas na Rússia.....	33
1.3.5 Novo início no Brasil	41
CAPÍTULO II – As memórias na Colônia Witmarsum: paisagem cultural e transformação	47
2.1 Fazenda Cancela	49
2.2 Sede central da Colônia Witmarsum	54
2.3 O significado do nome da colônia	58
CAPÍTULO III – As memórias no <i>Heimatmuseum</i>: arquitetura e identidade.....	62
3.1 O museu como espaço arquitetônico	62
3.2 O significado do nome <i>Heimatmuseum</i>	65
3.3 <i>Heimatmuseum</i> e ecomuseus	69
PARTE II	73
CAPÍTULO IV – Propostas e projeto.....	74
4.1 Levantamento arquitetônico	75
4.2 Características da construção	78
4.3 Setorização	87
4.4 Mapeamento de danos	96
4.5 Estado de conservação	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS.....	104
Fontes	104
Bibliografia	105
APÊNDICES	109

APÊNDICE A – Prancha de levantamento arquitetônico	109
APÊNDICE B – Pranchas culturais.....	111
APÊNDICE C – <i>Papercraft</i>	121

INTRODUÇÃO

“Antes era assim: alemão com alemão, japonês com japonês. Não tinha mistura. Foi assim por muitos anos” – disse o meu avô, contando sobre a chegada dos imigrantes menonitas em Curitiba – “até a Segunda Guerra Mundial, daí ficou tudo a mesma coisa”¹.

O Brasil é formado por uma diversidade muito grande de etnias, culturas e religiões. Os imigrantes menonitas passaram a compor esta diversidade cultural a partir do ano de 1930, como refugiados das perseguições que sofreram na Europa. Tal grupo foi formado no Séc. XVI, na Holanda, liderado por Menno Simons. Ele fazia parte do movimento anabatista, um desdobramento radical da Reforma Protestante que se opôs tanto aos católicos quanto a outros reformadores. Eles reivindicavam a separação entre Igreja e Estado e rebatizavam adultos por não considerarem válido o batismo infantil. Um dos marcos centrais da narrativa de sua saga é a perseguição pela Igreja e pelo Estado, que os acusaram de heresia e subversão. Segundo a sua narrativa, a perseguição os empurrou para o leste europeu, primeiramente para a Polônia e em seguida para a Rússia, onde viveram um período de paz e autonomia em suas colônias.

Um pouco da cultura deste grupo se fez conhecida para mim principalmente durante a minha infância, sendo o meu avô um dos imigrantes menonitas que buscou refúgio no Brasil na década de 1930. No bairro do Boqueirão, em Curitiba, meu avô produzia o leite que levava aos seus clientes, de porta em porta, de carroça, atolando nas estradas de terra e lama para poder chegar ao centro da cidade. Nos cultos em alemão nas igrejas menonitas podia-se ouvir corais e orquestras. Ouvimos histórias sobre os casamentos nos salões das igrejas, que eram interrompidos para que os leiteiros pudessem fazer o seu serviço e voltar para a festa para um momento de brincadeiras e danças de roda. A cidade cresceu e não há mais a produção de leite, mas ainda nos encontramos para as grandes festas de família ou da igreja em datas festivas, onde as conversas decorrem em alemão e no dialeto *Plattdeutsch*².

Mas foi somente anos mais tarde que meu interesse pelas comunidades menonitas foi despertado como objeto de estudo. Uma pesquisa proposta durante o curso de arquitetura e urbanismo consistiu em uma busca por informações sobre os nossos antepassados. A partir disso, comecei a perceber mais a comunidade e suas características: sua história, cultura, fé e arquitetura. Também foi a partir disso que comecei a me interessar pela forma como os

¹ HAMM, Suelen C. *Parque Cultural Menonita: Instrumento para preservação da cultura e memória de um povo* [monografia]. Curitiba: UTFPR, 2015, p. 70. Entrevista concedida por João Hamm à autora.

² *Plattdeutsch*, ou alemão baixo, é o dialeto falado pelas comunidades menonitas. Enquanto o alemão é usado em situações formais, o dialeto é usado informalmente.

menonitas se relacionam com o espaço em que vivem. Ainda durante a graduação, realizei entrevistas com imigrantes menonitas e seus descendentes sobre a sua história e a preservação de sua cultura. Logo ficou evidente que havia uma preocupação da comunidade pela falta de espaços culturais e pela pouca preservação do espaço já existente: o museu da Colônia Witmarsum.

Assim se iniciou uma troca de ideias entre mim e o museu, que na mesma época iniciava o planejamento de algumas propostas culturais para a Colônia, juntamente com a sua Associação de Moradores. Então, dei início à pesquisa que resultou nesta dissertação. Em paralelo, iniciei também o levantamento arquitetônico do museu, que seria necessário para a obtenção de um melhor conhecimento sobre a distribuição dos espaços, materiais e técnicas construtivas e consequente análise de como a construção foi ocupada ao longo dos anos. O levantamento não seria importante apenas para esta pesquisa, mas também para um futuro projeto de intervenção para a construção em madeira.

Pouco depois de iniciar a pesquisa sobre o museu e sobre a Colônia, um fato importante me levou a questionar a relevância do museu para a comunidade menonita. Embora a própria comunidade tenha dado entrada no processo de tombamento do bem, constando na sua inscrição que ele é “importante marco da saga menonita na América do Sul”³, ele na realidade pertence a um período anterior à formação da Colônia menonita na região. Mesmo o desenho da Colônia levou em conta a estrutura da antiga fazenda que estava situada no local. Embora eu não tivesse a expectativa de encontrar uma arquitetura que fosse “típica menonita”, porque a própria identidade menonita passou por várias transformações e adaptações ao longo de sua história de migrações e perseguições, esperava encontrar na arquitetura do museu e na paisagem da Colônia traços de uma identidade comum preservada a despeito das transformações resultantes de sua peregrinação por diversos países.

Posto isso, a hipótese deste trabalho é que na Colônia Witmarsum, a paisagem cultural e o espaço arquitetônico do museu, formados pela apropriação e transformação dos espaços já existentes, é uma expressão daquilo que os menonitas entendem ser o modo de vida da comunidade e sua identidade. A Colônia Witmarsum e o seu museu carregam um valor simbólico daquilo que os menonitas consideram ser a sua identidade. Não uma identidade estática, mas em constante transformação.

³ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. *Sede da Fazenda Cancela*. Inscrição tomo 96-II, processo de número 04/89. Palmeira: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1989. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=137>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

Afinal, a própria decisão de realizar o tombamento do museu já não reflete algum aspecto da cultura do grupo? E o aproveitamento da estrutura preexistente ao planejarem o desenho da Colônia, não é em si mesmo um processo de pensamento que expressa em algum grau a sua visão de mundo, como vivem, como constroem, e em que eles acreditam?

Considerando a minha aproximação evidente da comunidade menonita, faz-se necessário avaliar se o distanciamento entre pesquisador e objeto será satisfatório para não comprometer a pesquisa. Dessa forma, defino o meu papel de pesquisadora a partir do conceito apresentado por Geertz de intérprete cultural. O intérprete cultural pode examinar a própria cultura da qual faz parte, embora isso tenha em si alguns desafios.⁴ De acordo com este antropólogo, a cultura é formada por teias de significados nas quais o homem está amarrado, e a função do pesquisador da cultura é de encará-la como uma ciência interpretativa, buscando o significado das observações que fez sobre a cultura que está pesquisando⁵, ou seja, analisando os signos que formam os sistemas culturais.

Além disso, apresento três fatores que contribuem para um certo distanciamento entre pesquisa e pesquisador. Em primeiro lugar, há um distanciamento físico e também cultural entre a comunidade em que cresci e a comunidade que pesquiso, sendo que a primeira está localizada na área urbana, em Curitiba, e já está mais integrada com a cultura e as atividades urbanas que a cercam, enquanto a Colônia Witmarsum, objeto desta pesquisa, está localizada na área rural do município de Palmeira, próximo a Curitiba, tendo como atividade principal a agropecuária, voltando-se também mais recentemente para atividades turísticas. Em segundo lugar, a minha trajetória acadêmica me levou a viver fora da comunidade, conhecer outras culturas e perceber com mais clareza a minha própria.

Cabe ainda acrescentar um terceiro aspecto. A identidade menonita, como eles a entendem, será aqui apresentada a partir de um olhar crítico sobre as narrativas de pesquisadores do próprio povo menonita. Estes têm grande peso para esta comunidade e conseqüentemente para a formação identitária do grupo. Serão estudados como fontes os dois volumes de Peter Pauls Klassen que tratam sobre os menonitas no Brasil, e contribuiram muito com informações sobre a Colônia Witmarsum e a história dos menonitas a partir da migração para o Brasil, e o livro de Cornelius J. Dyck, que trata sobre os anabatistas e a história dos menonitas antes da sua vinda ao Brasil.

⁴ GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 11.

⁵*Ibidem*, p. 4.

Peter Pauls Klassen nasceu na colônia menonita de Chortitza, na Rússia, em 1926. No ano de 1929, seus pais buscaram refúgio da perseguição procedente da União Soviética e a família se mudou para a colônia menonita Fernheim, no Paraguai, que estava se formando. Após se formar como professor, aprofundou seus estudos na Alemanha e na Suíça. Iniciando com pesquisas sobre os menonitas no Paraguai, a partir de 1992 voltou seus estudos para a história dos menonitas no Brasil.⁶ Cornelius J. Dyck, também nascido na Rússia, migrou para o Canadá. Ele concluiu seu doutorado na Universidade de Chicago e foi diretor do Instituto de Estudos Menonitas.⁷

Cabe observar que os três livros destes autores foram publicados no Brasil na década de 1990 – quando se intensificou a abertura dos menonitas à influência da cultura brasileira. Na Colônia Witmarsum, foi no ano de 1991 que a escola da Colônia teve seu primeiro diretor que não era nem menonita, nem de origem ou cultura germânica, o que pode ser entendido como um marco que representa a integração dos menonitas à sociedade brasileira. Dessa forma, desenvolvem-se simultaneamente uma maior abertura para outras culturas e uma busca por reafirmar a identidade da comunidade, para a qual as fontes citadas servem como estratégia de narrativa identitária.

Além destas fontes principais, menciono ainda outras que foram relevantes para a pesquisa. Sobre a arquitetura menonita, foram importantes os dois livros publicados por Rudy P. Friesen, filho de imigrantes menonitas. Seus pais migraram da Rússia para o Canadá, onde ele nasceu. Rudy é arquiteto com foco na pesquisa sobre lugares e construções menonitas na Rússia.⁸ Vários artigos e publicações acadêmicas também contribuíram para a pesquisa, dos quais é de destaque a tese de doutorado de Roland Meyer Sawatzky, doutor em filosofia pelo departamento de arqueologia da Universidade Simon Fraser. Sua pesquisa tem como objetivos investigar o papel da arquitetura das casas menonitas em Manitoba, Canadá, na estruturação da prática cotidiana e dos valores comunitários, e investigar o papel desta arquitetura como instrumento de mudança cultural.⁹

⁶ KLASSEN, Peter P. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1 und 2. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1995, 1998.

⁷ DYCK, Cornelius P. *Uma Introdução à História Menonita*. Tradução de Rosely Dyck Hinze. Campinas: Editora Cristã Unida, 1992.

⁸ FRIESEN, Rudy P. *Building on the Past: Mennonite Architecture, Landscape and Settlements in Russia/Ukraine*. Canada: Raduga Publications, 2004; e FRIESEN, Rudy. *Into the Past: Buildings of the Mennonite Commonwealth*. Manitoba: Raduga Publications, 1996.

⁹ SAWATZKY, Roland M. *The control of social space in mennonite housebarns of Manitoba, 1874-1940*. Burnaby: Simon Fraser University, 2005.

A estrutura da dissertação se divide em duas partes. A primeira parte é composta por três capítulos. O primeiro capítulo, *Da Europa para o mundo: identidade, memória e trajetória*, tem como objetivo verificar o que os menonitas entendem ser a sua identidade, através do estudo da narrativa que eles fazem sobre a sua saga. Esta narrativa é contada a partir da memória do grupo, ou seja, da forma como eles lembram o seu passado. Para isso, será apresentada a trajetória dos menonitas de acordo com a sua própria memória registrada. A partir de um panorama da situação atual dos menonitas ao redor do mundo, será traçado o caminho histórico e geográfico que os imigrantes menonitas fizeram, desde a formação do grupo até o momento em que uma parte deste se refugiou no Brasil. O segundo capítulo, intitulado *As memórias na Colônia Witmarsum: paisagem cultural e transformação*, tem como objetivo verificar de que forma esta identidade e memória, conforme estudadas no primeiro capítulo, se refletem na paisagem cultural da Colônia Witmarsum. O terceiro capítulo, *As memórias no Heimatmuseum: arquitetura e identidade*, verifica como o museu, a partir de sua relação com o entorno, é também expressão do que os menonitas entendem ser a sua identidade, apesar de não ter sido construído por eles.

A segunda parte da dissertação é composta por um capítulo. Este, intitulado *Propostas e projeto*, tem como objetivo apresentar um estudo inicial para a proposta de restauro e do projeto museológico para o museu da Colônia Witmarsum. Com isso, são apresentados o processo de levantamento arquitetônico e um estudo preliminar para este espaço, resultando em uma proposta de setorização para o museu, o mapeamento de danos e uma análise do estado de conservação do bem. Nas considerações finais, são colocadas recomendações para a continuidade do projeto.

PARTE I

CAPÍTULO I – Da Europa para o mundo: identidade, memória e trajetória

1.1 Identidade

No ano de 1537 em Groningen, na Holanda, Menno Simons, de acordo com o seu próprio relato, foi desafiado a assumir a liderança de um grupo de sete ou oito pessoas, que mais tarde seria denominado menonita.¹⁰ Este número cresceu ao longo dos últimos séculos e, no ano de 2015, de acordo com os dados da Conferência Mundial Menonita (MWC), foi registrado o total de 2.115.195 membros de igrejas anabatistas ao redor do mundo, incluindo igrejas menonitas e irmãos menonitas. Destes, a maior parte se encontra na África, seguida pela América do Norte.¹¹ No Brasil, havia em 2012 mais de 12.800 menonitas, membros de 130 congregações¹².



Figura 1 - Amplitude da denominação menonita¹³

¹⁰ HORSCH, John. Menno Simons' Call to the Ministry and Ordination. IN: HORSCH, John. *Menno Simons. His Life, Labors, and Teachings*. Scottsdale: Mennonite Publishing House, 1916. Disponível em: <<http://www.mennosimons.net/biography.html>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

¹¹ MENNONITE WORLD CONFERENCE. Mennonite World Conference. Statistics. *Mennonite World Directory*. Bogotá, jun. 2015. p. 58-61. Disponível em: <https://mwc-cmm.org/sites/default/files/website_files/mwc_world_directory_2015_statistics.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.

¹² BENDER, Harold S.; ENS, Henrique; PAULS Jr., Peter. *Brazil*. Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online. Jun. 2013. Disponível em: <<http://gameo.org/index.php?title=Brazil>>. Acesso em: 11 ago. 2015.

¹³ De cima para baixo, esquerda para a direita: Igreja Menonita na República Democrática do Congo (2012). Disponível em: <<https://themennonite.org/feature/power-story/>>. Acesso em: 06 abr. 2016. Mennonite World Conference, 2015 (EUA). Disponível em: <<https://landisvillemennonite.org/about-us/who-are-the-mennonites>>. Acesso em: 06 abr. 2016. Menonitas na Bolívia (2014). Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/gallery/2014/sep/10/the-mennonites-of-bolivia-in-pictures>>. Acesso em:

Em decorrência da amplitude da denominação menonita, que da Europa se alastrou para todo o mundo, observa-se em muitas publicações uma busca por entender qual é a identidade que define as comunidades menonitas pertencentes a nações e culturas tão diversas, e qual é o denominador comum que caracteriza todos estes grupos como menonitas. Na Indonésia, foi publicado em 2001 o artigo *Mennonite history and identity in Indonesia*, por Stefanus Christian Haryono. Já Karl Koop, em 2014, no Canadá, publicou um artigo sobre o senso étnico relacionado ao nome menonita: *Anabaptist and Mennonite Identity: Permeable Boundaries and Expanding Definitions*.

No Brasil, em 2009, Francielly Giachini Barbosa publicou um artigo intitulado *Mennonitentum: os menonitas e os processos de identificação*. Posteriormente em 2010, Udo Siemens organizou um livro sobre os menonitas, intitulado *Quem somos? A Saga Menonita rompendo a barreira cultural*.

Diante disso, um elemento que compõe a identidade assumida pelo grupo brasileiro é a narrativa de sua saga, da origem do grupo até a sua vida no Brasil. Esta narrativa é a forma como eles lembram o seu passado, ou seja, a sua memória.

1.2 Memória

A memória é um processo de seleção, em que as lembranças são guardadas ou descartadas¹⁴. Seria possível que um sujeito pudesse manter todas as suas lembranças, ou esquecer todas elas? Alguns escritores imaginaram como seria um indivíduo assim. Em *Funes, o memorioso*, de Jorge Luis Borges, o autor conta a história de um sujeito que não se esquece de nada. No entanto, o autor pondera: “Suspeito, contudo, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair”¹⁵. Funes não conseguia esquecer, e, conseqüentemente, não conseguia distinguir o que lhe era importante e o que não era. Ou seja, ele não conseguia processar as informações.

Outra história sobre o assunto é o *Doador de Memórias*. O filme imagina uma sociedade que vive sem memórias, enquanto apenas um sujeito é responsável por guardá-las. A ideia é que, sem lembranças de dor, de guerra e sofrimento, a sociedade poderia viver em harmonia. No entanto, nesta ficção, as personagens perdem também memórias agradáveis, e

06 abr. 2016. Igreja Irmãos Menonitas em Curitiba (2016). Disponível em: <<https://www.facebook.com/ieimb/photos/>>. Acesso em: 06 abr. 2016.

¹⁴ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p.9.

¹⁵BORGES, Jorge Luis. *Funes, o Memorioso*. [on-line]. 1944. Disponível em: <<http://alfredobraga.pro.br/biblioteca/memoriosos.html>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

desta forma, não há propósito no viver¹⁶. Em comum nas duas histórias temos que tanto o total esquecimento quanto o total não-esquecimento são entendidos como a ausência do pensar. Os sujeitos sem memória (pois a memória implica necessariamente em seleção) seriam pessoas sem intenção ou motivação em suas ações.

Assim sendo, tanto o lembrar quanto o esquecer são importantes, e é o conjunto deles que forma a memória. A memória é, portanto, uma seleção. Contudo, esta seleção seria um processo intencional ou natural ao ser humano? Para Pollak, a memória é intencional. Quem lembra, tem um motivo para isso. Além disso, o autor supracitado trata a memória como uma “operação coletiva”. E ela é coletiva pois é produzida a partir das relações sociais.¹⁷

“A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc.”¹⁸

Entretanto, ela é ao mesmo tempo individual na forma em que se manifesta, pois cada indivíduo processa os acontecimentos de forma individual. Halbwachs afirma:

“A sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte, e em seu conjunto.”¹⁹

Ou seja, mesmo as lembranças que se parecem mais pessoais são produzidas nas relações do indivíduo com grupos sociais. Tendo em mente, portanto, que a memória é simultaneamente individual e coletiva, consistindo em um processo de seleção que guarda e descarta lembranças, e que ela é intencional, pode-se verificar de que forma isto se aplica ao objeto de pesquisa.

¹⁶ O DOADOR de memórias. Direção: Phillip Noyce. [S.l.]: Paris Filmes e The Weinstein Company, 2014. DVD (100 min.)

¹⁷ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p.9.

¹⁸ *Ibidem*, p.9.

¹⁹ HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e a memória individual. IN: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2005. p.19.

Usando o termo cunhado por Todorov²⁰, a pesquisa de mestrado deve consistir em um trabalho de memória exemplar, ou seja, de história. Para que a pesquisa possa ser considerada um trabalho de memória exemplar, deve-se admitir que a pergunta que leva a olhar ao passado é uma pergunta do presente. Quando se procura entender nesta pesquisa de que forma o modo de vida dos menonitas (sua religião, tradições, valores, costumes) se expressam na paisagem e arquitetura da Colônia Witmarsum, a pergunta é feita com um interesse pelo presente: como os menonitas vivem hoje, e como a Colônia é hoje.

No entanto, a resposta só pode ser dada observando-se também o passado: a formação da Colônia e as transformações que ocorreram no grupo através do tempo. Sabe-se que eles não vivem o passado, e nem poderiam. Mas observar este passado de forma crítica ajuda a responder questões do presente, através de comparações. Como consta no texto de Todorov:

“O uso literal, que converte em insuperável o velho acontecimento, desemboca no fim das contas na submissão do presente ao passado. O uso exemplar, ao contrário, permite utilizar o passado com foco no presente, aproveitando as lições das injustiças sofridas para lutar contra as que são produzidas hoje em dia, e separar-se do eu para ir ao encontro do outro.”²¹

O uso exemplar da memória permite aprender com o passado e compará-lo com eventos presentes, de forma crítica. O uso literal da memória, pelo contrário, não é crítico e encara o passado como algo sagrado. Não se separa dele enxergando-o como um outro. Em geral, as narrativas contadas por um grupo se utilizam da memória literal ao invés da memória exemplar. Dessa forma, seja em livros, documentos ou entrevistas, as narrativas oferecem uma versão sobre o passado, e precisam ser analisadas e comparadas com outras versões, de forma crítica, considerando que toda narrativa tem uma intencionalidade. Neste trabalho, as narrativas contadas por menonitas sobre os menonitas são adotadas como fontes justamente por serem consideradas memória literal.

A partir disso, conclui-se que a memória muda o nosso olhar sobre o objeto, tornando este olhar mais crítico. Só assim pode-se escrever um trabalho de história, ou de memória

²⁰ TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Traducción de Miguel Salazar. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica; Buenos Aires: Editorial Paidós, 2000.

²¹ *Ibidem*. Tradução livre da autora. No original: “El uso literal, que convierte em insuperable el viejo acontecimiento, desemboca a fin de cuentas em el sometimiento del presente al pasado. El uso ejemplar, por el contrario, permite utilizar el pasado com vistas al presente, aprovechar las lecciones de las injusticias sufridas para luchar contra las que se producen hoy día, y separarse del yo para ir hacia el outro.”

exemplar. Contudo, entender a memória também ajuda a observar como o objeto de pesquisa (no caso, os menonitas) lida com o seu passado, e qual a narrativa que ele constrói.

A forma como este grupo se relaciona com o seu passado sofreu constantes transformações ao longo de sua história. Pode-se afirmar, como já verificado, que a memória dos menonitas sempre é ao mesmo tempo individual e coletiva. Também pode-se afirmar que ela é sempre intencional. Neste sentido, a memória foi por vezes dominante, e outras vezes resistente.

A memória resistente está normalmente associada à opressão pelo estado ou sociedade sobre um grupo minoritário:

“Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante.”²²

A forma como os menonitas lidaram com o seu passado variou de acordo com o contexto em que eles se encontravam. Enquanto os períodos de migrações, contados a partir da narrativa de perseguições, foram marcados pela memória resistente, os períodos de estabilidade foram marcados pela memória dominante. Conforme as circunstâncias mudam, a identidade é transformada, e também se transforma a forma de lidar com o passado, pois a narrativa sobre o passado, mesmo que se apresente como verdade, sempre é determinada por interesses presentes.

Com olhar crítico, será observada a narrativa dos menonitas sobre a sua saga, escrita por autores menonitas ou protestantes, sobre a origem do grupo até a sua vida no Brasil. Reconhece-se que o passado não existe mais, mas que ele é relevante para entender situações presentes. Parte-se do pressuposto de que o próprio objeto de pesquisa tem sua narrativa sobre o passado, que na maioria das vezes é apresentada como verdade, mas é de fato uma memória literal: é a forma como o grupo lembra o seu passado.

²² POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricas*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p.5.

1.3 Trajetória

1.3.1 A reforma

Na narrativa protestante, mais especificamente para Walker²³, a reforma protestante teve seus primórdios em uma Europa muito católica e com uma insatisfação crescente devido a alguns abusos que estavam ocorrendo, como a criação de novos impostos, taxas e multas. Segundo o autor, especialmente o laicato mais alfabetizado e educado percebeu a situação abusiva: uma corrente de taxas e impostos que vinha do papado para cobrir as altas despesas desencadeadas pela manutenção de sua posição política na Itália.²⁴

Walker coloca que dentre os reformadores, o mais comentado é Martinho Lutero. Lutero nasceu em Eisleben, no ano de 1483. Ele se tornou monge e professor de teologia, tendo interrompido sua formação em direito contra a vontade de seu pai. Em seus estudos, discordou de alguns pontos da teologia ensinada pela Igreja Católica, e também se opôs contra os abusos que percebia, como as indulgências. Ainda em Walker, consta que dos escritos de Lutero, as “noventa e cinco teses” foram as que tiveram maior repercussão. Lutero as tornou públicas no dia 31 de outubro de 1517. Posteriormente, foi intimado, excomungado e condenado pela Igreja, mas com o apoio e proteção do príncipe Frederico, se refugiou no castelo Wartburgo, de onde continuou escrevendo, e também iniciou sua tradução do Novo Testamento do latim para a língua de seu povo.²⁵

Walker escreve que, enquanto Lutero estava em Wartburgo, outros homens deram prosseguimento à reforma em outros locais. No entanto, alguns propunham mudanças ainda mais radicais. Dessa forma, ocorreram rompimentos dentro do movimento de reforma, logo no início deste processo. Na visão de Walker, a ruptura mais séria se deu com a revolta dos camponeses. Lutero inicialmente reconheceu as exigências dos camponeses, mas quando a rebelião se tornou mais violenta, ele apoiou os príncipes e senhores, e a rebelião foi contida. No dia 15 de maio de 1525, foram mortos seis mil camponeses. Apesar destas rupturas, o luteranismo continuou tomando força, e alguns príncipes alemães começaram a organizar igrejas territoriais luteranas, sob a influência desse líder.²⁶

²³ Williston Walker (1860-1922) foi professor no Seminário Teológico de Hartford e na Universidade de Yale.

²⁴ WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 2006. p.489-490.

²⁵ *Ibidem*, p.492-506.

²⁶ *Ibidem*, p.506-516.

Enquanto isso, na Suíça, Zwínglio, nascido em 1484, também começou a propor algumas mudanças na igreja a partir de seus estudos. Segundo Walker, ele defendeu sua posição em um debate público ordenado pelo conselho municipal de Zurique em 1523, e sua posição foi aprovada por esse órgão. Dessa forma, ele obteve autorização para continuar pregando. A postura de Zwínglio, conforme a perspectiva de Walker, era mais política que de outros reformadores, com a proposição de mudanças graduais. No entanto, assim como ocorreu na Alemanha com Lutero, nem todos concordaram com o seu método. Alguns seguidores achavam que a reforma deveria ocorrer de forma mais rápida e radical. Este grupo foi chamado de anabatista, pois rebatizava quem se juntava a eles por acreditarem que o batismo infantil não era válido.²⁷

Ainda segundo Walker, Zwínglio se opôs aos primeiros anabatistas. Em 7 de março de 1526 o conselho de Zurique lançou um decreto condenando esse grupo ao afogamento, um castigo que parodiava o batismo. Entrementes, o fator que mais corroborou para a sua perseguição foi a crença na total separação entre igreja e estado. Os anabatistas acreditavam que, sendo a fé voluntária, os governantes não deveriam exigir uma uniformidade religiosa. Baseados na passagem bíblica referente ao Sermão do Monte, eles se recusavam a fazer juramentos e a participar do serviço militar. Dessa forma, foram interpretados como um grupo hostil à sociedade organizada. Apesar de muitos anabatistas terem sido sentenciados à morte, o movimento continuou crescendo. Com isso, as obras de Lutero e também os escritos de Calvino, outro grande expoente da reforma, passaram a se opor, por um lado, à igreja católica e, por outro, aos anabatistas.²⁸

Na narrativa que os menonitas fazem de sua história, um ponto central é a perseguição, caracterizando uma parte de suas memórias como resistentes. Conforme a narrativa de Peter P. Klassen, os menonitas, seguindo os ensinamentos de Menno Simons, tinham como ideais a total separação entre Igreja e Estado; uma comunidade formada por crentes; o batismo de adultos a partir da confissão de fé; e a não-violência e não-adesão ao serviço militar baseados no Sermão do Monte. Tal autor afirma que o governo, a Igreja Católica e a Igreja Luterana os identificaram como radicais e os perseguiram. A sua resistência pacífica, mas não silenciosa, resultou em um grande número de mártires no grupo.²⁹

²⁷ WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 2006. p.517-533.

²⁸ *Ibidem*, p.533-537.

²⁹ KLASSEN, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1: Rio Alto Krauel und Stoltzplateau in Santa Catarina. Bolanden- Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1995. p.15.

Walker avalia que os anabatistas eram, em geral, pacíficos e persistentes apesar das perseguições. No entanto, levantaram-se alguns líderes radicais revolucionários, como João Mathys, que acreditava que o poder de Deus deveria ser imposto à força. Com isso, ocorreram episódios violentos como a revolução de Münster entre 1534 e 1535. O nome dos anabatistas, naquele momento, ficou associado aos radicais revolucionários. Desta forma, o grupo se tornou ainda menos aceito.³⁰

Pouco depois, de acordo com Krahn e Dyck, em 1537, entra em cena Menno Simons. Ele não foi o fundador do movimento anabatista nos Países Baixos, mas assumiu sua liderança e recuperou o conceito do pacifismo anabatista no momento em que eles estavam sendo influenciados pelas ideias revolucionárias dos munsteritas.³¹

Há muitos escritos, de acordo com Horsch, que descrevem a história dos anabatistas com ênfase nos munsteritas, que foi um grupo violento, e Menno Simons é descrito como líder de seitas corruptas.³² No entanto, os menonitas e a maior parte dos grupos anabatistas se opunham aos munsteritas e outros grupos violentos. Horsch traz em seu livro um relato de Christoph Andreas Fisher, padre em Feldsberg, na Áustria, que descreve os anabatistas como pacíficos e com uma vida aparentemente santa e, por isso, como lobos em pele de ovelhas:

“Dentre todas as heresias e seitas... qual tem a aparência mais bela e santidade aparente que os anabatistas? Outras seitas, como os calvinistas, luteranos e zwinglianos são em sua maioria sediciosos, cruéis e dados a indulgências carnavais. Não são assim os anabatistas. Eles chamam uns aos outros de irmãos e irmãs, não usam palavras profanas ou ásperas, não juram, não usam armas e no início nem mesmo carregavam facas. Eles não são intemperados no comer e no beber, eles não usam vestimentas que indicam desejo de se exibir. Eles não vão à lei perante os magistrados, eles suportam tudo com paciência, e no Espírito Santo, assim eles fingem. Quem acreditaria que por baixo destas roupas de ovelhas estão escondidos somente lobos vorazes!”³³

Neste e em outros relatos apresentados por Horsch, os anabatistas aparecem como pessoas que aparentemente querem viver uma vida santa e honesta, mas são julgados hereges

³⁰ WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 2006. p.537-538.

³¹ KRAHN, Cornelius; DYCK, Cornelius J. Menno Simons (1496-1561). *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. 1990. Disponível em: <[http://gameo.org/index.php?title=Menno_Simons_\(14961561\)&oldid=145845](http://gameo.org/index.php?title=Menno_Simons_(14961561)&oldid=145845)>. Acesso em: 25 mar. 2017.

³² HORSCH, John. The anabaptists. IN: HORSCH, John. *Menno Simons: his life, labors and teachings*. Scottsdale: Mennonite Publishing House, 1916. Disponível em: <<https://www.mennosimons.net/biography.html>> Acesso em: 25 Mar. 2017.

³³ *Ibidem*.

por causa das suas convicções religiosas. Para as autoridades, tanto da região da Frísia quanto da Alemanha, a doutrina dos menonitas era considerada um crime que devia ser punido com a morte, mesmo que negassem a sua fé.³⁴

O pacifismo, observa Sawatsky, se tornou uma característica importante para os menonitas. Primeiro, porque se tornou uma referência da diferenciação entre eles e os movimentos anabatistas mais violentos, e segundo porque foi uma das características que unificaram e preservaram a ideologia menonita, tornando-se importante para a futura construção de uma coerência de grupo e etnogênese, ou seja, a formação de uma nova identidade étnica³⁵.

1.3.2 Menno Simons

Menno Simons nasceu em 1496, em Witmarsum, na região da Frísia, na Holanda. De acordo com Krahn e Dyck, seus pais provavelmente trabalhavam em uma fazenda de gado leiteiro. Walker conta que em 1524, Menno Simons foi ordenado padre e iniciou seu trabalho na paróquia de Pingjum, próximo a Witmarsum. Ainda neste ano, ele começou a questionar algumas doutrinas da Igreja Católica.

No entanto, ainda segundo Krahn e Dyck, Menno não buscou respostas de imediato, pois sabia que Lutero e Zwínglio, entre outros, se separaram da Igreja Católica ao buscarem respostas na Bíblia. Como escreve o próprio Menno Simons:

“Ambos [os outros padres da paróquia] já haviam lido partes das Escrituras mas eu não havia tocado nelas na minha vida, pois eu temia que se eu a lesse, eu seria induzido ao erro”.³⁶

Entretanto, ele começou a estudá-la apenas dois anos depois, em 1526, e, segundo Krahn e Dyck, sentiu-se dividido entre a autoridade deste livro e da Igreja, pois encontrou divergências entre os ensinamentos. Reconhecendo cada vez mais a autoridade da Bíblia, leu

³⁴ HORSCH, John. The anabaptists. IN: HORSCH, John. *Menno Simons: his life, labors and teachings*. Scottsdale: Mennonite Publishing House, 1916. Disponível em: <<https://www.mennosimons.net/biography.html>> Acesso em: 25 Mar. 2017.

³⁵ SAWATSKY, Roland Meyer. *The control of social space in mennonite housebarns of Manitoba, 1874-1940*. Burnaby: Simon Fraser University, 2005. p.33.

³⁶ HORSCH, John. Menno Simons' Conversion and baptism. IN: HORSCH, John. *Menno Simons: his life, labors and teachings*. Scottsdale: Mennonite Publishing House, 1916. Disponível em: <<https://www.mennosimons.net/biography.html>> Acesso em: 25 Mar. 2017. Tradução livre da autora. No original: “Both had in part read the Scriptures but I had not touched them in my life, for I feared if I should read them, I would be misled [on the supposition that the pope and the official representatives of the church alone are in a position to understand the Scriptures properly].”

também alguns escritos de Lutero.³⁷ Ficou conhecido como um pastor evangélico, nome que, de acordo com John Horsch, era dado aos padres que simpatizavam com os ensinamentos de Lutero e pregavam a sua doutrina, embora continuassem com os ritos da Igreja Católica Romana.³⁸

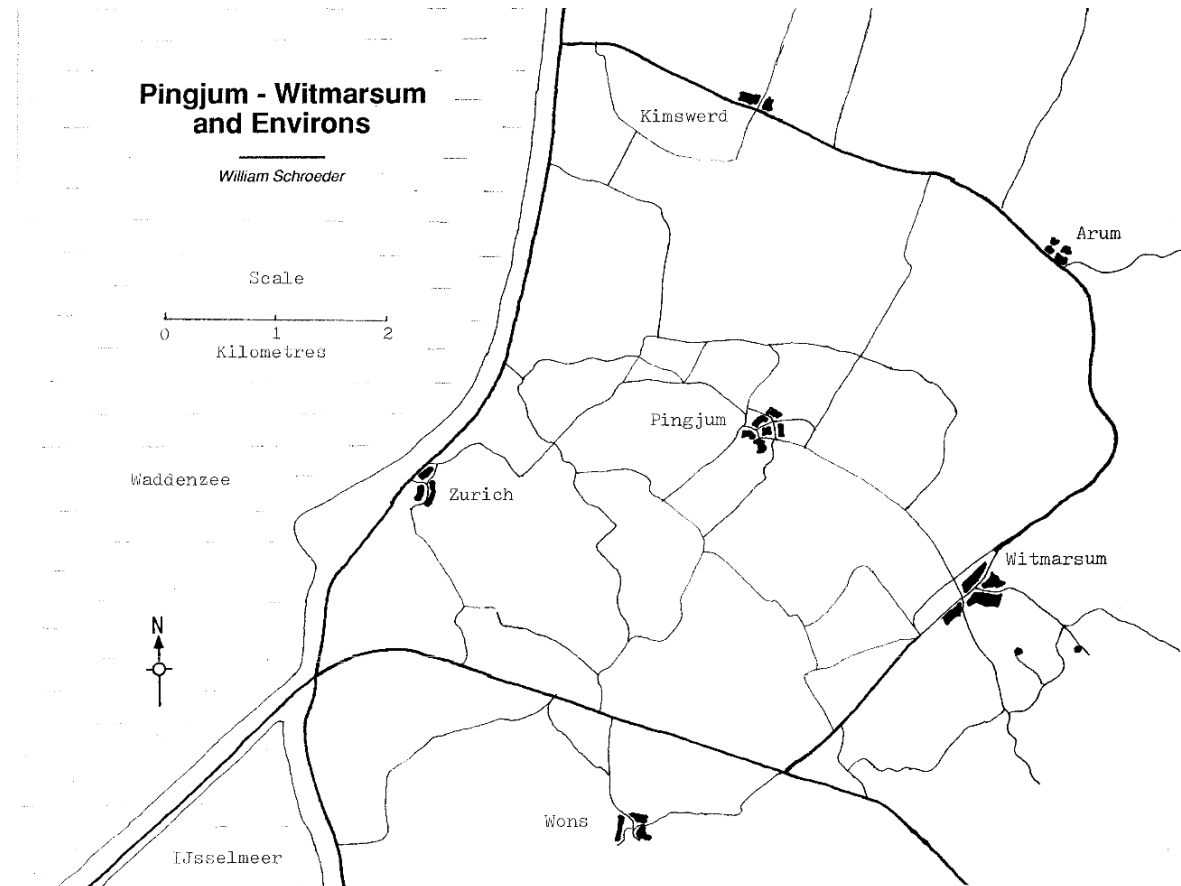


Figura 2 - Pingjum, Witmarsum e arredores³⁹

Krahn e Dick afirmam que ele continuou na Igreja Católica, aceitando um convite para ser padre na igreja Witmarsum em 1931, mesmo após ter sido impactado pela história de Jan Wolkerts Trypmaker, que foi morto por ter sido rebatizado pelos anabatistas. Os mesmos autores contam que neste mesmo ano Menno já estava convencido de que o batismo voluntário pela fé, e não o batismo infantil, seria a prática cristã correta. De acordo com Menno Simons:

³⁷ KRAHN, Cornelius; DYCK, Cornelius J. Menno Simons (1496-1561). *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. 1990. Disponível em: <[http://gameo.org/index.php?title=Menno_Simons_\(14961561\)&oldid=145845](http://gameo.org/index.php?title=Menno_Simons_(14961561)&oldid=145845)>. Acesso em: 25 mar. 2017.

³⁸ HORSCH, John. Menno Simons' Conversion and baptism. IN: HORSCH, John. *Menno Simons: his life, labors and teachings*. Scottdale: Mennonite Publishing House, 1916. Disponível em: <<https://www.mennosimons.net/biography.html>> Acesso em: 25 Mar. 2017.

³⁹ *Pingjum, Witmarsum and environs*. 1 desenho. IN: SCHROEDER, William. *Maps and Historical Notes related to Mennonite History*. Winnipeg: Mennonite Heritage Centre, 2008. p.10. Disponível em: <http://www.mennonitechurch.ca/programs/archives/holdings/Schroeder_maps/>. Acesso em: 15 jul. 2015.

“Depois aconteceu que, antes que eu tivesse ouvido sobre os Irmãos [suíços], um homem temente a Deus e piedoso chamado Sikke Snyder foi decapitado em Leeuwarden por que foi batizado. Realmente foi estranho para mim ouvir falar sobre um segundo batismo. Eu examinei as Escrituras com diligência e sério empenho mas não achei nada concernente ao batismo infantil.”⁴⁰

Foram os eventos que ocorreram em Münster entre 1534 e 1535 que mudaram definitivamente o rumo de Menno Simons. Nestes anos, o movimento anabatista liderado por Melchior Hoffman se transformou em um movimento revolucionário militante que queria transformar a cidade de Münster, à força, na “Nova Jerusalém”. Krahn e Dyck alegam que Menno Simons já pregava contra as práticas e princípios adotados pelo grupo, quando no dia 7 de abril de 1535 eles foram derrotados e muitos foram mortos, incluindo provavelmente o irmão de Menno Simons, chamado Peter Simons. No dia 25 de julho do mesmo ano, o movimento em Münster chegou ao fim e seus líderes foram torturados até a morte. Menno sentiu-se impactado e começou a expor sua posição mais abertamente, ao ponto de receber ameaças.⁴¹ Ele relata:

“Depois que isso aconteceu [os eventos em Münster], o sangue dessas pessoas, apesar de eles terem sido enganadas, tornou-se um fardo para mim de modo que não o poderia suportar ou encontrar descanso na minha alma. Eu refleti sobre a minha vida carnal e pecaminosa, bem como sobre a minha doutrina hipócrita [testificando contra o romanismo, mas ainda observando as suas formas] e a idolatria que eu diariamente praticava em aparência sem satisfação e contra a minha própria alma. (...) Em consequência, eu comecei a pregar publicamente do púlpito em nome do Senhor a palavra do verdadeiro arrependimento, para direcionar o povo ao caminho estreito, e, com o poder das Escrituras, reprovar todo pecado e impiedade, toda idolatria e falsa adoração, e a testemunhar a verdadeira adoração, o batismo e a ceia do Senhor de acordo com o ensinamento de Cristo.”⁴²

⁴⁰ HORSCH, John. Menno Simons' Conversion and baptism. IN: HORSCH, John. *Menno Simons: his life, labors and teachings*. Scottdale: Mennonite Publishing House, 1916. Disponível em: <<https://www.mennosimons.net/biography.html>> Acesso em: 25 Mar. 2017. Tradução livre da autora. “Afterwards it came to pass, before I had ever heard of the Brethren, that a God-fearing, pious man named Sikke Snyder was beheaded at Leeuwarden for the reason that he had been baptized. It sounded to me strange indeed to hear of a second baptism. I examined the Scriptures with diligence and earnest application but could find nothing concerning infant baptism.”

⁴¹ KRAHN, Cornelius; DYCK, Cornelius J. Menno Simons (1496-1561). *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. 1990. Disponível em: <[http://gameo.org/index.php?title=Menno_Simons_\(14961561\)&oldid=145845](http://gameo.org/index.php?title=Menno_Simons_(14961561)&oldid=145845)>. Acesso em: 25 mar. 2017.

⁴² HORSCH, John. Menno Simons' Conversion and baptism. IN: HORSCH, John. *Menno Simons: his life, labors and teachings*. Scottdale: Mennonite Publishing House, 1916. Disponível em: <<https://www.mennosimons.net/biography.html>> Acesso em: 25 Mar. 2017. Tradução livre da autora. “After this had transpired, the blood of these people, although they were deceived, became such a burden to me that I could not endure it nor find rest in my soul. I reflected upon my carnal, sinful life as well as on my hypocritical doctrine

Ainda conforme Krahn e Dyck, em janeiro de 1536, diante dessa mudança de postura, Menno deixou sua paróquia.⁴³ Pouco tempo depois, conforme Horsch descreve, Simons foi batizado por Obbe Philips, líder de uma denominação anabatista holandesa. Menno Simons se identificou com este grupo, e se tornou um proeminente líder. Especificamente, ao escrever o “Livro de Fundamento”, uma de suas obras mais importantes, alguns anabatistas o procuraram para pedir sua liderança, e ele aceitou.⁴⁴

“Mas assim que eu, como Salomão, vi que tudo era vaidade, e, com Paulo, considerei tudo insignificante, quando renunciei à arrogante e ímpia vida deste mundo e busquei a Ti e Teu reino que permanecerá para sempre, encontrei em toda parte a compensação e a provisão. Antes eu era honrado, agora sou desonrado; antes tudo era amor, agora, ódio; antes eu era um amigo, agora, um inimigo, antes, sábio, agora, tolo, antes piedoso, agora perverso, antes, cristão, agora, um herege; sim, me tornei a todos uma abominação e um malfeitor.”⁴⁵

Krahn e Dyck relatam que entre 1536 e 1554, Menno não conseguiu achar um lugar no qual pudesse morar em segurança, pois estava sendo perseguido. Com sua esposa e filhos, não morou mais que meio ano no mesmo lugar.⁴⁶ Em 1539, Tjaard Renicx of Kimsverd foi executado por abrigar Menno Simons em sua casa.

[testifying against Romanism, but as yet observing its forms] and idolatry which I daily practiced in appearance without satisfaction and against my own soul. (...) In consequence, I began in the name of the Lord to preach publicly from the pulpit the word of true repentance, to direct the people unto the narrow path and with the power of the Scriptures to reprove all sin and ungodliness, all idolatry and false worship, and to testify to the true worship, also baptism at the Lord's supper according to the teaching of Christ.”

⁴³ KRAHN, Cornelius; DYCK, Cornelius J. Menno Simons (1496-1561). *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. 1990. Disponível em: <[http://gameo.org/index.php?title=Menno_Simons_\(14961561\)&oldid=145845](http://gameo.org/index.php?title=Menno_Simons_(14961561)&oldid=145845)>. Acesso em: 25 mar. 2017.

⁴⁴ HORSCH, John. Menno Simons' Conversion and baptism. IN: HORSCH, John. *Menno Simons: his life, labors and teachings*. Scottdale: Mennonite Publishing House, 1916. Disponível em: <<https://www.mennosimons.net/biography.html>> Acesso em: 25 Mar. 2017.

⁴⁵ *Ibidem*. Tradução livre da autora. “But, as soon as I, with Solomon, saw that all was vanity and, with Paul, esteemed all as nothing, when I renounced the haughty, godless life of this world and sought Thee and Thy kingdom which will abide forever, I have found everywhere the counterpart and reserve. Before I was honored, now I am dishonored; before all was love, now hatred; before I was a friend, now an enemy, before wise, now foolish, before pious, now wicked, before Christian, now a heretic; yea, an abomination and an evil-doer I have become to all.”

⁴⁶ KRAHN, Cornelius; DYCK, Cornelius J. Menno Simons (1496-1561). *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. 1990. Disponível em: <[http://gameo.org/index.php?title=Menno_Simons_\(14961561\)&oldid=145845](http://gameo.org/index.php?title=Menno_Simons_(14961561)&oldid=145845)>. Acesso em: 25 mar. 2017.

A trajetória de Menno Simons terminou em Wüstenfelde, no dia 31 de janeiro de 1561, quando ele faleceu.⁴⁷ Os seus seguidores foram chamados menonitas e estabeleceram igrejas nos Países Baixos e no norte da Alemanha.⁴⁸

1.3.3 Os menonitas na Polônia

Pode-se considerar dois grupos de menonitas: os menonitas de origem suíça, que foram diretamente da Suíça para a Pensilvânia, Estados Unidos, ou indiretamente, passando pela Alemanha, durante o início do século XVIII; e os menonitas de origem holandesa que se estabeleceram no delta do rio Vistula, próximo a Gdansk⁴⁹ e migraram para a Rússia⁵⁰ no fim do século XVIII.⁵¹ A Colônia Witmarsum, no Brasil, foi estabelecida por menonitas que descendem deste segundo grupo, portanto, o foco da pesquisa continuará neste segmento apenas.

Anteriormente à presença deste grupo na Rússia, os menonitas holandeses que migraram para a região de Gdansk, conforme Sawatsky, vinham de contextos urbanos e rurais, em sua maioria de classe média e baixa. Havia entre eles comerciantes, fazendeiros, tecelões, artesãos, ex-padres, mas se destacaram os fazendeiros, que tinham experiência com drenagem de solos e se tornaram muito úteis na região do delta do rio Vístula.⁵²

Os menonitas foram para tal região fugindo da perseguição, segundo a narrativa de Peter P. Klassen. Tal autor coloca que lá eles foram tolerados devido ao trabalho que prestavam como fazendeiros e artesãos. O governo permitiu que eles se abstivessem do serviço militar, no entanto, mudou de ideia em tempos de crise.⁵³ Dyck-Thiessen escreve que os menonitas que migraram para Gdansk em meados do século XVI mantiveram contato com a Holanda por pelo

⁴⁷ KRAHN, Cornelius; DYCK, Cornelius J. Menno Simons (1496-1561). *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. 1990. Disponível em: <[http://gameo.org/index.php?title=Menno_Simons_\(14961561\)&oldid=145845](http://gameo.org/index.php?title=Menno_Simons_(14961561)&oldid=145845)>. Acesso em: 25 mar. 2017.

⁴⁸ WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 2006. p.538.

⁴⁹ Cidade da atual Polônia.

⁵⁰ As colônias menonitas iniciais ficavam localizadas no território da Nova Rússia, atual Ucrânia. Com o tempo, as colônias se expandiram também para o território da atual Rússia. Dessa forma, nesta dissertação, o termo Rússia será utilizado para se referir tanto ao território russo quanto ucraniano.

⁵¹ KRAHN, Cornelius; ZIJPP, Nanne van der; KREIDER, Robert S. Architecture. *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. 1989. Disponível em: <<http://gameo.org/index.php?title=Architecture&oldid=143481>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

⁵² SAWATSKY, Roland Meyer. *The control of social space in mennonite housebarns of Manitoba, 1874-1940*. Burnaby: Simon Fraser University, 2005. p.33.

⁵³ KLASSEN, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1: Rio Alto Krauel und Stoltzplateau in Santa Catarina. Bolanden- Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1995. p.15.

menos dois séculos. Os primeiros menonitas que se mudaram para Gdansk dos quais se tem informação, migraram no ano de 1529, e deste ano até 1549 sua comunidade se reunia nas casas, estábulos e campos abertos. Então, em 1549, Menno Simons começou a organizar a crescente comunidade menonita desta região em uma congregação. Neste sentido, afirma Dyck-Thiessen, ele foi o primeiro ancião da comunidade, embora não tenha se mudado para lá.

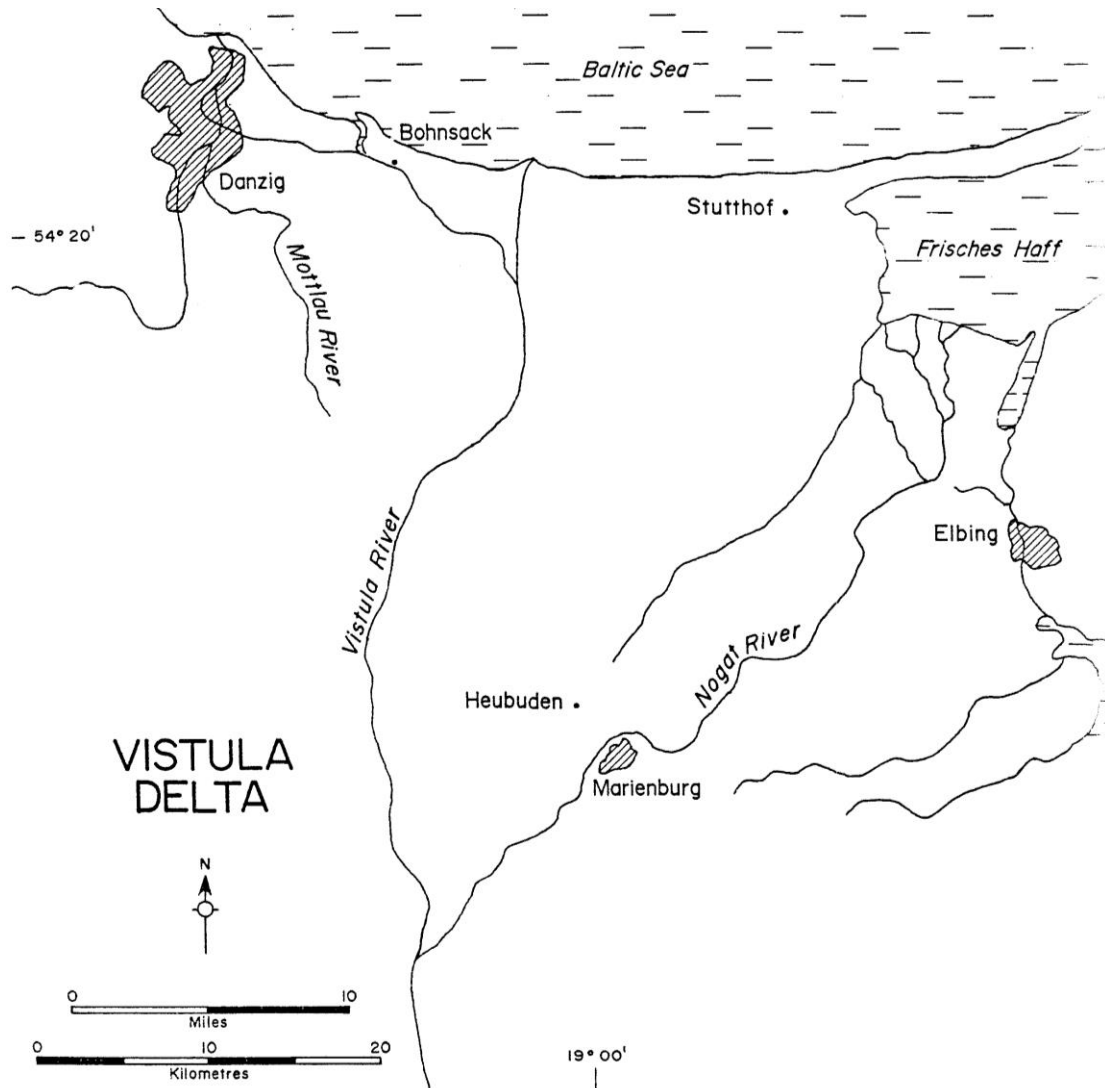


Figura 3 - Delta do rio Vístula⁵⁴

Dyck-Thiessen afirma que Dirk Philipps, pelo contrário, mudou-se de Amsterdã para Shattland, próximo a Gdansk, no ano de 1550. Ele assumiu a posição de Menno Simons na

⁵⁴ *Vistula Delta*. 1 desenho. IN: SCHROEDER, William. *Maps and Historical Notes related to Mennonite History*. Winnipeg: Mennonite Heritage Centre, 2008. p.21. Disponível em: <http://www.mennonitechurch.ca/programs/archives/holdings/Schroeder_maps/>. Acesso em: 15 jul. 2015.

comunidade em 1561, após a morte deste. Neste mesmo ano, o governador holandês aumentou a perseguição aos menonitas, e um maior fluxo de refugiados holandeses foi para Gdansk. A pedido de Dirk Philipps, a congregação menonita de Amsterdã enviou Hans Sikken para auxiliar na congregação de Gdansk. Eles lideraram a comunidade até 1568. Neste período, de acordo com Dyck-Thiessen, todos os pregadores e membros fundadores da igreja na comunidade eram holandeses. Apenas a partir de 1600 a congregação passou a escolher seus líderes na própria congregação. No entanto, a comunicação e envio de dinheiro pela congregação holandesa se manteve nos séculos XVII e XVIII.⁵⁵

Dyck-Thiessen estima que no ano de 1780, 75% da comunidade menonita de Gdansk migrou para a Rússia. Foi então que o processo de aculturação acelerou. A língua holandesa passou a ser substituída pelo alemão, nas igrejas, e pelo *Plattdeutsch*, nos lares. John Friesen observa que a maioria dos livros sobre a história dos menonitas não leva em conta que Gdansk fazia parte da República das Duas Nações (União do Reino da Polônia e do Grão-Ducado da Lituânia). Os menonitas começaram a escrever sobre a sua história apenas no século XIX, quando a Polônia deixou de existir como tal. Na opinião de Friesen, a interpretação que os menonitas fazem da sua história é feita a partir do contexto em que estavam vivendo, não levando em conta o contexto em que a história se passa, porque estava sendo influenciada pelo nacionalismo prussiano e alemão. O mesmo autor argumenta que até mesmo o posterior nacional socialismo de Hitler é percebido nas publicações menonitas a partir de 1930, exaltando sua origem alemã e frísia, que era considerada a melhor das raças alemãs. A identidade menonita passou, naquele momento, a ser entendida por eles mesmos como pura e superior.⁵⁶

No entanto, afirma Friesen, é interessante notar que na região de Gdansk havia muitos alemães, mas os menonitas eram identificados como holandeses, não como alemães: “eles eram um grupo minoritário duplo, holandeses e menonitas, em um contexto de poloneses e alemães que eram católicos romanos, luteranos e calvinistas”.⁵⁷ Friesen entende que o contexto polonês em que estavam inseridos é, portanto, de grande importância para interpretar a história dos menonitas: a Polônia se orgulhava de exercer tolerância religiosa, o que era uma política única

⁵⁵ DYCK-TIESSSEN, Linda. Mennonites in Danzig: Dutch origins and ties. *Canadian Journal of Netherlandic Studies*. Canadá, v. 2, p.54-61, outono, 1980. Disponível em: <http://caans-acaen.ca/Journal/issues_online/Issue_II_i_1980b/>. Acesso em: 30 de março de 2017.

⁵⁶ FRIESEN, John. Mennonites in Poland: An expanded historical view. *Journal of Mennonite Studies*. Winnipeg, v. 4, p.94-108, 1986. Disponível em: <<http://jms.uwinnipeg.ca/index.php/jms/issue/view/10>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

⁵⁷ *Ibidem*, p.102. Tradução livre da autora. No original: “They were a double minority, Dutch and Mennonite in a context of Poles and Germans who were Roman Catholic, Lutheran and Calvinist.”

na Europa. Tal país refugiava grupos minoritários cristãos e também judeus. Isso explica, afirma Friesen, porque os nobres da região aceitaram menonitas para se estabelecer em seus territórios: a política oficial polonesa o permitia. Os menonitas estavam, dessa forma, protegidos.⁵⁸

Do ponto de vista de Sawatzky,⁵⁹ foi neste período, na Polônia, que os menonitas experimentaram uma etnogênese, ou seja, que eles formaram uma nova identidade étnica. Contribuíram para isso vários fatores. O mesmo autor argumenta que a formação desta etnicidade não foi apenas uma resposta à tensão sociopolítica que enfrentaram, mas também se formou pelas experiências compartilhadas, ritmos de vida, o *habitus* compartilhado que em parte eram baseados nas suas ideologias.⁶⁰ Além disso, eles se consideravam uma comunidade separada, diferente das outras populações do local. Com a adoção de uma língua comum, a sua religião distinta e, de certa forma, radical, e as oportunidades econômicas restritas, a expressão da sua nova identidade étnica se deu principalmente através da aderência a formas de ortopraxia⁶¹ na vida cotidiana. Sawatzky também escreve que a ortopraxia continuou importante para os menonitas até o século XX.⁶²

Quanto à arquitetura, Sawatzky descreve que foi padronizada na sua forma rural, com um conceito que foi reproduzido mais tarde na Rússia e na América do Norte.⁶³ Os povoados de poloneses nativos na região do delta do rio Vístula eram compactos. Fazendeiros mais ricos tinham estábulos, habitações e galpões como unidades separadas, enquanto os mais pobres tinham uma construção que combinava casa e estábulo. Os menonitas, ao chegarem, se instalaram em áreas pouco habitadas, à beira dos rios, e cada fazendeiro tinha o seu terreno próprio com uma rua conectando os terrenos entre si. Muitos construíram suas fazendas em terrenos pantanosos, que foram chamadas de *Marshhufendorfer*, ou aldeias-dique. Suas casas tinham a parte residencial voltada para a rua, e o estábulo voltado para o rio. Assim, cada fazendeiro tinha acesso à água. Sawatzky afirma que essa disposição das terras contribuiu para a solidariedade do grupo, sendo que suas casas eram próximas umas às outras e todos tinham

⁵⁸ FRIESEN, John. Mennonites in Poland: An expanded historical view. *Journal of Mennonite Studies*. Winnipeg, v. 4, p.94-108, 1986. Disponível em: <<http://jms.uwinnipeg.ca/index.php/jms/issue/view/10>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

⁵⁹ SAWATSKY, Roland Meyer. *The control of social space in mennonite housebarns of Manitoba, 1874-1940*. Burnaby: Simon Fraser University, 2005. p.29.

⁶⁰ *Ibidem*, p.36.

⁶¹ Ênfase na conduta correta.

⁶² SAWATSKY, Roland Meyer. *The control of social space in mennonite housebarns of Manitoba, 1874-1940*. Burnaby: Simon Fraser University, 2005. p.29.

⁶³ *Ibidem*, p.37.

acesso igual à água e pastagens, e conseqüentemente também sofriam juntos quando havia enchentes⁶⁴.

As suas habitações com casa e estábulo era uma derivação do estilo de casas rurais medieval baixo saxão, em que habitação, estábulo e celeiro ficavam debaixo do mesmo teto. Existem várias variações deste estilo, e não se sabe com certeza quais combinações e influências as habitações menonitas continham.⁶⁵ Sawatsky observa que os menonitas incorporaram à sua casa dois elementos importantes da etnia eslava cassubiana, presente na região desde antes do século XVI: a cozinha preta (*Schwoatet Tjaatj*), que era basicamente uma chaminé do tamanho de um quarto, que servia como cozinha, e cuja fumaça era direcionada para outro ambiente em que as carnes eram defumadas; e um sistema de aquecimento eslavo que consistia em um fogão de tijolos dispostos em volta da cozinha preta, para aproveitar o mesmo calor e aquecer todos os ambientes que o cercavam.⁶⁶

Com o tempo, estas regiões se tornaram menos isoladas e os menonitas aos poucos deixaram de construir as unidades com casa e estábulo juntos. No entanto, os primeiros grupos que migraram para a Rússia usaram novamente este conceito de casa (Figura 4). Sawatsky sugere que ela tinha para eles um significado maior quanto à tradição, ideologia e solidariedade⁶⁷.



Figura 4 - Habitação tradicional menonita russa⁶⁸

⁶⁴ SAWATSKY, Roland Meyer. *The control of social space in mennonite housebarns of Manitoba, 1874-1940*. Burnaby: Simon Fraser University, 2005. p.50.

⁶⁵ *Ibidem*, p.52.

⁶⁶ *Ibidem*, p.56.

⁶⁷ SAWATSKY, Roland Meyer. *The control of social space in mennonite housebarns of Manitoba, 1874-1940*. Burnaby: Simon Fraser University, 2005. p.51.

⁶⁸ Imagem retirada de: KRAHN, Cornelius; ZIJPP, Nanne van der; KREIDER, Robert S. *Architecture. Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. 1989. Disponível em: <<http://gameo.org/index.php?title=Architecture&oldid=143481>>. Acesso em: 25 mar. 2017. Texto da imagem

1.3.4 Os menonitas na Rússia

Novamente, foi a perseguição e a pressão que sofreram que se tornou a principal razão, na sua narrativa, pela qual os menonitas migraram para a Rússia (região da Criméia, Cáucaso, no rio Wolga e Ural).⁶⁹ Conforme escrevem Krahn e Sawatsky, das razões para a migração menonita para a Rússia, sobressai o fato de que sempre foram minoria na região do rio Vístula, oprimidos devido à religião, por não quererem servir ao exército e por estarem rapidamente crescendo nas áreas rurais. Eram tolerados devido às vantagens econômicas que traziam para a região. Além disso, em 1789, uma lei proibiu os menonitas de comprarem novas terras.

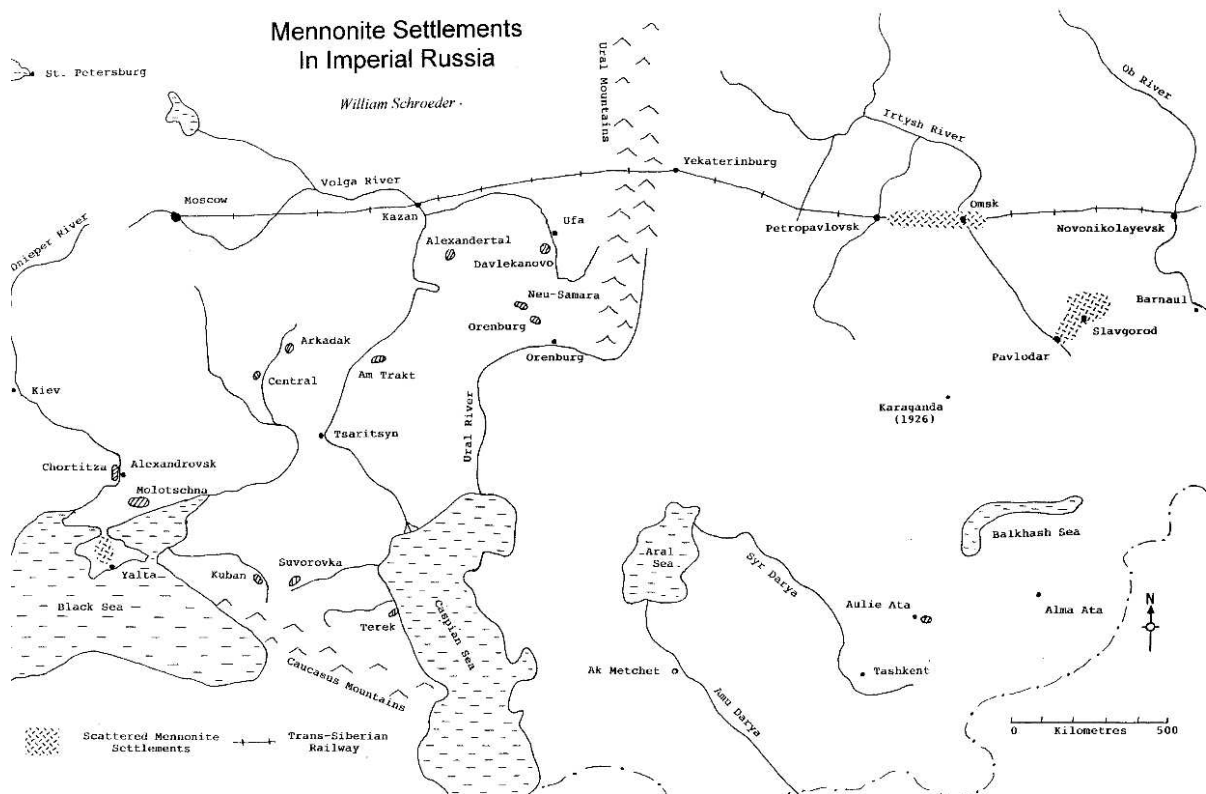


Figura 5 - Assentamentos menonitas na Rússia Imperial⁷⁰

traduzido pela autora. Sawatsky apresenta três imagens distintas de habitações dos menonitas, mas que apresentam a mesma estrutura de habitação – estábulo – celeiro: SAWATSKY, Roland Meyer. *The control of social space in mennonite housebarns of Manitoba, 1874-1940*. Burnaby: Simon Fraser University, 2005. p.60-61.

⁶⁹ KLASSEN, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1: Rio Alto Krauel und Stoltzplateau in Santa Catarina. Bolanden- Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1995. p.15.

⁷⁰ *Mennonite Settlements in Imperial Russia*.. 1 desenho. IN: SCHROEDER, William. *Maps and Historical Notes related to Mennonite History*. Winnipeg: Mennonite Heritage Centre, 2008. p.38. Disponível em: <http://www.mennonitechurch.ca/programs/archives/holdings/Schroeder_maps/>. Acesso em: 15 jul. 2015.

Segundo estes autores, diante dessas circunstâncias, os menonitas foram levados a considerar o convite da Czarina Catarina II, que tinha como objetivo ocupar as terras inabitadas da Rússia. O Manifesto de 22 de julho de 1763 emitido por Catarina II trazia várias vantagens para os imigrantes. Quando a czarina soube dos menonitas que moravam em Gdansk, estendeu o convite a eles. Jacob Höppner e Johann Bartsch foram inspecionar as terras em 1787 e, satisfeitos com as condições, abriram o caminho para as famílias interessadas. O objetivo principal da Rússia nesta época era ocupar a Nova Rússia, atual Ucrânia, que ficou sob o domínio russo a partir da anexação da Criméia em 1783.⁷¹

Na Rússia, os menonitas se estabelecem no início do século XIX, onde permaneceram por aproximadamente 100 anos. No ano de 1788, conforme dados apresentados por Krahn e Sawatsky, 228 famílias migraram, seguidas por 462 famílias no ano seguinte, formando a primeira colônia menonita na Rússia chamada Chortitza. Entre 1803 e 1806, 365 famílias menonitas chegaram e formaram uma nova colônia, chamada Molotschna. Por fim, mais 500 famílias chegaram em 1855 e formaram as colônias Am Trakt e Alexandertal. No total, foram aproximadamente 2.300 famílias menonitas entre 1788 e 1870 que migraram para a Rússia. Além destas colônias, foram formadas colônias-filhas, que derivaram dos primeiros agrupamentos.⁷²

Sawatsky diz que, tirando a Colônia Chortitza, que foi implantada mais desordenadamente por ser a pioneira, os menonitas conseguiram, junto com o governo russo, organizar a formação das colônias. Elas tinham controle das vias fluviais e organizaram o seu território em núcleos habitacionais chamados de aldeias,⁷³ tendo reserva de terras para expansão e para a construção de novos assentamentos. Uma parte de cada núcleo era destinada para as pessoas que não tinham interesse nas atividades rurais. No seu centro, havia geralmente uma escola e igreja. Havia um poço em comum para a colônia, embora cada aldeia tivesse também um poço, um moinho de vento, um cemitério e floresta para lenha.⁷⁴

⁷¹ KRAHN, Cornelius; SAWATSKY, Walter W. Russia. *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. Fev. 2011. Disponível em: <<http://gameo.org/index.php?title=Russia>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

⁷² *Ibidem*.

⁷³ Estas aldeias também eram chamadas de Strassendorf, por terem a disposição conf. Figura 17 - Disposição padrão dos núcleos nas colônias na Rússia, p.51.

⁷⁴ SAWATSKY, Roland Meyer. *The control of social space in mennonite housebarns of Manitoba, 1874-1940*. Burnaby: Simon Fraser University, 2005. p.66.

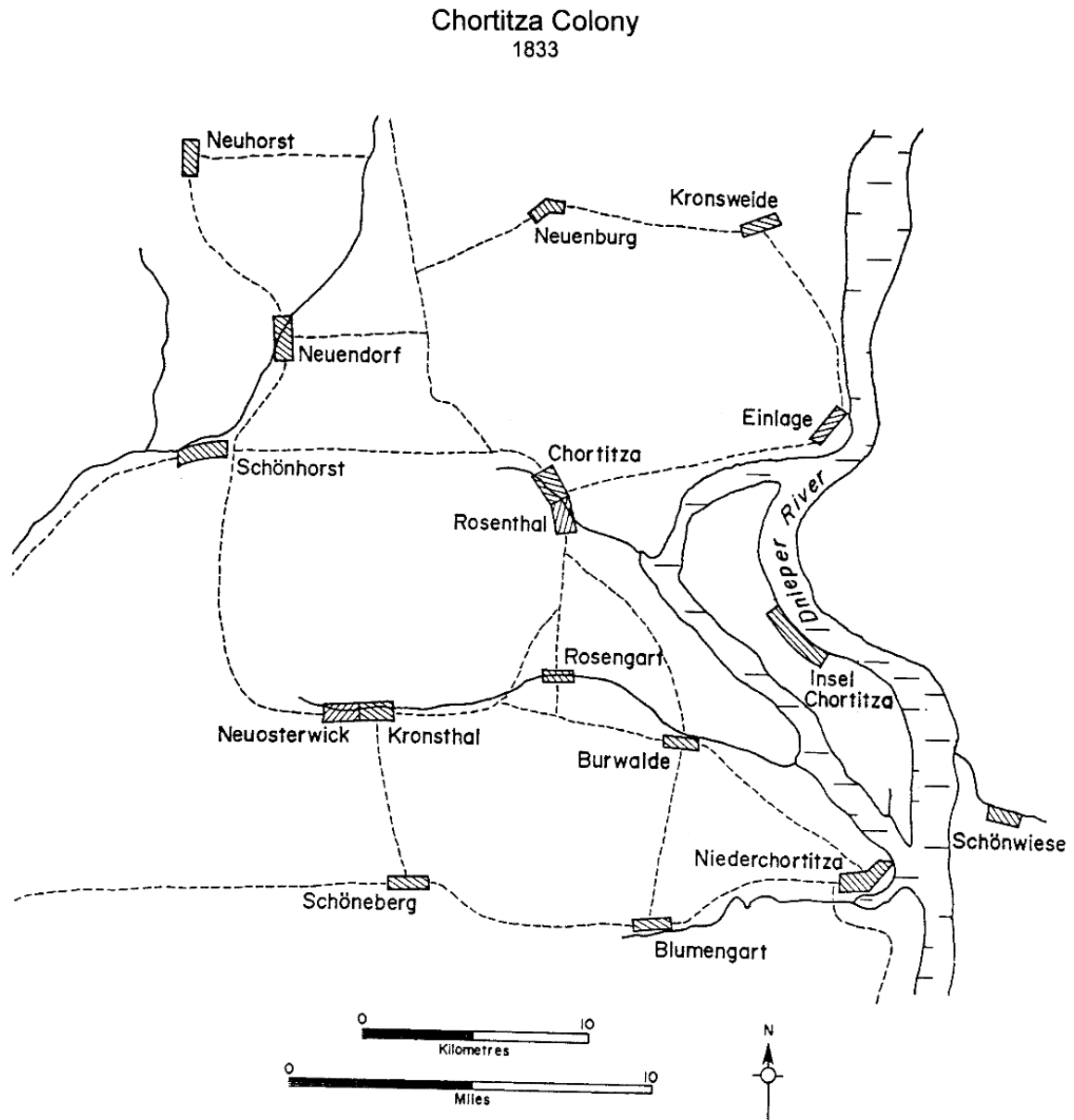


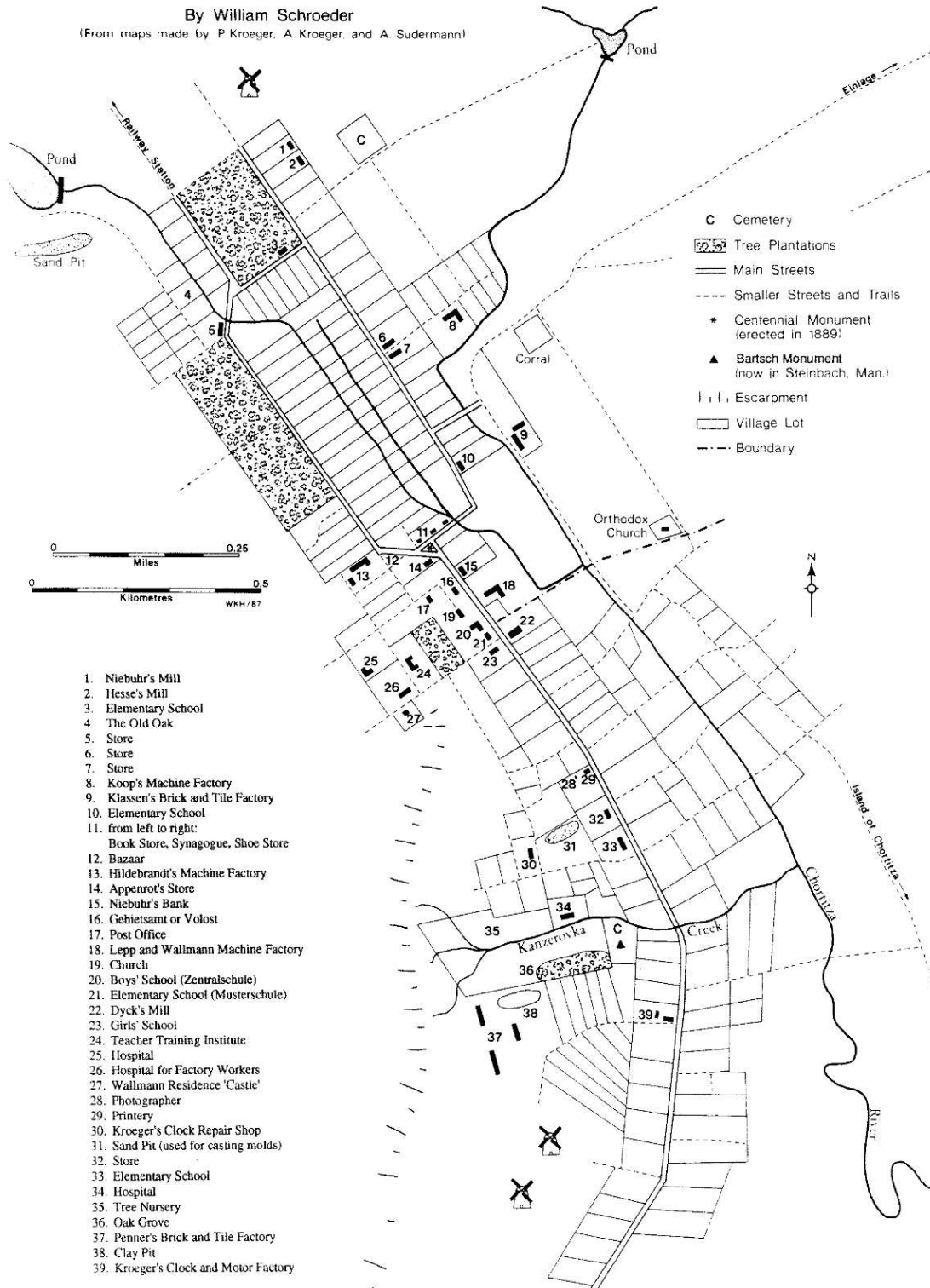
Figura 6 - Colônia Chortitza (1833)⁷⁵

⁷⁵ *Chortitza Colony (1833)*. 1 desenho. IN: SCHROEDER, William. *Maps and Historical Notes related to Mennonite History*. Winnipeg: Mennonite Heritage Centre, 2008. p.41. Disponível em: <http://www.mennonitechurch.ca/programs/archives/holdings/Schroeder_maps/>. Acesso em: 15 jul. 2015.

CHORTITZA - ROSENTHAL in 1915

By William Schroeder

(From maps made by P Kroeger, A Kroeger, and A Sudermann)



1. Niebuhr's Mill
2. Hesse's Mill
3. Elementary School
4. The Old Oak
5. Store
6. Store
7. Store
8. Koop's Machine Factory
9. Klassen's Brick and Tile Factory
10. Elementary School
11. from left to right:
Book Store, Synagogue, Shoe Store
12. Bazaar
13. Hildebrandt's Machine Factory
14. Appenrot's Store
15. Niebuhr's Bank
16. Gebietsamt or Volost
17. Post Office
18. Lepp and Wallmann Machine Factory
19. Church
20. Boys' School (Zentralschule)
21. Elementary School (Musterschule)
22. Dyck's Mill
23. Girls' School
24. Teacher Training Institute
25. Hospital
26. Hospital for Factory Workers
27. Wallmann Residence 'Castle'
28. Photographer
29. Printery
30. Kroeger's Clock Repair Shop
31. Sand Pit (used for casting molds)
32. Store
33. Elementary School
34. Hospital
35. Tree Nursery
36. Oak Grove
37. Penner's Brick and Tile Factory
38. Clay Pit
39. Kroeger's Clock and Motor Factory

Figura 7 - Rosenthal, Chortitza (1915)⁷⁶

⁷⁶ *Chortitza – Rosenthal (1915)*. 1 desenho. IN: SCHROEDER, William. *Maps and Historical Notes related to Mennonite History*. Winnipeg: Mennonite Heritage Centre, 2008. p.44. Disponível em: <http://www.mennonitechurch.ca/programs/archives/holdings/Schroeder_maps/>. Acesso em: 15 jul. 2015.

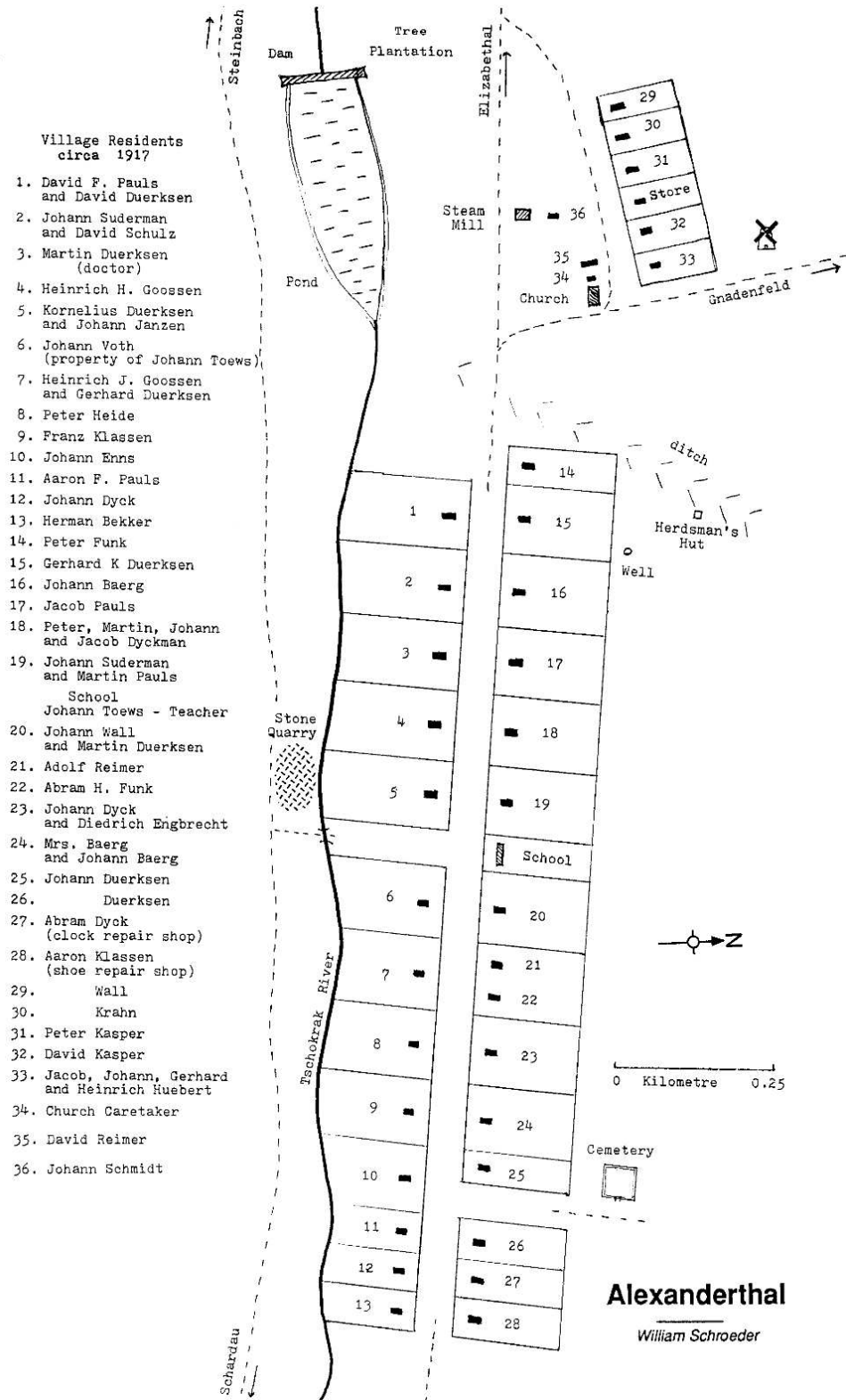


Figura 8 - Alexanderthal⁷⁷

⁷⁷Alexanderthal.. 1 desenho. IN: SCHROEDER, William. Maps and Historical Notes related to Mennonite History. Winnipeg: Mennonite Heritage Centre, 2008. p.60. Disponível em: <http://www.mennonitechurch.ca/programs/archives/holdings/Schroeder_maps/>. Acesso em: 15 jul. 2015.

Uma mudança que foi significativa para os menonitas, de acordo com Sawatsky, foi o sistema administrativo que passou a regular as colônias. Enquanto na fé menonita e anabatista a igreja e a vida cristã deveriam ser separadas do Estado, neste momento da história os menonitas se envolveram cada vez mais no governo e alguns ganharam poder sobre a vida na colônia.

Resumidamente, o governo russo ordenava que cada colônia cuidasse da sua administração de acordo com as instruções russas. Cada aldeia tinha um prefeito, ou *Schulze*, eleito por uma assembleia formada por líderes da comunidade. Estes, por sua vez, controlavam vários assuntos referentes à sua aldeia, como impostos, distribuição das terras aos fazendeiros, contratação de professores, pastores, entre outros. A assembleia e o *Schulze* também tinham muito poder sobre assuntos religiosos, controlando a frequência das pessoas aos cultos, e resolvendo assuntos referentes à moralidade do povo. Um grupo de aldeias formava um distrito, colônia, ou *Volost*, cuja administração funcionava, em maior escala, como a aldeia. As decisões tomadas pelo *Oberschulze*, prefeito da *Volost*, com a sua assembleia, valiam para as todas as aldeias que a compunham. Várias mudanças na economia e educação foram conseqüentes desta forma de administração. Também os padrões de fazendas e concepções arquitetônicas foram influenciados por essa política.⁷⁸

Sawatsky traz relatos de menonitas que, viajando da Polônia para a Rússia, observaram que as novas habitações estavam sendo construídas de forma similar às casas na Polônia. Eles também observaram que a primeira colônia, Chortitza, tinha habitações mais irregulares que as colônias mais novas.⁷⁹ Nas aldeias mais recentes daquela época e na literatura que circulava entre os menonitas, percebe-se o desejo pela padronização da arquitetura:

“O autor afirma, tratando sobre arquitetura rural, que a comunidade é mais importante que o individual, construções deveriam ser padronizadas, e a expressão individual no design é bonita apenas enquanto ela não viola a prática normativa”.⁸⁰

Nas publicações da época, começaram a aparecer padronizações para dois tipos de casa, diferenciando seus tamanhos e materiais de construção para famílias mais ricas ou mais pobres, evidenciando que, aproximadamente no ano de 1840, havia ocorrido uma estratificação

⁷⁸ SAWATSKY, Roland Meyer. *The control of social space in mennonite housebarns of Manitoba, 1874-1940*. Burnaby: Simon Fraser University, 2005. p.71-73.

⁷⁹ *Ibidem*, p.75.

⁸⁰ *Ibidem*, p.76. Tradução livre da autora. No original: “The author states that in regard to rural architecture the community is more important than the individual, buildings should be standardized, and that individual expression in design is beautiful only in so far as it does not contravene normative practice.”

social.⁸¹ É estimado que nesta época havia 80.000 menonitas na Rússia.⁸² Quanto às escolas e igrejas, estas eram construídas de forma similar às casas, e apenas alguns grupos mais liberais começaram a variar estas construções⁸³.

As colônias menonitas experimentaram certo nível de industrialização, inserindo-se no sistema capitalista que crescia na Europa. Para Sawatsky, sua autonomia e autoadministração das colônias acabaram criando um ambiente em que sua identidade étnica se tornou base para a coesão de grupo. As colônias foram estabelecidas propositalmente em áreas que suportassem atividades rurais e ao mesmo tempo facilitassem o comércio com cidades da Rússia. O contato com outros grupos, as leis que encontraram na Rússia e seu estabelecimento em colônias influenciou e alterou o modo de vida que trouxeram consigo dos seus povoamentos na Polônia⁸⁴.

Sawatsky coloca que, embora a etnogênese menonita tenha iniciado na Polônia, ela mudou e foi reforçada na Rússia. Ainda na Polônia, eles iniciaram uma aculturação à cultura da população vizinha alemã, chegando a ser diferenciados deles apenas pela sua religião. Mas na Rússia, os imigrantes menonitas se tornaram um povo separado e distinto tanto dos nativos russos quanto de outras colônias de língua alemã.⁸⁵ De acordo com Peter P. Klassen, neste período, a comunidade se estabilizou e estabeleceu uma forma própria de organização da comunidade, de ocupação da terra, de autoadministração das colônias e da consciência alemã.⁸⁶

Neste contexto, escreve Klassen, a vida religiosa, comunitária e administrativa se condensou em uma unidade, que “ficou gravada na consciência de identidade dos menonitas”.⁸⁷ Ou seja, na sua narrativa, é no contexto das colônias na Rússia que a identificação com a cultura

⁸¹ SAWATSKY, Roland Meyer. *The control of social space in mennonite housebarns of Manitoba, 1874-1940*. Burnaby: Simon Fraser University, 2005. p.78.

⁸² KLASSEN, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1: Rio Alto Krauel und Stoltzplateau in Santa Catarina. Bolanden- Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1995. p.15.

⁸³ SAWATSKY, Roland Meyer. *The control of social space in mennonite housebarns of Manitoba, 1874-1940*. Burnaby: S De acordo com Peter P. Klassen, neste período, a comunidade se estabilizou e estabeleceu uma forma própria de organização da comunidade, de ocupação da terra, de autoadministração das colônias e da consciência alemã.⁸³ É estimado que nesta época havia 80.000 menonitas na Rússia.⁸³ Neste contexto, escreve Klassen, a vida religiosa, comunitária e administrativa se condensou em uma unidade, que “ficou gravada na consciência de identidade dos menonitas”.⁸³ imon Fraser University, 2005. p.81.

⁸⁴ *Ibidem*, p.65.

⁸⁵ *Ibidem*, p.64.

⁸⁶ KLASSEN, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1: Rio Alto Krauel und Stoltzplateau in Santa Catarina. Bolanden- Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1995. p.15.

⁸⁷ *Ibidem*, p.16. Tradução livre da autora. No original: “Die Glaubensgemeinde und die Siedlungsgemeinschaft auf einem unteilbaren Landkomplex verschmolzen só zu einer Einheit, die sich tief in das Identitätsbewusstsein der Mennoniten eingraviert hat”.

alemã se fortaleceu. Embora os menonitas tenham sido questionados quanto à sua origem, se holandesa ou alemã, a identificação cultural se mostrou mais importante, e prevaleceu nas colônias a língua alemã e a consciência de identidade alemã.

Com estas características, os menonitas deixaram de ter apenas a religião em comum, mas constituíram uma cultura própria: com tradições, língua e modo de vida. Além disso, com a autoadministração e isolamento em colônias apenas com menonitas, o processo apresenta semelhanças com a formação de uma identidade nacional, e o grupo inicialmente religioso passa a se identificar também com uma identidade étnica e política.

No entanto, mesmo com a narrativa de unidade que se formou na Rússia, também neste período os menonitas passaram por períodos de divisões. No fim do século XIX, conforme descreve Cornelius Dyck, um grupo menonita da Colônia Gnadenfeld, influenciado pelo pietismo morávio, acusou a igreja menonita de ter sofrido um “declínio moral e espiritual”, e desejava que a igreja se arrependesse.⁸⁸ O grupo, que mais tarde seria chamado de irmãos menonitas, foi considerado uma “sociedade secreta”, e sofreu perseguição da própria igreja menonita, explica Cornelius Dyck. Eles foram interrogados, sofreram ameaças, prisão, trabalho forçado e fome.⁸⁹ Aqui, o grupo que antes era perseguido, passa a perseguir outro grupo com o qual não concordava. O motivo para oprimir o grupo conflitante é o desejo de manter uma narrativa única, a memória dominante, silenciando memórias que pudessem se opor.

De acordo com Stuart Hall⁹⁰, “Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (...) a identidade nacional é uma ‘comunidade imaginada’”. Esta comunidade imaginada é composta através de narrativas, que, conforme Hall, abrangem os seguintes aspectos: a narrativa da nação, com histórias e literaturas nacionais; a ênfase nas origens, continuidade, na tradição e na intemporalidade; a invenção da tradição; o mito fundacional; e a ideia do *folk* puro, original:

“Para dizer de forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”⁹¹

⁸⁸ DYCK, Cornelius J. *Uma introdução à história menonita*. São Paulo: Ed. Cristã Unida, 1992. p.256.

⁸⁹ *Ibidem*, p.258.

⁹⁰ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p.50-51.

⁹¹ *Ibidem*, p.59.

Os menonitas, neste sentido, se identificam com a cultura alemã, mas além disso criam a consciência de uma cultura menonita: o *Mennonitentum*⁹². Francielly Giachini Barbosa escreve um artigo sobre o *Mennonitentum*, analisando a comunidade menonita de Curitiba. Ela afirma que este termo designa a identidade idealizada dos menonitas, e é usada na literatura menonita referindo-se à sua união como grupo, à sua origem germânica, ao seu zelo pela educação, trabalho e religião.⁹³ Ou seja, ele é a criação da consciência de uma cultura menonita, uma tradição inventada.

O grupo era culturalmente heterogêneo, mas, quando deixa a Rússia, sua consciência é semelhante ao de um *folk original*. Evitava-se misturar com outros povos, e os casamentos ocorriam apenas dentro do grupo. Embora não houvesse um mito fundador, tornou-se comum comparar os menonitas com o povo de Israel, escolhido por Deus. Heinrich Martins, menonita na Alemanha que ajudou a encontrar um novo lar para os menonitas que fugiram da Rússia, escreveu sobre os menonitas que chegaram ao Brasil “Também há entre eles pessoas desmotivadas, que se deixam abater pelas preocupações pesadas quanto ao futuro, e olham para trás, para as panelas de carne que tinham no Egito, e querem esquecer as grandes coisas que Deus fez por nós”.⁹⁴

1.3.5 Novo início no Brasil

De acordo com Peter Pauls Jr., novas leis e as perseguições já durante o período da União Soviética dificultaram a vida dos menonitas na Rússia, que novamente buscaram refúgio em outros países. Alguns países abriram suas portas para receber os menonitas. O maior grupo foi para o Canadá, que era o destino principal. Mas o Canadá não recebeu todos. Outros foram então enviados para o Paraguai, Brasil e alguns, durante a migração, se estabeleceram na Alemanha ou em outros países.⁹⁵

O primeiro navio com fugitivos menonitas vindo em direção ao Brasil, chamado Monte Olivia, partiu no dia 16 de janeiro de 1930 do porto de Hamburgo, na Alemanha. O

⁹² BARBOSA, Francielly Giachini. *Mennonitentum: os menonitas e os processos de identificação* (Curitiba, 1934-1948) [artigo]. XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0266.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

⁹³ *Ibidem*.

⁹⁴ MARTINS, Heinrich. 1930 (carta). Apud KLASSEN, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1: Rio Alto Krauel und Stoltzplateau in Santa Catarina. Bolanden- Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1995. p. 73. Tradução livre da autora. No original: “doch es sind auch Mutlose darunter, die sich von den schweren Sorgen um die Zukunft unterkriegen lassen, zurückschauen nach den Fleischtöpfen Ägyptens und vergessen wollen, was Gott Grosses an uns getan hat”.

⁹⁵ PAULS JR., Peter (Org.). *Mennoniten in Brasilien: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung*. Witmarsum: Peter Pauls Jr, 1980. p. 8-11.

destino das primeiras 33 famílias que chegaram em solo brasileiro foi o estado de Santa Catarina, em uma região próxima à cidade de Blumenau. Estas terras pertenciam à *Hanseatische Kolonisationsgesellschaft*⁹⁶, uma companhia particular de colonização.



Figura 9 - Navio com imigrantes menonitas chega ao Brasil⁹⁷

Ao todo, 150 famílias se instalaram nesta região de vale do rio Krauel, e mais 90 famílias ficaram em uma região próxima que chamaram de Stolz Plateau. Até 1934, mais algumas famílias chegaram, totalizando 280 famílias iniciais. Já neste mesmo ano, algumas famílias resolveram se mudar para Curitiba, e até o ano de 1951, a colônia inicial no Stolz Plateau foi completamente desfeita. Além de Curitiba, alguns foram para São Paulo, Blumenau, Ponta Grossa, entre outros destinos.

A colônia Witmarsum, no vale do rio Krauel, também foi abandonada. Entre os anos 1949 e 1952, 70 famílias iniciaram uma colônia próxima a Bagé, no Rio Grande do Sul, e o restante das famílias formou a Colônia Neuwitmarsum no Paraná, hoje Witmarsum, a colônia que está sendo estudada nesta pesquisa.⁹⁸

⁹⁶ WAIBEL, Leo. Princípios da colonização europeia no sul do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*. Ano XI, nº 2, abril-junho de 1949. p. 17.

⁹⁷ *Navio com imigrantes menonitas chega ao Brasil*. 1 Fotografia. Acervo pessoal.

⁹⁸ BENDER, Harold S.; ENS, Henrique; PAULS Jr., Peter. Brazil. *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. Jun. 2013. Disponível em: < <http://gameo.org/index.php?title=Brazil>>. Acesso em: 11 ago. 2015.



Figura 10 - Assentamentos menonitas no Brasil e Uruguai⁹⁹

Mas que motivos levaram ao abandono dessas duas primeiras colônias? De acordo com Klassen, quando os menonitas chegaram às terras de Hanse, como era chamada a

⁹⁹*Mennonite Settlements in Brazil and Uruguay*. 1 desenho. IN: SCHROEDER, William. *Maps and Historical Notes related to Mennonite History*. Winnipeg: Mennonite Heritage Centre, 2008. p.205. Disponível em: <http://www.mennonitechurch.ca/programs/archives/holdings/Schroeder_maps/>. Acesso em: 15 jul. 2015.

Hanseatische Kolonisationsgesellschaft, eles receberam várias instruções de como proceder para tornar a mata fechada em um local habitável. O grupo foi ensinado a adentrar a mata com picadas e roças, plantar o alimento para a sua subsistência, e construir as primeiras habitações, que eram cabanas construídas de bambu, talos e folhas de palmeira (Figura 11). Embora muito simples, afirma Klassen, era um conforto maior do que os meses, e para alguns, anos, de viagem, e também era melhor que o abrigo inicial no barracão que a companhia de colonização oferecia.¹⁰⁰

Também houve tentativas de associar as instruções para construção destas cabanas ao conhecimento de técnicas construtivas que trouxeram da Rússia. Uma tentativa foi de usar terra para cobrir as folhas da cobertura, com a intenção de torna-la impermeável. No entanto, a tentativa foi frustrada e a chuva lavou a camada de lama. Klassen conta que as famílias que já tinham as suas cabanas construídas ansiavam então por casas de madeira. Embora eles tivessem a madeira disponível, o caminho para levar os troncos até uma das serrarias existentes na região era difícil. O telhado destas casas, apesar de serem montados com taubilhas feitas pelos próprios imigrantes ao invés das folhas de palmeira, ainda não as protegiam adequadamente da chuva.¹⁰¹



Figura 11 - Cabana na mata fechada¹⁰²

¹⁰⁰ KLASSEN, Peter Pauls. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1998. p.91-95.

¹⁰¹ *Ibidem*, p.96.

¹⁰² *Ibidem*, p.94. Título original da imagem: Die erste Hütte aus Palmblättern im Urwald (Johann Hamm und Familie).

Peter P. Klassen escreve que um dos motivos de os menonitas terem ficado em uma região tão afastada até mesmo do centro das terras pertencentes à *Hanseatische Kolonisationsgesellschaft* foi que eles queriam um assentamento isolado. A decisão por uma área que comportasse o grupo foi tomada às pressas, constata Klassen, e foi um dos motivos para o futuro abandono da região.¹⁰³ Como esta área afastada que deveria ter comportado o grupo não foi suficiente para todos os menonitas que chegaram posteriormente, eles ficaram divididos. Além disso, Klassen observa que a primeira colônia, Witmarsum, teve um arranjo que deixou muitos moradores insatisfeitos. Conforme os imigrantes chegavam, as habitações eram construídas ao longo do rio Krauel e seus afluentes, dividindo a Colônia Witmarsum em três núcleos habitacionais: Witmarsum, Waldheim e Gnadetal. O problema foi que o espaço para uso comunitário foi estabelecido pelos primeiros imigrantes e ficou muito afastado dos outros núcleos.¹⁰⁴

O mesmo autor descreve a segunda colônia, chamada Auhagen, como tendo uma condição ainda mais difícil para o grupo. Uma parte do caminho para lá só tinha acesso a pé, o que impossibilitou, no primeiro momento, a venda da madeira existente no local. Outro problema era a inadequação da terra para plantações, e com isso a colheita dos alimentos para subsistência era escassa. Klassen alega que o grupo também estava insatisfeito pela sua separação do primeiro grupo.¹⁰⁵

Ainda de acordo com a mesma fonte, estas duas colônias tinham uma forma de ocupação linear, que tornava as distâncias dentro delas grandes, e dificultavam a vida em comunidade aos moldes de suas colônias na Rússia.¹⁰⁶ Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, Klassen, na sua narrativa, exalta o espírito de comunhão e solidariedade do grupo:

“Eles mostraram um comportamento que, para um grupo de colonização na selva brasileira, não era esperado. Este comportamento estava baseado em um senso de comunidade, que apenas pode ser explicado pelos séculos de tradição desenvolvidos em uma colônia de irmandade menonita, cujas raízes estão fincadas no compromisso da fé em comum.”¹⁰⁷

¹⁰³ KLASSEN, Peter Pauls. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1998. p.100.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p.102.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p.106.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p.108.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p.121. Tradução livre da autora. No original: „Sie legten ein Verhalten na den Tag, das für eine Kolonisationsgruppe im brasilianischen Urwald durchaus nicht selbstverständlich war. Dieses Verhalten basierte auf einem Gemeinschaftssinn, der sich nur aus der jahrhundertelangen Tradition einer mennonitischen Siedlungs-

No entanto, nem este senso de comunhão da narrativa de Klassen conseguiu impedir o dissenso e as divisões posteriores, que, associados aos motivos de insatisfação já apresentados, às dívidas que os imigrantes não conseguiam pagar, e à retirada gradual dos colonos em busca de novas oportunidades, resultaram finalmente na total dissolução destas duas colônias iniciais.

Uma destas novas oportunidades foi justamente a formação da Colônia Witmarsum, onde, sentindo-se ameaçados pelas divisões que ocorreram em Santa Catarina, segundo Klassen¹⁰⁸, queriam salvar o “modo de ser menonita” e voltar à disposição e administração da colônia aos moldes de suas comunidades na Rússia.

A Colônia Witmarsum foi formada, dessa forma, a partir de um desejo de se reconstruir o que os menonitas viveram no passado. Não o passado como um todo, mas um passado idealizado que representava quem eles entendiam que eram ou queriam ser. Ou seja, a forma como os menonitas se identificam e que ficou marcada na Colônia Witmarsum é baseada em parte na forma como eles lembram o passado.

und Kolonisationsgemeinschaft erklären lässt, deren Wurzeln in der verpflichtenden Gemeinsamkeit des Glaubens stecken.“

¹⁰⁸ KLASSEN, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1: Rio Alto Krauel und Stoltzplateau in Santa Catarina. Bolanden- Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1995. p.460.

CAPÍTULO II – As memórias na Colônia Witmarsum: paisagem cultural e transformação

Se um dos ideais da formação da Colônia Witmarsum foi, portanto, reproduzir a lembrança que os menonitas tinham de seu modo de vida na Rússia, então a paisagem da colônia é expressão daquilo que eles entendem ser a sua identidade. Na geografia, o conceito que dá ênfase à relação estabelecida a partir de uma influência recíproca entre o homem e a paisagem é a paisagem cultural. Para o IPHAN¹⁰⁹, a Paisagem Cultural Brasileira é um pedaço do território do país ao qual se atribuiu valores ou que foi marcado pelo homem, representando a interação entre estes.¹¹⁰

Claval enfatiza a relação entre homem e paisagem ao retomar resumidamente o conceito de Augustin Berque, dizendo que a paisagem traz marcas da cultura ao mesmo tempo em que as influencia.¹¹¹ Berque anteriormente expressou esta ideia com os termos paisagem-marca e paisagem-matriz:

"A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura - que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno."¹¹²

Carl Sauer já trazia a ideia da paisagem como marca de uma civilização, ao dizer que “as ações do homem se expressam por si mesmas na paisagem cultural”¹¹³, entendendo que a cultura é o agente que transforma a paisagem natural em paisagem cultural.¹¹⁴

Como matriz, segundo Berque, a paisagem influencia o homem e a sua cultura. Como exemplo, podemos citar os pontos turísticos de uma cidade. Em algum momento, alguém definiu que certa paisagem deveria representar uma cidade – logo, ela é marca. Mas, a partir disso, o turista anseia por ver esta paisagem. Ela se torna referência simbólica da cidade, e

¹⁰⁹ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

¹¹⁰ WEISSHEIMER, Maria Regina (Org). *Paisagem Cultural*. Brasília: Depam; Iphan, 2009. p. 35.

¹¹¹ CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Tradução de Luiz F. Pimenta e Margareth C.A. Pimenta. 3 ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2007. p.318.

¹¹² BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p.84-85.

¹¹³ SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p.43.

¹¹⁴ *Ibidem*, p.59.

mesmo referência espacial para quem a visita. Ela passa a ter significado e influenciar o homem e a sua cultura – logo, ela é matriz.

A questão da paisagem marca e matriz pode ser observada na representação da Colônia para turistas (Figura 12). Essa foi a narrativa construída pela colônia para contar a sua história e apresentar o seu território. Os marcos que encontramos nesta representação foram escolhidos, construídos ou estabelecidos como marca da Colônia pela comunidade. A intenção disso foi de direcionar o turista para os locais que ele deve procurar quando visitar Witmarsum. Dessa forma, estes locais se tornam matriz. Eles passam a ser uma referência simbólica e espacial para os turistas e também para a população local, assumem um significado e influenciam o homem e sua cultura.



Figura 12 - Colônia Witmarsum para turistas¹¹⁵

Besse, refletindo sobre o conceito de fisionomia da paisagem de Humboldt e escritos de Vidal de La Blache, descreve-a como um conjunto de signos que podem ser lidos ou interpretados.¹¹⁶ Para Cosgrove, todas as paisagens são simbólicas, embora algumas sejam mais difíceis de serem interpretadas do que outras, como exemplo as paisagens rurais ou aparentemente sem interferência do homem.¹¹⁷

¹¹⁵ GUADAGNIN, Sandra. *Museu de Witmarsum - Paraná*. 1 Fotografia. 5 out. 2010. Disponível em: <<http://madeiraemforma.blogspot.com.br/2010/10/museu-de-witmarsum-parana.html>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

¹¹⁶ BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução de Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2006. p.64.

¹¹⁷ COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.108.

Inclusive, pode-se depreender que qualquer paisagem, a partir do momento em que se torna conhecida pelo homem, mesmo que ele não a tenha percorrido, torna-se ao mesmo tempo paisagem cultural pois, como conclui Besse ao estudar a relação entre a humanidade e a Terra: sem aquela, esta seria apenas um “corpo indiferente ao mundo das significações e dos valores”.¹¹⁸ Portanto, sendo a Colônia Witmarsum uma paisagem cultural, o papel da geografia é de interpretá-la, como símbolo dos grupos que a influenciaram e que foram influenciados por ela.

2.1 Fazenda Cancela

Witmarsum está localizada no Paraná, a cerca de 65 km a oeste de Curitiba e cerca de 30 km a leste do município de Palmeira, ao qual pertence. Tal localidade tem caráter rural e possui uma área de aproximadamente 7.800 hectares, onde moram 1.500 habitantes. A Colônia foi estabelecida na região dos Campos Gerais, marcada pela passagem de tropas e criação de gado durante os séculos XVIII e XIX.¹¹⁹

De acordo com Gutiérrez, a pecuária foi a atividade mais lucrativa no Paraná neste período supracitado. Além da carne, do leite e do couro, era o setor que fornecia instrumento de trabalho e transporte tanto para as fazendas quanto para a construção de linhas férreas¹²⁰. Nesta época, devido ao tropeirismo, havia na região muitas fazendas relacionadas às atividades de invernagem e criação de gado:

“Os fazendeiros paranaenses participavam da venda de tropas indo buscar pessoalmente, ou mandando buscar, muares e cavalos sulinos. Esse comércio rapidamente incentivaria a formação de fazendas, seja para alugar pastos, seja para criar e vender animais, ou, com mais frequência, ambas. O aluguel de poteiros para os comboios de mulas vindas do Rio Grande do Sul em direção à feira de Sorocaba era um negócio atraente e incessante. O percurso era tão longo, e demorava tantos meses, que era necessário descansar as tropas e engordá-las várias vezes no trajeto antes de apresentá-las aos compradores, e os campos do Paraná eram um dos pousos principais. O negócio era lucrativo e fácil, isento de riscos, e acessível a todos que tivessem áreas de capim com aguadas e matas, características que nas pradarias dos

¹¹⁸ BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 92.

¹¹⁹ PACCOLA, Maria; MELO, Mário. Influência geoambiental em mudanças de atitudes e econômicas na Colônia Witmarsum, Paraná. *Boletim de Geografia*. Vol. 30, nº1. Maringá: UEM, 2012. p.101-120. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/11344>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

¹²⁰ GUTIÉRREZ, Horacio. *Fazendas de gado no Paraná escravista*. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 103-127, Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2004000200103&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Mar. 2018. p.102.

planaltos abundavam. Na segunda metade do século XIX, sobretudo após 1870, foram as invernadas que acabaram ganhando o espaço da criação.”¹²¹

A Fazenda Cancela, terra que foi mais tarde comprada pelos menonitas para fundarem a Colônia Witmarsum, era uma das fazendas de invernada e criação de gado na região. De acordo com Zatti, esta terra foi obtida por Manoel Gonçalves da Cruz como parte de sua sesmaria no ano de 1708.¹²² Quando faleceu, a fazenda passou como herança para a sua esposa, Joana Rodrigues de França. Ela se casou novamente, com Antônio dos Santos, que administrou as fazendas de Joana. Consta que residiram na Fazenda Cancela durante algum tempo.¹²³ Antônia da Cruz França, filha de Joana e neta de João Rodrigues, casou-se duas vezes. Ela recebeu a Fazenda Cancela, dentre outras fazendas, como herança.¹²⁴

Ainda de acordo com Zatti, a fazenda passou então para José Carneiro dos Santos, que a herdou de sua esposa, a sobrinha de Antônia da Cruz França.¹²⁵ Posteriormente, a fazenda aparece como posse de Rita Maria do Nascimento. Ela foi filha de Marcelino Gomes da Costa e viúva do Capitão Veríssimo Carneiro dos Santos, filho de José Carneiro dos Santos.¹²⁶ Ela passou a ser conhecida por Dona Rita da Cancela, pois lá residiu com seu marido. Dona Rita faleceu no ano de 1872.¹²⁷

É interessante observar que a Fazenda Cancela foi administrada em vários momentos por mulheres. Da lista de seis proprietários identificados no livro de Carlos Zatti entre 1708 e 1950, três foram mulheres (Tabela 1). Ressalta-se que, pela tradição, a administração das fazendas era reservada aos homens, conforme Gutiérrez afirma, a não ser que, por causa da morte do marido, a viúva assumisse esta função.¹²⁸

¹²¹ GUTIÉRREZ, Horacio. *Fazendas de gado no Paraná escravista*. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 103-127, Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2004000200103&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Mar. 2018. p.103.

¹²² ZATTI, Carlos. *Campeiros do Paraná Tradicional: Esboço Genealógico*. Curitiba: Clube dos Autores, 2011. Versão em PDF. p.72.

¹²³ *Ibidem*, p.140.

¹²⁴ *Ibidem*, p.87.

¹²⁵ *Ibidem*, p.203.

¹²⁶ *Ibidem*, p.145.

¹²⁷ *Ibidem*, p.206.

¹²⁸ GUTIÉRREZ, Horacio. *Fazendas de gado no Paraná escravista*. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 103-127, Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2004000200103&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Mar. 2018. p.106.

Período		Nome do proprietário	Informações adicionais
De:	Até:		
1708	1721	CRUZ, Manoel Gonçalves da.	Casado com Joana Rodrigues de França.
1721	1765(?)	FRANÇA, Joana Rodrigues de.	Viúva de Manoel Gonçalves da Cruz, casou novamente com Antônio dos Santos Soares.
1765(?)	1770	FRANÇA, Antônia da Cruz.	Filha única de Joana Rodrigues de França e viúva de Francisco José Monteiro.
1770	1817	SANTOS, José Carneiro dos.	Herdou a fazenda Cancela da sua esposa, a sobrinha de Antônia da Cruz França.
1817	1872	NASCIMENTO, Rita Maria do.	Casada com Veríssimo Carneiro dos Santos, o filho de José Carneiro dos Santos.
1900(?)	1950	GLASSER, Roberto.	Proprietário da Fazenda Cancela, foi um dos maiores invernadores do Paraná.
1950	-----	Colônia Witmarsum	-----

Tabela 1 - Lista de proprietários da Fazenda Cancela¹²⁹

Depois de dona Rita da Cancela, é registrado como dono da fazenda Roberto Glasser, que Zatti descreve como sendo um dos maiores invernadores do Paraná. Ele nasceu em Cambuçu, Rio Grande do Sul, no ano de 1878. Ele exerceu múltiplas atividades. Foi industrial, comerciante e dono de grandes propriedades nos Campos Gerais do Paraná. Além disso, exerceu cargos políticos e participou da Aliança Liberal e da Revolução de 1930. David Carneiro narra que Glasser ofereceu toda a sua boiada a preços tabelados a esta revolução.¹³⁰ Em 1950, ele vendeu a fazenda para os menonitas.¹³¹

A sucessão da Fazenda Cancela, de geração a geração, até se tornar a Colônia Witmarsum, ilustra uma das características da paisagem, que ela compartilha com a cultura: a sua dinamicidade. Tanto cultura quanto paisagem são dinâmicas. Como Besse reflete sobre a paisagem-evento do filósofo Péguy, ela é “passagem, incompleta, da vida”.¹³² Ou, nas palavras de Besse:

“Habitar a Terra não é aninhar-se num Lugar, mas habitar um espaço que se abre entre um aqui e um ali, é percorrer este espaço em todos os sentidos. A espacialidade da

¹²⁹ Tabela elaborada pela autora com base nos relatos do livro de Carlos Zatti. ZATTI, Carlos. Campeiros do Paraná Tradicional: Esboço Genealógico. Curitiba: Clube dos Autores, 2011. Versão em PDF.

¹³⁰ CARNEIRO, David. Perfil histórico da Associação Comercial do Paraná e galeria dos presidentes. Curitiba: Reproset, 1981.

¹³¹ ZATTI, Carlos. Campeiros do Paraná Tradicional: Esboço Genealógico. Curitiba: Clube dos Autores, 2011. Versão em PDF. p.95.

¹³² BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006. p.100.

existência é movimento e não enraizamento. A paisagem não é um lugar fechado em si mesmo, mas é o que abre o olhar para um além, para uma inconclusão que é propriamente abertura do sentido e da história, e não fechamento sobre o gênio de um lugar."¹³³

A paisagem é dinâmica porque se transforma, assim como a cultura se transforma. Além disso, pode haver uma sucessão de culturas.¹³⁴ Ou seja, além das transformações que ocorrem dentro de uma cultura, podem ser introduzidas na paisagem novas culturas. Neste caso, “estabelece-se um rejuvenescimento da paisagem cultural ou uma nova paisagem se sobrepõe sobre o que sobrou da antiga”.¹³⁵

A sucessão de cultura observa-se com clareza na transição da paisagem da fazenda na época do tropeirismo para a sua transformação em colônia de imigrantes europeus. No ciclo do gado, as fazendas eram escravistas. De acordo com Zatti, no ano de 1787, são registrados na fazenda 17 escravos, 498 bovinos e 236 equinos,¹³⁶ e quando Dona Rita da Cancela morou na fazenda, foram registrados 30 escravos. Nesta mesma época, a fazenda tinha dimensões de 10.000 por 6.000 braças¹³⁷.¹³⁸ Este período, muito próspero para a região, foi marcado pelo escravismo e pela pecuária como economia principal, que na segunda metade do século XX seria substituído por uma maior diversificação de atividades econômicas e pela substituição dos escravos por trabalhadores assalariados:

“O ciclo do gado havia gerado uma economia, uma cultura e modos de vida que permaneceriam gravados na geografia e na história da região. A pecuária, junto ao latifúndio e aos escravos negros, marcaria uma época do desenvolvimento local sem parâmetros anteriores de comparação. A segunda metade do século XIX assinalaria o fim desta estrutura tradicional e o nascimento gradual de outra, caracterizada pela presença do trabalhador livre e assalariado, a entrada de migrantes estrangeiros e nacionais, a disseminação da pequena propriedade, o advento da ferrovia, a emergência de novos produtos agrícolas dominantes, como o mate, e a expansão da

¹³³ BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006. p.93.

¹³⁴ SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.43.

¹³⁵ *Ibidem*, p.59.

¹³⁶ ZATTI, Carlos. *Campeiros do Paraná Tradicional: Esboço Genealógico*. Curitiba: Clube dos Autores, 2011. Versão em PDF. p.122.

¹³⁷ Uma braça equivalia, no século XIX, a 2,20 metros.

¹³⁸ ZATTI, Carlos. *Campeiros do Paraná Tradicional: Esboço Genealógico*. Curitiba: Clube dos Autores, 2011. Versão em PDF. p.145.

economia urbana. A pecuária permaneceria como setor produtivo, mas destituída da grandeza de outrora, sem escravos, e com fazendeiros privados de supremos poderes.”¹³⁹

A fazenda de invernadas deu lugar a uma colônia de imigrantes, alterando-se a população, o formato das atividades econômicas, o modo de vida e a paisagem da região. No entanto, observa-se a dinâmica da paisagem nesta sucessão da fazenda de tropeirismo para uma colônia de imigrantes, sendo que as marcas das culturas anteriores ficaram registradas na paisagem.

Conforme verificamos na representação abaixo (Figura 13), a Colônia é dividida em cinco núcleos de povoamento chamados de aldeias, numerados de 1 a 5, além da sede central. Nela, que é o centro administrativo, comercial e social da Colônia, está localizado o *Heimat-Museum*.¹⁴⁰



Figura 13 - Localização da Colônia Witmarsum¹⁴¹

Na formação da Colônia Witmarsum, em 1951, os três primeiros núcleos tinham nomes, respectivamente de: Alegrete, Sono e Cancela. A localização das aldeias assim como seus nomes foram herdados da época do tropeirismo, e correspondem às invernadas da antiga Fazenda Cancela. Embora os nomes das aldeias não tenham se firmado, percebe-se a

¹³⁹ GUTIÉRREZ, Horacio. Fazendas de gado no Paraná escravista. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 103-127, Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2004000200103&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Mar. 2018. p.124.

¹⁴⁰ Ver Figura 20 - Implantação do *Heimatmuseum*, p.68.

¹⁴¹ Imagem criada pela autora a partir da imagem retirada do Google Earth e da imagem *Estrutura de povoamento da Colônia Witmarsum em Palmeira/PR*, retirado de: LUZ, Ana; GOMES, Ingrid; LÖWEN SAHR, Cicilian. Os padrões de povoamento menonita no Brasil: Análise da Colônia Witmarsum. Anais Semana de Geografia. Vol. 1, nº 1. Ponta Grossa: UEPG, 2014. p. 65. Disponível em: <http://pitangui.uepg.br/eventos/semanadageografia/_PDFs/20141/oral/GOMES;%20LUZ,%20LOWEN%20SAHR_1%20resumo.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2017.

importância delas para a Colônia, pois nos registros anuais até 1960 são listados os administradores de cada uma. Hoje, a administração da Colônia é feita de forma mais centralizada.¹⁴²

2.2 Sede central da Colônia Witmarsum

A dinâmica da paisagem também pode ser observada nas transformações que ocorrem dentro de uma mesma cultura. Ao se examinar a sede central da colônia, no entorno mais próximo do museu, há três construções, além do próprio museu, que expressam a cultura menonita e as suas mudanças.¹⁴³

A Cooperativa de Witmarsum, chamada Cooperativa Mista Agro-Pecuária Witmarsum Ltda, foi fundada em 1952. Ela se considerava a continuação de todos os esforços de cooperação que foram feitos nas colônias de Santa Catarina. De acordo com Peter Pauls Klassen, a cooperativa queria evitar o enfraquecimento da comunidade como ocorreu nas colônias anteriores, e tinha como objetivo preservar o “modo de ser e viver menonita de acordo com a sua tradição”. Assim, as pessoas que quisessem fazer parte da comunidade precisavam assinar um compromisso. Neste, elas se comprometiam com a comunidade e com a colônia, e aceitavam que a cooperativa era responsável pela produção e consumo da comunidade enquanto este fosse o interesse da maioria.¹⁴⁴



Figura 14 - Cooperativa Mista Agro-Pecuária Witmarsum Ltda¹⁴⁵

¹⁴² KLASSEN, Peter P. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1998. p.255.

¹⁴³ Ver (Figura 20 - Implantação do *Heimattmuseum*, p.68).

¹⁴⁴ KLASSEN, Peter Pauls. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1998. p.110.

¹⁴⁵ *Cooperativa agropecuária da Colônia Witmarsum, Paraná, Sul do Brasil*. 1 Fotografia. nov. 2010. Disponível em: < <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CooperativaWitmarsumPR.JPG> >. Acesso em: 26 maio 2018.

Em 1980, a cooperativa tinha uma fábrica de laticínios com o processo de pasteurização, silos de grãos com capacidade de 5.500 toneladas, fábrica de ração para animais, mercado, farmácia veterinária e serviços de consultoria. Em 1982, construíram ainda um abatedouro para frangos e em 1983, um novo supermercado (Figura 14). Ela também foi a responsável por construir equipamentos sociais: a escola e o posto de saúde. Também a manutenção das ruas era de responsabilidade da cooperativa. No ano de 1991, foi elaborado um plano de cinco anos para aumento da produção. As metas foram alcançadas em quatro anos, incluindo a construção de um hospital.¹⁴⁶

No entanto, o caráter de monopólio da cooperativa também causou problemas. O desejo inicial de isolamento étnico da comunidade não correspondia à necessidade real de interação que estavam vivendo. Além disso, ele representava um conflito com a Lei das Cooperativas, que se opunha à discriminação. Portanto, em 1974, eles abriram a cooperativa para além da Colônia, o que positivamente aumentou a produção. Em 1984, dos 261 membros da cooperativa, 98 não pertenciam à colônia e em 1994, 54% dos 448 membros não eram menonitas. Apesar disso, até hoje há uma conexão muito estreita entre cooperativa e comunidade.¹⁴⁷

Além da preocupação com a economia, de acordo com Peter Pauls Klassen, a educação representa um pilar central da comunidade menonita. Dessa forma, logo que as primeiras famílias chegaram na colônia em 1951, iniciaram-se as aulas. Ele conta que o sistema escolar da colônia foi estruturado com a intenção de dar continuidade à tradição dos antepassados menonitas. Para isso, o ensino da língua e da cultura alemã foram priorizados.¹⁴⁸ Peter Pauls presume que o sistema escolar contou com uma boa organização devido à preservação do *Mennonitentum*¹⁴⁹. Ou seja, da mesma maneira que se buscou reproduzir a estrutura da colônia a partir da memória que eles tinham das colônias na Rússia, também nas escolas, conforme Peter Klassen, houve a tentativa de recuperar o que foi perdido nos anos da política nacionalista no Brasil.¹⁵⁰

¹⁴⁶ KLASSEN, Peter Pauls. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1998. p.110-111.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p.114.

¹⁴⁸ KLASSEN, Peter Pauls. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1998. p.223.

¹⁴⁹ PAULS, Peter Jun. [Carta] 12 fev. 1956, Palmeira [para] THIESSEN, J.J. Canadá. Apud KLASSEN, Peter Pauls. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1998. p.222.

¹⁵⁰ KLASSEN, Peter Pauls. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1998. p.222.

As dificuldades enfrentadas durante a política nacionalista da Era Vargas (1930-1945) marcaram a narrativa dos menonitas no Brasil. Francielly Barbosa relata que em Curitiba era proibido falar alemão, e a escola do grupo (a Escola do Boqueirão)¹⁵¹ foi fechada. Eles foram obrigados a aprender o português e a se relacionar com pessoas de fora da comunidade. Novamente, a memória dos menonitas pode ter sido silenciosa¹⁵², mas também foi resistente. A mesma autora observa que, enquanto o alemão era proibido, o dialeto *Plattdeutsch*, antes usado em ocasiões informais, passou a ser usado nas igrejas e atividades da comunidade, fortalecendo-o. O alemão continuou sendo ensinado nos lares, e as tradições e o ensino religioso foram mantidos nos lares e nas igrejas.¹⁵³

Quem estruturou o sistema escolar da colônia foi Fritz Kliever, menonita que se mudou do Paraguai para Witmarsum para esse fim.¹⁵⁴ A escola recebeu o nome deste diretor no ano de 1959, quando o primeiro edifício escolar foi construído pelos colonos. Antes, as aulas eram oferecidas em uma construção rural herdada da Fazenda Cancela. No ano seguinte, a escola passou por um processo de reconhecimento pelo Estado, pois a falta de validação estava causando dificuldades para os alunos que pretendiam dar continuidade aos estudos em outras instituições. O sistema escolar passou por alterações para se tornar “Escola Normal Regional”, mas as aulas de alemão, religião e história menonita continuaram fazendo parte do currículo.¹⁵⁵

A escola construída em 1959 contava com sete salas de aula, sala de professores, biblioteca e instalações sanitárias. Seu espaço logo ficou pequeno para a quantidade de alunos, passando por ampliações em 1969 e 1983. No ano de 1995, houve a decisão de construir um novo edifício escolar, pois a escola já atendia a mais de 500 alunos (Figura 15). Este foi construído entre o bloco antigo e a rua. Os seus 2.312 m² construídos incluíam um hall de entrada, secretaria, sala de professores, sala de reuniões, direção, biblioteca com videoteca, auditório, seis salas de aula, cinco salas temáticas (laboratórios e oficinas), e depósito.¹⁵⁶

¹⁵¹ Atualmente, a escola da Fundação Educacional Menonita em Curitiba se chama Colégio Erasto Gaertner.

¹⁵² POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p.5.

¹⁵³ BARBOSA, Francielly Giachini. *Mennonitentum: os menonitas e os processos de identificação* (Curitiba, 1934-1948) [artigo]. XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0266.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

¹⁵⁴ KLASSEN, Peter Pauls. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1998. p.223.

¹⁵⁵ KLASSEN, Peter Pauls. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1998. p.224-225.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p.226.



Figura 15 - Colégio Fritz Kliewer¹⁵⁷

A escola atende tanto alunos menonitas quanto não menonitas. Cada vez mais, alunos que não falam alemão frequentam a escola. Em 1995, havia 561 alunos, dentre os quais apenas 215 tendo o alemão como língua materna. A partir de 1991, os diretores da escola não eram mais menonitas nem falavam alemão. Isso mostra a grande transformação do caráter da escola, embora o ensino do alemão continue sendo um diferencial da mesma.¹⁵⁸

Já o centro de informações turísticas (Figura 16), localizado ao lado do museu, aponta para um novo período da colônia, mais recente, quando ela se volta para as atividades turísticas, embora a base econômica da Colônia ainda esteja voltada para a agropecuária, principalmente a pecuária leiteira.



Figura 16 - Centro de Informações Turísticas de Witmarsum¹⁵⁹

¹⁵⁷ MERCADANTE, Ricardo. *Colégio Flitz Kliewer na colônia Witmarsum em Palmeiras, PR*. [Fotografia]. Disponível em: <[httpmapio.netpicp-47023332](http://mapio.netpicp-47023332)>. Acesso em: 26 maio 2018.

¹⁵⁸ KLASSEN, Peter Pauls. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1998. p.227.

¹⁵⁹ PIZZATO, Gabi. *Colônia Witmarsum: a Alemanha perto de Curitiba*. [Fotografia]. Disponível em: <<http://www.devaneiosdebiela.com.br/2017/09/colonia-witmarsum-alemanha-curitiba-parana.html>>. Acesso em: 26 maio 2018.

A estrutura para o turismo na Colônia hoje é fornecida pelos próprios moradores locais, com pousadas, uma variedade de opções gastronômicas e atividades de turismo rural. A Colônia também é de interesse geológico, tendo no seu solo rochas da Formação Furnas e do Grupo Itararé com feições únicas, de valor natural, científico, histórico e educacional.¹⁶⁰ De acordo com Paccola e Melo, uma vantagem desta nova atividade na Colônia é a possibilidade de renda, principalmente para os jovens da Colônia, que saem de lá para o ensino superior e têm pouca perspectiva de emprego se voltarem para a Colônia. Estes autores propõem o estabelecimento de um circuito de ecoturismo na região, do qual um ponto seria a Colônia Witmarsum. Isso porque há vários pontos de interesses turísticos próximos, tendo como principal deles o Parque Estadual Vila Velha.¹⁶¹

Neste conjunto de atrativos turísticos culturais, culinários e naturais da Colônia, Paccola e Melo destacam o *Heimatmuseum*, pois é nele que os turistas têm um primeiro contato de aprendizado sobre a Colônia e as pessoas que lá vivem. Na proposta de ecoturismo trazida pelos autores, eles aconselham que as atividades turísticas sejam gerenciadas pelos habitantes locais. Neste sentido, eles apontam para a visita ao museu, onde o acompanhamento já é realizado por moradores locais, que contam a saga dos menonitas e conversam sobre a vida na Colônia.¹⁶² Cada uma destas construções representa a época em que foram construídas e se tornaram marcas na paisagem da Colônia Witmarsum.

2.3 O significado do nome da colônia

Pode-se entender ainda a paisagem como habitat. Não um habitat estático, mas como lar mutável, campo de trabalho do geógrafo:

“Este contato do homem com o seu lar mutável, como é expresso por meio da paisagem cultural, é o nosso campo de trabalho. Nós nos preocupamos com a importância do sítio em relação ao homem e também com a transformação desse sítio.

¹⁶⁰ PACCOLA, Maria; MELO, Mário. Influência geoambiental em mudanças de atitudes e econômicas na Colônia Witmarsum, Paraná. *Boletim de Geografia*. Vol. 30, nº1. Maringá: UEM, 2012. p. 109. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/11344>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

¹⁶¹ *Ibidem*, p.116-117.

¹⁶² PACCOLA, Maria; MELO, Mário. Influência geoambiental em mudanças de atitudes e econômicas na Colônia Witmarsum, Paraná. *Boletim de Geografia*. Vol. 30, nº1. Maringá: UEM, 2012. p. 117. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/11344>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

Ao mesmo tempo, lidamos com a inter-relação do grupo, ou culturas, e sítio, como expressos nas várias paisagens do mundo. ”¹⁶³

Besse estende o conceito de habitat para a Terra como um todo: “Ela (a Terra) deve ser entendida como habitat, como circulação de coisas e de homens, como gênero de vida, ou seja, como meio da *práxis* humana”.¹⁶⁴ Para Heidegger, o habitar não se limita apenas às moradias. Todas as construções e todo o espaço construído estão no âmbito do nosso habitar. Para Heidegger, o habitar, na sua essência expressa como o homem é sobre esta terra; o homem é à medida em que ele habita. Retornando à origem da palavra habitar, Heidegger descobre que ela deriva da palavra do antigo alemão *buan*, que significa construir, da qual derivam também as palavras permanecer, morar e ser. À palavra habitar também pertence o construir edificações e o cultivar os campos. O homem não habita porque constrói, mas constrói à medida em que ele é um ser que habita. Ser homem consiste em habitar. Cultivar e edificar significam construir. Habitar é construir: “salvando a terra, acolhendo o céu, aguardando os deuses, conduzindo os mortais”.¹⁶⁵ O próprio significado do nome que os menonitas dão à Colônia reflete a relação da comunidade com o lugar em que ele habita, construindo nele a partir da sua herança cultural, transformando-o e tendo sua cultura influenciada por ele.

A Colônia Witmarsum no Paraná, que originalmente era chamada de Neuwitmarsum (Nova Witmarsum¹⁶⁶), herdou o seu nome da colônia em que habitaram em Santa Catarina. Todavia, a origem do nome é mais remota. Menno Simons nasceu em Witmarsum, na Holanda. Logo, o nome remete ao nascimento do grupo menonita e do seu principal líder, e também da Colônia Witmarsum em Santa Catarina, que foi abandonada para mais um recomeço.

Na opinião de Klassen¹⁶⁷, a Colônia Witmarsum no Paraná surgiu a partir da preocupação em salvar o que chamaram de *Mennonitentum*, o “modo de ser menonita”, que estava ameaçado nas comunidades iniciais em Santa Catarina e na comunidade que já se

¹⁶³ SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p.68.

¹⁶⁴ BESSE, J. *Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006. p.91.

¹⁶⁵ HEIDEGGER, Martin. *Bauen, Wohnen, Denken* (1951) conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback.

¹⁶⁶ SCHROEDER, William. *Maps and Historical Notes related to Mennonite History*. Winnipeg: Mennonite Heritage Centre, 2008. p.205. Disponível em: <http://www.mennonitechurch.ca/programs/archives/holdings/Schroeder_maps/>. Acesso em: 15 jul. 2015.

¹⁶⁷ KLASSEN, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1: Rio Alto Krauel und Stoltzplateau in Santa Catarina. Bolanden- Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1995. p.460.

formara em Curitiba. Ao comprarem a Fazenda Cancela no Paraná, era esta identidade idealizada que os menonitas queriam atualizar.

Para a fundação da Colônia, foram inicialmente sugeridas as seguintes normas de funcionamento da comunidade: a produção deveria toda passar por uma cooperativa; tratar a terra de forma coletiva, e não definir proprietários nos primeiros dez anos; apenas seriam aceitas pessoas de origem menonita na comunidade; e membros da comunidade que prejudicassem as esferas comunitária, econômica, cidadã, cultural, ou confessional, poderiam ser excluídas.¹⁶⁸ Além das normas sugeridas para a Colônia, o seu sistema administrativo, as suas estruturas organizacionais e espaciais refletiam características das colônias na Rússia.

No início do capítulo, vimos que a localização das aldeias e seus nomes foram uma herança das invernadas da Fazenda Cancela. No entanto, o reaproveitamento destas foi possível porque o conceito dos núcleos habitacionais já existia nas colônias na Rússia. Nestas colônias, cada núcleo era formado com uma disposição simples dos lotes, que ficavam em um ou em ambos os lados da rua, e um rio, em geral paralelo à rua ou aos fundos dos lotes, conforme pode ser observado na imagem abaixo (Figura 17).

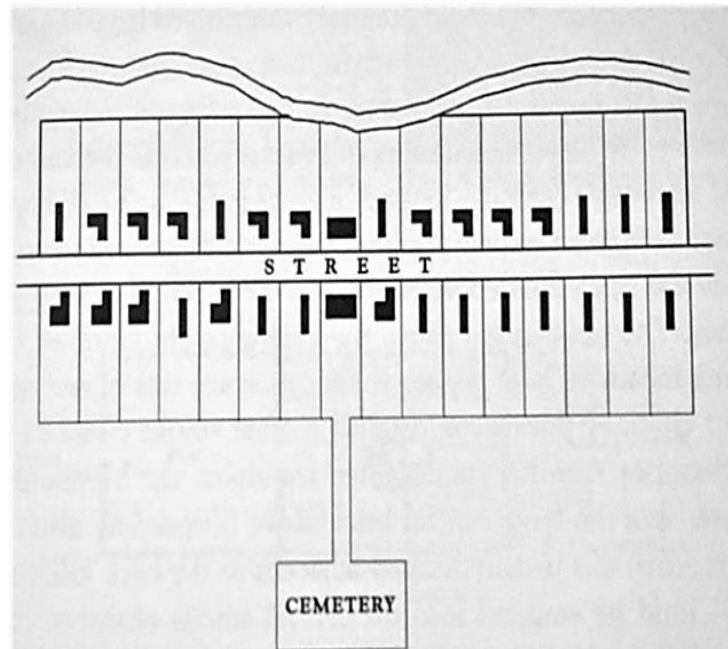


Figura 17 - Disposição padrão dos núcleos nas colônias na Rússia¹⁶⁹

¹⁶⁸ KLASSEN, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1: Rio Alto Krauel und Stoltzplateau in Santa Catarina. Bolanden- Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1995. p.461.

¹⁶⁹ FRIESEN, Rudy. *Building on the Past: Mennonite Architecture, Landscape and Settlements in Russia/Ukraine*. Canada: Raduga Publications, 2004. p.37

Dessa forma, em Witmarsum, cada núcleo procurou aproveitar as construções já existentes da antiga fazenda Cancela, e o museu era justamente a sede desta fazenda, no seu núcleo central, quando os menonitas chegam em 1951¹⁷⁰. Além disso, os núcleos habitacionais eram muito próximos uns aos outros, assim como as diversas colônias na Rússia, que formavam uma rede, disposição esta que teve profundo impacto econômico e social no desenvolvimento da comunidade menonita.¹⁷¹

Dessa forma, a paisagem da Colônia Witmarsum representa a velha e a nova pátria dos menonitas. A estrutura de núcleos habitacionais remete à sua pátria na Rússia, enquanto o aproveitamento dos locais, os nomes iniciais destes núcleos e as construções que encontraram representam o início de uma nova vida no Brasil, sua nova pátria.

¹⁷⁰ Ver em *Figura 13 - Localização da Colônia Witmarsum*, p.48, os círculos, que demarcam os núcleos habitacionais similares ao padrão das colônias na Rússia, conforme *Figura 17 - Disposição padrão dos núcleos nas colônias na Rússia*, p.56.

¹⁷¹ FRIESEN, Rudy. *Building on the Past: Mennonite Architecture, Landscape and Settlements in Russia/Ukraine*. Canada: Raduga Publications, 2004. p.37.

CAPÍTULO III – As memórias no *Heimatmuseum*: arquitetura e identidade

3.1 O museu como espaço arquitetônico

O museu da Colônia Witmarsum fica na casa que era a sede da antiga fazenda Cancela (Figura 18). O local foi de grande importância no início do povoamento menonita, servindo de base para o estabelecimento da Colônia.¹⁷² A casa também serviu por muitos anos como hospital para a população local. A própria comunidade menonita foi responsável por solicitar o seu tombamento.



Figura 18 - *Heimatmuseum*¹⁷³

Como bem tombado, atribui-se valor ao seu aspecto físico, construído: o espaço arquitetônico. Existem diferenças entre o entendimento sobre o espaço na geografia e na arquitetura. Lúcia Leitão e Norma Lacerda propõem uma reflexão sobre as diferenças, concluindo que, um maior diálogo sobre as distâncias conceituais existentes poderia contribuir muito para ambos os campos de conhecimento.¹⁷⁴

¹⁷² GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. *Espirais do tempo: bens tombados do Paraná*. Curitiba: Secretaria de estado da cultura, 2006. p. 304. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=287>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

¹⁷³ HAMM, Suelen C. *Heimatmuseum*. 1 fotografia. 27 de out. 2014. Acervo pessoal.

¹⁷⁴ LEITAO, Lucia; LACERDA, Norma. *O espaço na geografia e o espaço da arquitetura: reflexões epistemológicas*. *Cadernos Metrôpole*, São Paulo, v. 18, n. 37, p.803-822, dez. 2016. Disponível em:

Pare elas, o espaço da arquitetura é formado a partir de três eixos. O primeiro eixo diz respeito à criação do vazio como construção do espaço humano. Esta criação é tanto uma expressão quanto uma condição do viver do homem. O segundo eixo observa o espaço interior a partir de suas funções específicas, que tornam “(...) o espaço externo alheio à arquitetura enquanto campo disciplinar”¹⁷⁵. Este espaço interno necessariamente inclui o humano (diferente de uma escultura, por exemplo), em que ele entra e vive. Neste sentido, tanto o espaço de uma casa quanto uma cidade são arquitetônicos, pois ambos são “espaços construídos a partir de uma ação projetiva; ambas, ainda, compõem vazios, espaços internos que incluem o humano”¹⁷⁶. O terceiro eixo, por fim, considera que a composição do vazio é ao mesmo tempo o objeto e o objetivo da arte de edificar o ambiente construído. Ou seja, para elas, o espaço da arquitetura se diferencia do espaço da geografia porque ele é necessariamente projetual:

“O espaço arquitetural é um espaço criado, originado – e não apenas modificado ou transformado – pela e para a ação humana, ante um ambiente natural que se dá como espaço para o homem, preexistente, portanto, a qualquer ação humana.”¹⁷⁷

Neste ponto, ele se diferencia do espaço da geografia, pois, enquanto a arquitetura projeta, cria o seu espaço, a geografia o analisa de forma interpretativa e crítica em seu objeto de estudos. É interessante observar ainda que o homem não constrói o seu espaço arquitetônico apenas porque ele sente a necessidade de um abrigo. Se a necessidade fosse apenas o abrigo, ele poderia encontrar algo pronto na natureza – como uma caverna. No entanto, citando Choay, Lucia Leitão e Norma Lacerda entendem que “Edificar, ou arquitetar, é, portanto, nesse sentido, a expressão de uma habilidade humana, análoga à da linguagem, manifesta num ato fundador próprio da condição humana (...)”¹⁷⁸. Talvez, neste sentido, a criação do espaço arquitetônico parta mais da necessidade do homem de criar – da sua cultura – do que da necessidade do abrigo em si.

Dessa forma, o museu de Witmarsum é espaço arquitetônico, criado como uma expressão e condição do viver do homem, com funções específicas. Estas funções variaram ao

<www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-99962016000300803&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 maio 2017. p.818-819.

¹⁷⁵ LEITAO, Lucia; LACERDA, Norma. *O espaço na geografia e o espaço da arquitetura: reflexões epistemológicas*. *Cadernos Metr pole*, São Paulo, v. 18, n. 37, p.803-822, dez. 2016. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-99962016000300803&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 maio 2017. p.818.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p.814.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p.811.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p.810.

longo do tempo, de acordo com a necessidade da população. Além disso, ele expressa a cultura do homem como criador, mais do que apenas a sua necessidade de abrigo.

Amos Rapoport também levanta a questão da motivação primeira para que o homem construa as suas habitações. Para ele, seria uma afirmação muito determinista atribuir as construções apenas como resultado da necessidade do abrigo, ou a qualquer outro fator isolado.¹⁷⁹ Ele defende a hipótese de que a casa não é apenas um resultado de fatores físicos, mas a consequência de uma ampla gama de fatores socioculturais¹⁸⁰. Estas seriam as motivações primeiras, enquanto os fatores como clima, necessidade de abrigo, materiais e tecnologia disponíveis, entre outros, seriam fatores modificantes. Ainda para Rapoport, construções e colônias são expressões visíveis da importância relativa atribuída aos diferentes aspectos da vida e formas de perceber a realidade. Ou seja, elas são expressões materiais do *genre de vie* do povo. Logo, eles têm valores simbólicos, pois símbolos servem à cultura para tornar concretas as suas ideias e sentimentos.¹⁸¹ Para o mesmo autor, a casa expressa tanto os valores em transformação, a cosmovisão, o modo de vida quanto também as constâncias de um povo.

No museu da Colônia Witmarsum, verifica-se mais uma vez, assim como na paisagem, o valor simbólico da interação do homem com o espaço. Como foi mencionado anteriormente, o museu teve seu tombamento solicitado pela própria comunidade menonita, atribuindo valor ao espaço arquitetônico. No entanto, esta atribuição não ocorre pela valorização da casa como bem material em si, mas antes pelos valores simbólicos imateriais relacionados à construção.

No livro *Espiraís do Tempo* consta que a casa sede da fazenda foi construída por imigrantes na primeira metade do século XX, ou seja, por imigrantes que chegaram na região dos Campos Gerais antes dos menonitas. Este aponta para características como “(...) a composição, o sótão habitável obtido pela forte inclinação das águas da cobertura, a utilização de paredes de tabuado de madeira e os beirais ornamentados por lambrequins (...)”¹⁸².

¹⁷⁹ RAPOPORT, Amos. *House form and Culture*. New Jersey: Prentice Hall Inc, 1969. p.17.

¹⁸⁰ Rapoport considera aqui os fatores socioculturais que compõe o conceito de Redfield de *genre de vie*, que inclui cultura, *Ethos*, cosmovisão, e caráter nacional.

¹⁸¹ RAPOPORT, Amos. *House form and Culture*. New Jersey: Prentice Hall Inc, 1969. p.47-48.

¹⁸² GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. *Espiraís do tempo: bens tombados do Paraná*. Curitiba: Secretaria de estado da cultura, 2006. p.304-305. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=287>>. Acesso em: 11 ago. 2016.



Figura 19 - Pintura da colônia com vista para o atual museu¹⁸³

Os menonitas, mesmo não tendo construído esta casa, a descrevem como “(...) importante marco e catalisador da cultura monolítica dessa operosa comunidade.”¹⁸⁴

3.2 O significado do nome *Heimatmuseum*

Pode-se buscar entender a importância desta construção para a comunidade menonita analisando-se primeiramente o nome do museu. Ele leva o nome alemão *Heimatmuseum*, que pode ser traduzido como *museu sobre a pátria*, ou então *museu da pátria*¹⁸⁵. O Dicionário Duden oferece a seguinte definição: “Museu com coleções de história natural e cultural da pátria mais íntima.”¹⁸⁶ No entanto, de acordo com Blickle, a palavra *Heimat* é um termo de difícil definição, que os alemães podem usar de maneira neutra no dia a dia, mas que tem um significado relativo e abstrato. O termo *Heimat* é muito usado na música, literatura e mesmo para a construção de ideias políticas.¹⁸⁷ Além disso, ele está relacionado à construção da identidade:

¹⁸³ JANZEN, Sonia. Pintura da colônia com vista para o atual museu. 1 pintura. Acervo do Heimatmuseum. 2006.

¹⁸⁴ *Ibidem* p.304-305.

¹⁸⁵ Tradução livre da autora.

¹⁸⁶ HEIMATMUSEUM. *Duden online Wörterbuch*. 30 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.duden.de/node/711860/revisions/1635413/view>>. Acesso em: 30 mai. 2018. Tradução livre da autora. No original: „Museum mit naturkundlichen und kulturgeschichtlichen Sammlungen der engeren Heimat“.

¹⁸⁷ BLICKLE, Peter. *Heimat: A Critical Theory of the German Idea of Homeland*. New York: Camden House, 2002. p.4.

“A ideia de *Heimat* responde aos anseios por um senso de pertencimento que parece vir sem um preço. Aceitar a noção de *Heimat* para constituição de uma identidade é uma submissão voluntária a uma construção cultural que é percebida como um estado natural do ser.”¹⁸⁸

Um aspecto que sempre faz parte do termo é a geografia, seja a casa, cidade ou região onde alguém nasceu ou onde viveu por um extenso período de tempo.¹⁸⁹ A palavra *Heimat*, no dicionário alemão Langenscheidt, tem a seguinte definição: “O país, região ou lugar onde alguém cresceu ou onde morou por muito tempo, ou onde se sente (como) em casa.”¹⁹⁰ De acordo com Jochen Bär, a palavra *Heimat* é derivada da palavra *Heim*¹⁹¹. Que, no dicionário Langenscheidt, tem a seguinte definição: “a casa ou a habitação em que alguém vive (e onde se sente bem).”¹⁹²

Dessa forma, pode-se concluir que o *Heimatmuseum* é um museu que trata sobre o lugar em que os menonitas se sentem em casa, onde se sentem bem. Este lugar pode ser a pátria mais íntima deles, e neste sentido pode se referir tanto à Rússia quanto ao Brasil. Pode estar se referindo também à própria Colônia Witmarsum, onde o grupo vive. Por fim, também poderia se referir ao próprio museu como um lar, um local em que a pessoa pode se sentir como em casa, onde ela pode habitar. Conforme a reflexão do capítulo anterior, para Heidegger, o habitar não se limita apenas às moradias. Todas as construções e todo o espaço construído estão no âmbito do nosso habitar.¹⁹³ Dessa forma, o museu, que foi construído com a função de habitação, ainda hoje, com sua nova função, encontra-se no âmbito do habitar.

O sentimento duplo de entender tanto ao Brasil quanto à Rússia como a sua pátria pode ser observado nos poemas de imigração escritos pelo grupo. A oração do imigrante escrita por Hirschfeld no início de sua estadia no Brasil reflete o seu desejo de se sentir parte do país ao qual chegou, onde tudo ainda lhe parecia estranho:

¹⁸⁸ BLICKLE, Peter. *Heimat: A Critical Theory of the German Idea of Homeland*. New York: Camden House, 2002. p.6. Tradução livre da autora.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p.4.

¹⁹⁰ HEIMAT. *Langenscheidt: großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. Berlin: Langenscheidt, 2010. p.535. Tradução livre da autora. No original: „das Land, die Gegend od. der Ort, wo j-d (geboren u.) aufgewachsen ist od. wo j-d e-e sehr lange Zeit gelebt hat u. wo er sich (wie) zu Hause fühlt“.

¹⁹¹ BÄR, Jochen A. *Das Jahr der Wörter – Folge 193 (12. Juli)*. Vechta: Universität Vechta, 2014. Disponível em: < <http://www.baer-linguistik.de/beitraege/jdw.htm>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

¹⁹² HEIM. *Langenscheidt: großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. Berlin: Langenscheidt, 2010. P.535. Tradução livre da autora. No original: „das Haus od. die Wohnung in dem/der j-d lebt (u. sich wohlfühlt).“

¹⁹³ HEIDEGGER, Martin. *Bauen, Wohnen, Denken* (1951) conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em *Vorträge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback.

“Senhor, nós nos atrevemos e atravessamos o mar.
 Agora nós estamos aqui desanimados diante do grande recomeço.
 Povo estrangeiro, praia estrangeira,
 costumes estrangeiros, terra estrangeira.
 Nos ajude, Senhor, para que esta terra
 logo se torne nosso lar. (...)”¹⁹⁴

O nome do museu possivelmente é uma confirmação de que este anseio de pertencimento se concretizou, e que o Brasil se tornou o lar destes imigrantes. No entanto, observando a narrativa exposta no museu, percebe-se que os elementos contam a história de migrações dos menonitas, principalmente de suas colônias na Rússia. Dessa forma, o nome *Heimatmuseum* é também uma expressão de nostalgia, de saudades, da pátria que precisaram abandonar. Na própria oração acima, percebe-se que o recomeço no Brasil foi difícil, e causou desânimo nestes imigrantes.

Pode-se considerar que o museu é expressão de um sentimento misto de saudades da antiga pátria e que, ao mesmo tempo, um sentimento de “sentir-se em casa” no Brasil. Dessa forma, o museu representa a cultura híbrida da comunidade menonita no Brasil, conforme poema a seguir:

“Agora cantem à nova pátria
 ao Brasil, em honra,
 a você nós queremos, com o coração e a mão
 pertencer no nosso futuro.
 Adeus, antigo lar.
 Pensamos em você com lealdade
 e trazemos de você nossa diligência.
 Ao Brasil, novo lar.
 Ó, gostaria que um laço amigável
 envolvesse sempre ambos.
 À antiga e à nova pátria,
 uma despedida nós trazemos.”¹⁹⁵

¹⁹⁴ HIRSCHFELD, R. Gebet der Einwanderer. In: PAULS JR., Peter (Org.). *Mennoniten in Brasilien: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung*. Witmarsum: Peter Pauls Jr, 1980. p. 31. Tradução livre da autora. No original: „Herr, wir haben es gewagt/ Und sind uebers Meer gegangen,/ Hier nun stehen wir verzagt/ Vor dem grossen Neu-Angangen/ Fremdes Volk und fremder Strand./ Fremde Sitten, fremde Erde,/ Hilf uns, Herr, dass dieses Land/ Uns bald neue Heimat werde. (...)“

¹⁹⁵ DIE BRUECKE. Das neue Heimatland. In: PAULS JR., Peter (Org.). *Mennoniten in Brasilien: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung*. Witmarsum: Peter Pauls Jr, 1980. p. 34. Tradução livre da autora. No original: „Nun singt dem neuen Heimatland/ Brasilien zu Ehren,/ wir wollen dir mit Herz un Hand/ in Zukunft angehoeren./ Du alte Heimat lebe wohl,/ wir denken dein in Treue/ und bringen deines Fleisses Zoll,/ Brasilien,

Neste poema aparece claramente o contraste entre o antigo e o novo lar, o desejo de adaptação à nova pátria, mas também o desejo de que não aconteça um esquecimento da pátria antiga. Este poema reforça a cultura híbrida que os menonitas assumiram. Esta é formada a partir de um processo que Stuart Hall chama de ‘tradução da identidade’.

“Este conceito (da Tradução) descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias ‘casas’ (e não a uma ‘casa’ particular). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural ‘perdida’ ou de absolutismo étnico (...) Elas são o produto de novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia”.¹⁹⁶

Os menonitas passaram a ter uma cultura híbrida, com identidades diversas. O museu representa esta cultura híbrida. Eles sentem que têm mais de um lar. O lar de onde vieram e para o qual não voltarão: a Rússia; e o lar que os abrigou: o Brasil. Enquanto a edificação do museu e o seu mobiliário antigo representam o lar que os abrigou, a narrativa da exposição do museu representa o lar que deixaram. Ela conta a narrativa da saga dos menonitas, suas perseguições e migrações, desde a Europa no século XVI até a sua vinda ao Brasil.

Logo, a opção da comunidade pelo tombamento do museu se dá em partes pelo seu valor imaterial, ao representar em escala menor o processo de adaptação à nova pátria e à formação da sua cultura híbrida. O museu foi ocupado por eles. A estrutura da casa permaneceu, mas foi ressignificada, dando lugar a novos usos.

du Neue./ O moechte doch ein freundlich Band/ und beide stets sich schlingen./ Dem alt und neuen Vaterland./ ein Lebewohl wir bringen.“

¹⁹⁶ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p.88-89.

A narrativa do museu da Colônia prioriza os menonitas que ali vivem, porque esta é a sua própria memória. Os menonitas consideram que o museu expressa quem eles são, pois ele é, como suporte de memória, um instrumento que reforça a sua identidade. A casa também é um suporte de memória da antiga Fazenda Cancela, assim como seu mobiliário, pois a construção carrega os traços da sociedade que a construiu, e não deixa de ser um suporte de memória desta. Mas para os menonitas, em primário lugar o museu expressa quem eles são, por mais que eles não o tenham construído. É o seu valor simbólico, portanto, que determinou sua importância para esta sociedade.

O museu representa, portanto, a cultura híbrida dos menonitas, a partir do contraste e da mescla entre o velho e o novo lar. Sua importância para os menonitas deriva de seu valor simbólico, a partir da apropriação deste espaço arquitetônico já construído, como parte de sua história e da sua identidade. Mas tal local não pode ser estudado isoladamente da colônia. O museu deve ser visto como parte de um sistema total social e espacial que relaciona a casa, modo de vida, colônia e paisagem.

3.3 *Heimatmuseum* e ecomuseus

Egon Phillipson, responsável anterior pela administração do museu da Colônia, afirmou em entrevista concedida: “O museu sozinho não funciona tão bem. Precisa ter pessoas lá para contar a história menonita.”¹⁹⁷ As suas palavras expressam o desejo de envolvimento da comunidade com o museu, de um museu vivo, um museu habitado. Este ideal do museu em que a comunidade se torna atuante, e não apenas visitante, aproxima-o do modelo do ecomuseu, que teve início com Henri Rivière, na França dos anos de 1930. O museu de Witmarsum não é definido como ecomuseu, e provavelmente seria necessário passar por várias mudanças para se adequar a este formato. No entanto, estabelecer uma análise de comparação entre eles pode ampliar a compreensão sobre a sua formação e importância.

Para estabelecer esta conexão, é necessário primeiramente não considerar apenas o museu como edificação em si, mas em conjunto com o seu contexto na colônia. De acordo com Helena Barbuy, o aspecto mais visível do ecomuseu é o seu âmbito espacial.¹⁹⁸ Paccola e Melo, neste sentido, estudaram as características geoambientais e culturais da Colônia Witmarsum com a proposta de criar um geoparque na região. Eles observam iniciativas pontuais na colônia

¹⁹⁷ HAMM, Suelen C. *Parque Cultural Menonita: Instrumento para preservação da cultura e memória de um povo* [monografia]. Curitiba: UTFPR, 2015, p.70. Entrevista concedida por Egon Phillipson à autora.

¹⁹⁸ BARBUY, Helena. *A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise* [artigo]. Anais do Museu Paulista. N. Ser. v.3, jan-dez de 1995, p. 209-236. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1995. p.225.

que visam aproximar o turista das atividades rurais da comunidade.¹⁹⁹ Sua proposta se aproxima dos ecomuseus por um lado, pois Henri Rivière trabalhava a musealização em torno de um modo de vida:

“...ampliou-se para a ideia de um trabalho museológico em torno de todo um modo de vida: chegava-se, assim, ao casamento entre as tradições dos museus de etnografia regional e as ideias de libertação do museu relativamente a seus muros e seu elitismo, para criarem-se os museus de território, de patrimônio *lato sensu* e que envolvessem as populações locais, num processo de revitalização.”²⁰⁰

Por outro lado, a proposta de Paccola e Melo partem mais de um objetivo econômico voltado ao turismo, enquanto o ecomuseu dá mais ênfase ao seu papel social. Quando os ecomuseus foram criados na França, o país já vinha de uma longa tradição museológica. Helena Barbuy observa que até então os museus tinham como objetivo o “patrimonialismo” em si, porém os ecomuseus renovam a museologia por sua maior preocupação com a interação da comunidade.²⁰¹

Eles trazem uma herança de movimentos que ocorreram na virada para o século XX, como as correntes regionais, que valorizavam a autorrepresentação e não mais a representação do outro, e as exposições universais, cujas práticas e temáticas expositivas tiveram influência nos museus criados por Henri Rivière. Ele trabalhou com parques regionais franceses que seriam chamados de ecomuseus.²⁰²

Algumas interpretações sobre os ecomuseus entendem que eles se opunham ao acervo. Pelo contrário, todo o processo social se dá em torno do patrimônio, cujo conceito se amplia e engloba território, paisagem, edificações e os objetos que compõem os acervos.²⁰³ Os acervos, para Rivière, são importantes incluindo o seu contexto, e deveriam ser dispostos de forma a tratarem sobre temáticas específicas.²⁰⁴ O acervo no museu da Colônia tem sua importância, e ele conta com o maior arquivo de documentos: mapas, atas, imagens, etc., relacionados aos

¹⁹⁹ PACCOLA, Maria; MELO, Mário. Influência geoambiental em mudanças de atitudes e econômicas na Colônia Witmarsum, Paraná. Boletim de Geografia. Vol. 30, nº1. Maringá: UEM, 2012. p.114. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/11344>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

²⁰⁰ BARBUY, Helena. *A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise* [artigo]. Anais do Museu Paulista. N. Ser. v.3, jan-dez de 1995, p. 209-236. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1995. p. 216.

²⁰¹ *Ibidem*, p.209.

²⁰² *Ibidem* p.213-215.

²⁰³ *Ibidem*, p.210.

²⁰⁴ *Ibidem*, p.218-219.

menonitas no Brasil. Logo depois de sua criação, Melita Nikkel, menonita que fazia parte da comunidade, assumiu a função de organizar a exposição dos objetos.²⁰⁵

Este é talvez o ponto mais importante de contato entre o museu da colônia e os ecomuseus: o envolvimento da comunidade tanto no processo de tombamento quanto na organização e administração do museu. De acordo com Helena:

“Mas o mais importante foi, na verdade, mostrar que qualquer objeto, construção, paisagem ou conhecimento poderia ter valor documental e que o desejo e o encargo de sua preservação poderiam ser expressos e assumidos pelos próprios grupos sociais envolvidos.”²⁰⁶

O museu da Colônia Witmarsum é o único bem arquitetônico tombado na comunidade. Tanto a Inscrição Tombo²⁰⁷ quanto o livro *Espiraís do Tempo* ressaltam o fato de que o pedido de tombamento foi realizado pela cooperativa menonita. Ele foi declarado patrimônio junto à Coordenadoria do Patrimônio Cultural do Estado do Paraná no ano de 1989.²⁰⁸

A princípio, os ecomuseus contam com um trabalho conjunto da comunidade e de especialistas. O museu de Witmarsum, neste sentido, aproxima-se da definição do ecomuseu comunitário, que não conta com especialistas envolvidos, embora atualmente ele esteja em busca do auxílio de profissionais que trabalham com patrimônio e museus.

O ponto central do ecomuseu, no entanto, pode ser considerado a sua relação com a identidade e com a memória:

“De fato, este pode ser considerado, talvez, o ponto central da filosofia dos ecomuseus: a afirmação, através da memória, de uma identidade cultural, que permitiria dar um rumo mais legítimo ao presente; tornaria mais claro, para uma coletividade, que caminhos tomar.”²⁰⁹

²⁰⁵ KLASSEN, Peter P. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1998. p.255.

²⁰⁶ BARBUY, Helena. *A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise* [atigo]. Anais do Museu Paulista. N. Ser. v.3, jan-dez de 1995, p. 209-236. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1995. p. 220.

²⁰⁷ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. *Sede da Fazenda Cancela*. Inscrição tomo 96-II, processo de número 04/89. Palmeira: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1989. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=137>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

²⁰⁸ *Idem*, *Espiraís do tempo: bens tombados do Paraná*. Curitiba: Secretaria de estado da cultura, 2006. p.304. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=287>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

²⁰⁹ BARBUY, Helena. *A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise* [atigo]. Anais do Museu Paulista. N. Ser. v.3, jan-dez de 1995, p. 209-236. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1995. p. 222

Dessa forma, assim como a paisagem da Colônia Witmarsum é expressão daquilo que eles entendem ser a sua identidade, assim também o museu.

PARTE II

CAPÍTULO IV – Propostas e projeto

O atual responsável pelo museu da Colônia Witmarsum, Ricardo Phillipsen, elaborou, em conjunto com a Associação de Moradores, uma proposta de incentivos culturais que, dentre outros itens, aponta a preservação do museu como um objetivo premente. O restauro de um bem arquitetônico, com a sua demanda de verba e de profissionais especializados, é um desafio. A solução encontrada para alcançar este propósito está sendo a busca por parcerias e convênios.

O levantamento arquitetônico realizado nesta pesquisa foi uma etapa inicial, mas essencial para o processo. Além disso, o levantamento arquitetônico do museu foi indispensável para a obtenção de um melhor conhecimento sobre a distribuição dos espaços, materiais e técnicas construtivas utilizadas. Irã Dudeque, em sua pesquisa, aponta para os perigos causados quando o arquiteto busca construir a história de um bem arquitetônico olhando apenas para a arquitetura em si. Como ele escreve:

“(...) alguns profissionais dedicados à história da arquitetura que propagandeiam que a *história da arquitetura é a história da arquitetura*, querendo significar que a arquitetura é uma disciplina à parte, e que há uma independência de métodos em relação a todo o corpo da historiografia. O perigo (e o clichê) mais comum da afirmação a *história da arquitetura é a história da arquitetura* é confundir-se filiação com explicação, o que serve para a genética, mas não para os assuntos humanos. Outro perigo são os relatos em que a arquitetura se torna autorreferente, explicável a partir da relação de materiais agregados em uma obra, métodos construtivos utilizados, volumetria e posição do lote. Descreve-se uma obra arquitetônica, explica-se a aparência de uma obra arquitetônica e esmiúçam-se os métodos de criação de uma obra arquitetônica, anexam-se plantas, cortes e fotografias e *voilà!* Acredita-se que se inseriu esta determinada obra nas linhas da história. O resultado final de tais descrições são coleções de incidentes arquitetônicos e fatos autônomos boiando em décadas ou em séculos, sem que haja relação das obras entre si ou com o entorno.”²¹⁰

Escrevendo a história da arquitetura apenas olhando para a construção, corre-se o risco de se escrever um falso histórico. No entanto, aliado às metodologias de pesquisa da história e de outros campos do conhecimento, análise da obra a partir da sua arquitetura é um instrumento essencial para a compreensão da própria obra e do seu contexto. Tanto os materiais e métodos construtivos adotados quanto as dimensões e disposição dos cômodos podem servir de apoio

²¹⁰ DUDUEQUE, Irã Taborda. *Espirais de Madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 2001. p.42.

para o entendimento do pensamento das pessoas que lá moraram e que utilizaram a construção ao longo dos anos.

A pesquisa resultou, dessa forma, em um estudo preliminar que será de grande valor para a comunidade menonita, e o museu dará prosseguimento à elaboração do projeto de restauro a partir do convênio com o Centro Universitário de União da Vitória. Os professores e estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo desta instituição darão sequência ao projeto como parte de um programa de extensão da universidade, contando com o apoio do IPHAN do Paraná.

Serão entregues ao museu, além da dissertação, uma prancha contendo o levantamento arquitetônico do museu e nove pranchas apresentando painéis culturais. Além disso, foi desenvolvida uma maquete de papel em formato de *papercraft*. A proposta é que os visitantes do museu, ao montá-la, possam ter um entendimento mais próximo do museu como bem patrimonial, tanto do seu valor arquitetônico quanto de seu valor simbólico, como parte da experiência da exposição.

4.1 Levantamento arquitetônico

Como metodologia para o levantamento arquitetônico foram utilizadas as recomendações do IPHAN que constam no caderno 7 do programa Monumenta. Este destaca a importância da “leitura e documentação”, ou cadastro, do patrimônio, pois este se torna um testemunho iconográfico da construção para as futuras gerações, e também porque ele é a etapa inicial para um futuro projeto de intervenção²¹¹.

“Um dos instrumentos importantes para a preservação da memória é o seu registro iconográfico, quer pelos métodos milenares, quer pelos processos e instrumentos mais recentes que a ciência e a técnica do nosso tempo nos trouxeram. Nesse caso, desaparecido o objeto que testemunha o nosso passado, a sua imagem pode substituir, embora parcialmente, a necessidade imanente à natureza humana de manter contato com o que se foi. (...) Mas, além do valor documental, simbólico e afetivo da representação cadastral de um edifício de interesse cultural, ela é instrumento inseparável dos que têm a difícil missão de intervir em um monumento. Além de ser a base óbvia sobre a qual vamos elaborar o nosso projeto de intervenção, os cadastros feitos com apuro e exatidão nos permitem leitura mais detalhada da evolução do organismo arquitetônico e suas transformações, além de ensejarem a avaliação das

²¹¹ OLIVEIRA, Mário Mendonça de. A documentação como Ferramenta de Preservação da Memória. *Cadernos Técnicos n° 7*. Brasília: Programa Monumenta; IPHAN, 2008. p.9.

deformações estáticas que a estrutura do edifício vem sofrendo, para que se possam aplicar as soluções corretivas. ”²¹²

Dessa forma, o levantamento arquitetônico realizado, além de servir como importante documento para a pesquisa, será de grande valor para a próxima etapa das propostas culturais colocadas pela Colônia Witmarsum, que é o projeto de intervenção. Mas em que consiste este registro iconográfico?

Ainda de acordo com o caderno do programa Monumenta, os fundamentos para o registro são tanto a teoria quanto a prática, e a inventividade também tem o seu valor para o processo.²¹³ A exatidão das medições e dos desenhos é essencial, mas o resultado não poderá substituir o bem construído: a relação entre homem e o espaço nunca será expressa integralmente no papel.²¹⁴

À equipe que futuramente proporá as intervenções e as colocará em prática, este registro poderá servir de base para o entendimento da construção e de suas necessidades mais urgentes. Recomenda-se, no entanto, que seja considerada a possibilidade de levar ao local uma equipe multiprofissional, pois este levantamento ficou limitado às ferramentas disponíveis. Dessa forma, profissionais como engenheiros estruturais, topógrafos, entre outros, teriam muito a contribuir para aumentar a precisão deste registro antes de se executarem as intervenções. O levantamento “Deve caminhar, à guisa de contraponto da obra, sofrendo atualizações a cada momento em que é encontrada uma informação nova. ”²¹⁵

O Programa Monumenta, na página 33, recomenda como etapas metodológicas uma lista de nove operações.²¹⁶ As primeiras quatro recomendações referem-se a etapas anteriores à visita técnica para o levantamento de medidas e detalhes. Especificamente, a primeira recomendação é:

Reconhecimento preliminar do monumento para avaliação das dificuldades de acesso e da necessidade de contar com o apoio de pessoal auxiliar, além daquele da equipe básica, que deve ser de, no mínimo, três pessoas. Identificação de equipamentos que facilitem o trabalho, como escadas, andaimes, material de segurança e similares;

²¹² OLIVEIRA, Mário Mendonça de. A documentação como Ferramenta de Preservação da Memória. *Cadernos Técnicos n° 7*. Brasília: Programa Monumenta; IPHAN, 2008. p. 13.

²¹³ *Ibidem*, p. 23.

²¹⁴ *Ibidem*, p. 13.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 29.

²¹⁶ *Ibidem*, p. 33.

A partir desta recomendação, uma visita foi feita ao museu para identificar as áreas e elementos que necessitariam de medições. O atual gerente do museu, Ricardo Philippsen e seu pai Egon Phillippsen, foram um apoio na realização das visitas técnicas para mostrar o local e fornecer informações. Além disso, posteriormente uma das moradoras da Colônia, Lilian Hamm de Oliveira, apoiou com a etapa de fotografia. Como equipamentos, havia à disposição uma máquina fotográfica Canon EOS 70D, com a qual o registro fotográfico foi feito, uma trena de 10 m, e uma trena digital a laser com alcance de até 30 m.

A segunda e a terceira recomendação são: uma “cobertura fotográfica preliminar para facilitar a avaliação do conjunto do edifício”; e a “leitura de textos e pesquisa de iconografia existente sobre o edifício, de modo a facilitar a reconstituição da sua história e apoiar a fase cognitiva do trabalho”. Estas duas etapas foram realizadas ao longo da pesquisa. Foram encontradas imagens mais antigas, embora poucas, no material bibliográfico. As demais fotografias foram tiradas durante a visita de reconhecimento. Estas etapas foram a base para a quarta recomendação, a “elaboração de croqui da planta e da elevação, em escala aproximada e em dimensões não muito reduzidas, sobre o qual serão anotadas as medidas e outras informações que forem encontradas no cadastramento”. Dessa forma, os croquis foram desenhados previamente à visita para medições, agilizando o processo.

A quinta e a sexta recomendação se referem às etapas que são necessárias durante a visita técnica para o levantamento. Primeiro, o “levantamento e anotações de medidas com trenas, escalas e aparelhos. Métodos diretos e indiretos. Complementação da cobertura fotográfica que facilite o desenho dos detalhes”. Como já mencionado, foram usadas uma trena de 10 m, e uma trena digital a laser com alcance de até 30 m. A trena digital permitiu que a grande maioria das medidas fossem tomadas a partir de métodos diretos. A cobertura fotográfica foi feita com apoio de Lilian Hamm de Oliveira, e foi essencial para o registro e desenho principalmente dos detalhes, que puderam ser desenhados posteriormente a partir de técnicas de retificação e dimensionamentos da fotografia com auxílio do *autoCAD*. A sétima recomendação é a “marcação imediata dos dados obtidos em desenho de prancheta e, em seguida, sob formato digital”. Neste caso, os croquis foram digitalizados e devidamente ajustados com auxílio do programa *autoCAD*.

As duas últimas recomendações se referem ainda às etapas posteriores à visita. Para a oitava etapa, as dúvidas devem ser listadas para “complementação e correção de dados no campo”. Tendo realizado a conferência e correção das medidas, a última etapa é o “desenho final por meio de digitalização em *autoCAD* ou programa similar (...)”. Este desenho final foi, por fim, organizado em pranchas e entregue ao museu. Como resultado, o conteúdo das

pranchas de levantamento arquitetônico consiste em: planta baixa do térreo e do sótão acessível, cortes, elevações, planta de cobertura e planta de situação.

Tal levantamento, conjugado com a pesquisa, também deram origem aos painéis culturais divididos em três partes. A primeira parte consiste na apresentação da pesquisa teórica que resultou na dissertação. São três pranchas com informações sobre a memória dos menonitas, sobre a colônia e sobre o museu. A segunda parte consiste na apresentação da atual situação do museu. São quatro pranchas que apresentam materiais e método construtivo, implantação, planta baixa com imagens dos ambientes, elevações e patologias. A terceira parte consiste no mapeamento de danos e estado de conservação do bem. Consiste em duas pranchas, contendo estudo dos fluxos, da insolação, os materiais construtivos, análise das qualidades dos ambientes, proposta de setorização e diretrizes iniciais para a continuidade do projeto.

4.2 Características da construção

Uma etapa importante do estudo preliminar consiste na descrição e análise da obra levando em conta o método construtivo e as soluções arquitetônicas que foram utilizadas para a construção. Este processo será apresentado a seguir, tomando como modelo a pesquisa de Janice Bernardo. No seu livro “Madeira e técnica: as edificações históricas da Colônia Murici”, são estudadas edificações de interesse histórico-cultural construídas também por imigrantes no mesmo período histórico do museu da Colônia Witmarsum. O estudo dos relatos das 17 casas apresentadas pela autora foram de grande valor para a observação e descrição da edificação do museu e dos seus detalhes construtivos, por suas semelhanças no uso dos materiais e nas soluções adotadas desde os volumes até aos detalhes decorativos.²¹⁷

O *Heimatmuseum* fica localizado no núcleo central da Colônia Witmarsum, na rua XV de Novembro. Na mesma quadra estão localizados o Colégio Fritz Kliewer, o Banco Sicredi e o Centro de informações turísticas. Em frente ao museu está a Cooperativa agroindustrial Witmarsum. Ao leste do museu há um terreno vazio, e aos fundos, ele conta com uma faixa de vegetação (Figura 20).

²¹⁷ BERNARDO, Janice. *Madeira e técnica: as edificações históricas da Colônia Murici*. Curitiba: Edição do autor, 2013.

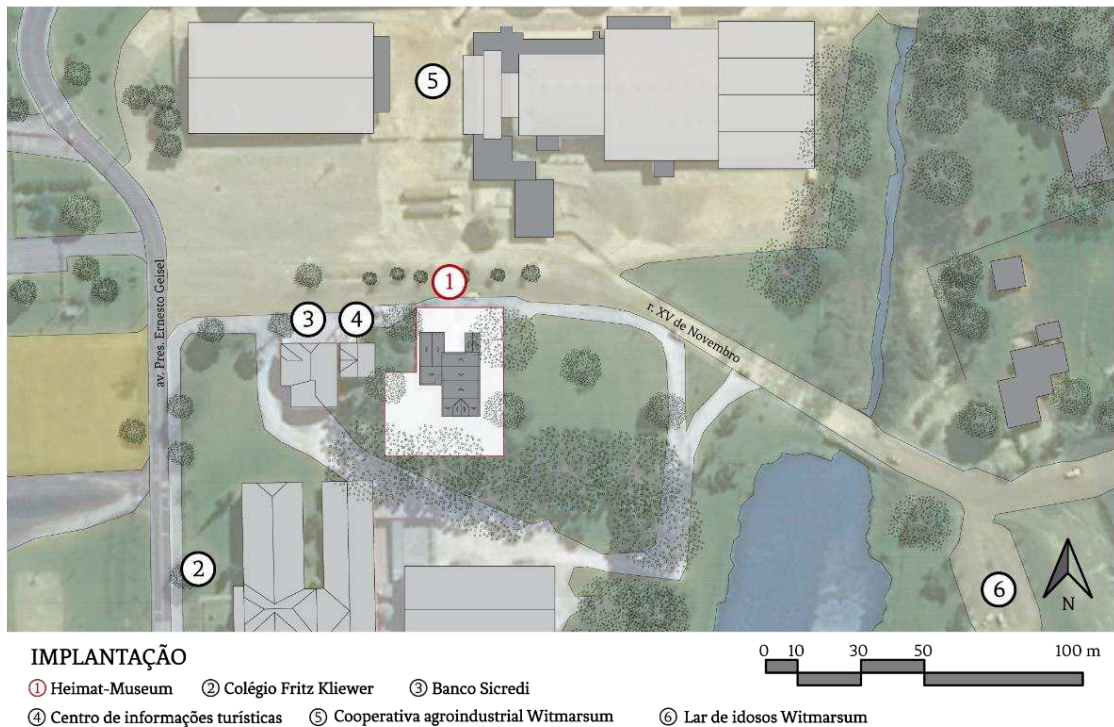


Figura 20 - Implantação do *Heimatmuseum*²¹⁸

A casa é formada por dois volumes principais, um em madeira e o outro, um anexo em alvenaria. A planta do volume em madeira mede 19,15 x 10,98 metros, com um pé direito na sala de 2,80 metros. O volume em alvenaria mede 15,26 x 6,46 metros com o pé direito de 2,98 metros. O sótão habitável, que pode ser acessado por uma escada que parte do volume em madeira, mede 7,11 x 11,03 metros, e o seu pé direito mede 2,17 metros. A partir do volume em alvenaria, outro sótão pode ser acessado. Este, no entanto, não é habitável. Ele mede 9,60 x 6,46 metros, sendo a altura do piso à cumeeira de 3,06 metros.

A fachada frontal tem formato assimétrico, com o volume em madeira no centro, o volume em alvenaria avançando para a frente ao seu lado direito e um pequeno anexo com as instalações sanitárias e área de serviço cobrindo parte do volume em madeira no lado esquerdo. Um caminho ladeado por canteiros de flores leva os visitantes da rua à porta principal do museu. A porta tem duas folhas, é almofadada na parte inferior e tem quadros de vidro na parte superior. As duas janelas desta fachada têm sistema de abrir de guilhotina, com desenho quadriculado, e venezianas com frisos que abrem para o lado interno da casa. Este é o padrão de janelas em todo o volume principal, com exceção das duas janelas laterais da varanda posterior, que não possuem venezianas.

²¹⁸ Desenho elaborado pela autora.

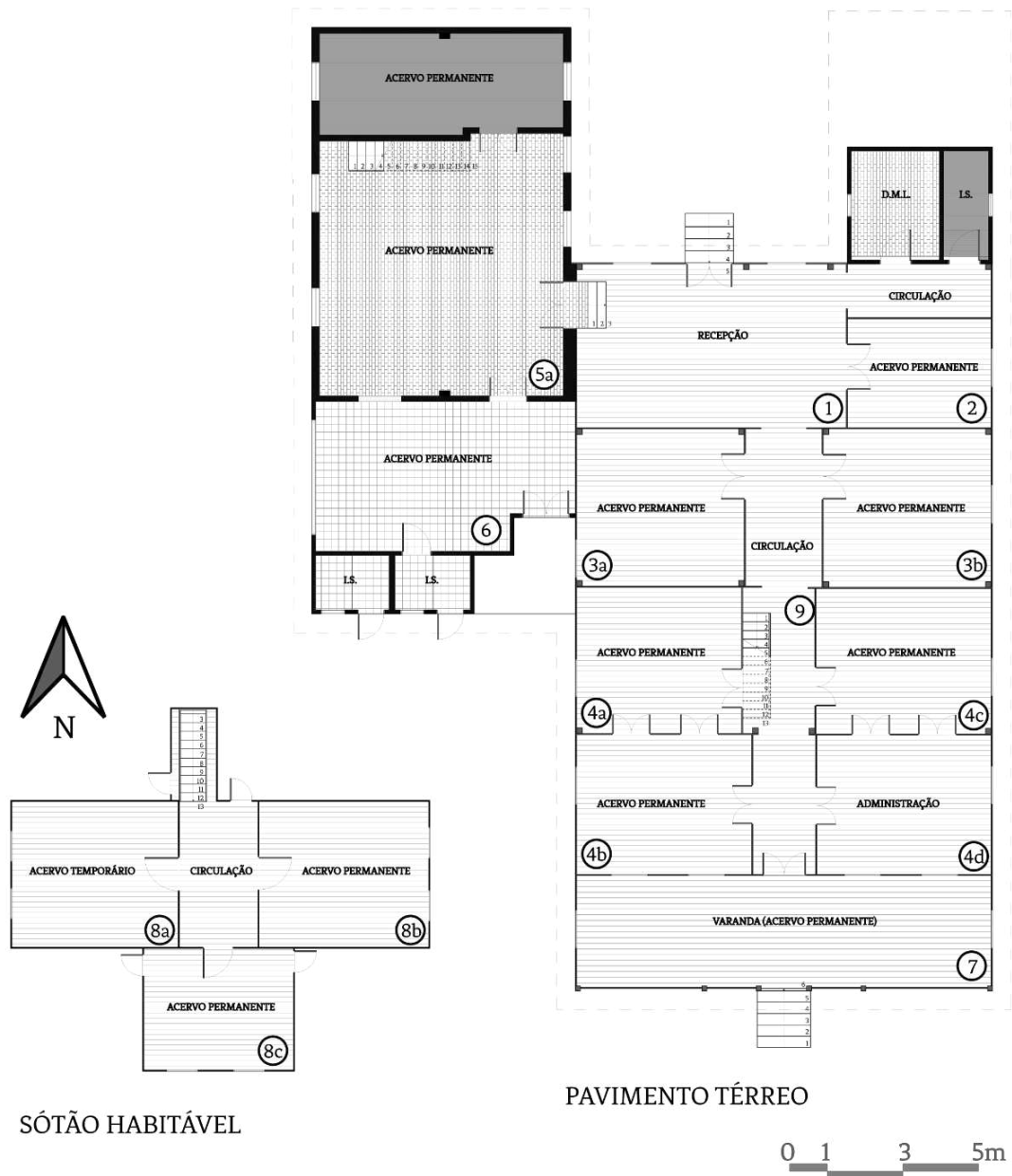


Figura 21 - Plantas baixas do pavimento térreo e sótão habitável²¹⁹

A fachada dos fundos, que antigamente era a fachada principal, tem uma varanda que dá acesso à casa. Ela é simétrica, com uma porta de folha dupla almofadada ao centro e duas janelas em cada lado. Detalhes como o guarda-corpo da varanda, os lambrequins e a mansarda de duas águas na cobertura agregam a ela valor estético.

O *Heimatmuseum* foi construído em madeira, no sistema construtivo tradicional conhecido como “tábua e mata-juntas”.

²¹⁹ Desenho elaborado pela autora.

“O Paraná foi um dos maiores produtores de madeira do mundo; as madeiras eram algumas das melhores do mundo; as espessuras, larguras e comprimentos podiam saciar as mais variadas especificações. Entre meados da década de 1950 e meados da década de 1960, só de pinheiro, o Paraná produziu, em média, mais de 1 milhão e quinhentos mil metros cúbicos por ano. Entretanto, os profissionais envolvidos com arquitetura desprezaram quase completamente o potencial da madeira.”²²⁰

A vinda dos imigrantes europeus não portugueses ao Paraná, a partir de meados do século XIX, trouxe também uma nova diversidade cultural, com diferentes soluções e técnicas arquitetônicas. Imigrantes alemães trouxeram o sistema construtivo de enxaimel, em que se constrói uma estrutura de madeira com vãos que são preenchidos com taipas ou tijolos; nas colônias formadas por imigrantes poloneses, foi comum a construção de casas de madeira em que os troncos eram sobrepostos horizontalmente, encaixados uns aos outros nos cantos, formando as paredes.²²¹

No entanto, para a maioria dos imigrantes que chegaram para desenvolver suas colônias em áreas não habitadas, a casa *standard* costumava ser o primeiro tipo de casa construído. É dessa forma que Costa e Mesquita²²² denominam essas habitações baratas muito difundidas no sul do Brasil durante o estágio agrícola pioneiro. Zani escreve que as casas iniciais eram elevadas pelo menos um metro do chão, montavam-se barrotes e vigas, vedados então com tábuas e ripas, assoalhos e forros. Mesmo as telhas eram feitas em madeira. O prolongamento da água dianteira do telhado, formando uma varanda, também era comum.²²³

Em Curitiba, no início do século XX, as casas de madeira eram consideradas de padrão inferior, por isso eram restringidas pelo Código de Posturas da cidade para as áreas mais afastadas do centro, conforme explicitado no texto a seguir:

“As Posturas da Camara Municipal de Curityba de 1895 não citavam as construções em madeira. Nas duas décadas que se seguiram às posturas de 1895, as quantidades à disposição, maiores que as necessidades, fizeram com que o preço da madeira no Paraná fosse ínfimo. Casas, estábulos, vendas ou igrejas, as construções de madeira formaram a maior parte da paisagem construída do Paraná. Ao redor de Curitiba, havia dúzias de serrarias e toda a cocção dos alimentos era feita com lenha. Por isso, o bom-

²²⁰ DUDUEQUE, Irã Taborda. *Espirais de Madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 2001. p.342-343.

²²¹ ZANI, Antônio Carlos. *Arquitetura em madeira*. Londrina: Eduel, 2013. p.17.

²²² COSTA, Írio Barbosa da; MESQUITA, Helena Maria. *Tipos de habitação rural no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1978. p. 39.

²²³ ZANI, Antônio Carlos. *Arquitetura em madeira*. Londrina: Eduel, 2013. p. 20-21.

tom da burguesia da cidade rezava que a madeira devia ser evitada. Os argumentos sobre as virtudes climáticas, psicológicas ou culturais da madeira não existiam. Usava-se porque era barato. E por muito tempo, entrando pelos anos 1907, em Curitiba, construção de madeira significaria falta de dinheiro e posição social inferior. Para os legisladores, uma urbe civilizada era uma urbe moldada com alvenaria. Para dificultar a construção das residências em madeira, várias prescrições legais apareceram no Código de Posturas promulgado em 1919. Curitiba foi dividida em 3 círculos concêntricos. O primeiro círculo deveria ser um mostruário da civilidade curitibana, e todas as construções deveriam ser de alvenaria, no alinhamento das ruas, com alturas idênticas (como a preocupação era impossibilitar que as mazelas fossem vistas da rua, muitas residências de madeira foram toleradas atrás de fachadas de alvenaria). No segundo círculo, as construções em madeira eram permitidas, desde que fossem pintadas a óleo, não tivessem mais de um pavimento, o recuo frontal tivesse pelo menos 10m e os recuos laterais tivessem 2m, até as cercas. No terceiro círculo da urbe as obras de madeira deveriam seguir as mesmas regras, mas, como eram imunes a visitantes de outras plagas, podiam ser pintadas de cal.”²²⁴

Key Imaguire estuda as casas de madeira construídas em Curitiba nessa determinada época, denominadas pelo autor Casas de Araucária.²²⁵ Elas são conhecidas popularmente como casas de “tabuas e mata-juntas” em referência ao seu sistema construtivo. A tipologia de casa estudada por Imaguire é mesma presente no museu. Por isso, as características construtivas do museu serão apresentadas na comparação com a Casa de Araucária padrão descrita por esse autor.

Os alicerces destas casas elevavam-se acima do solo, para permitir a ventilação do assoalho. Em Curitiba, no Código de Posturas de 1919, exigia-se que as casas de madeira tivessem as fundações de alvenaria com altura de um metro em terreno plano e meio metro em terreno inclinado. Estes pilares, medindo 45x45 centímetros, costumavam ser de tijolos sem furos. Key observa que as casas costumavam ter estes alicerces até mais altos, tendo-se então espaço para um porão. Era comum construir paredes de tijolos alternados para vedar o vão entre a casa e o solo.²²⁶ O museu apresenta tais características, a altura deste vão varia entre 80 centímetros e 1 metro (Figura 22). O porão, de pé-direito baixo, era utilizado para estoque de alimentos.

²²⁴ DUDUEQUE, Irã Taborda. *Espirais de Madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 2001. p.249.

²²⁵ IMAGUIRE JÚNIOR, Key; IMAGUIRE, Marialba Rocha Gaspar. *A casa de araucária. Arquitetura da madeira em Curitiba*. Curitiba: Instituto ArquBrasil, 2011.

²²⁶ *Ibidem*, p.30.



Figura 22 - Estrutura de fundação da casa²²⁷

Apoiado sob os pilares é construído o baldrame que, nas casas estudadas por Key, era construído com peças de seção 10x10 cm, com pinho de boa qualidade (Figura 23). Os encaixes das peças, que evitam o seu deslocamento, têm cortes não maiores que um terço da mesma para não correr o risco de problemas estruturais. Abaixo está uma imagem do encaixe de duas peças do baldrame do museu, que mais uma vez apresentam as características descritas pelo autor, embora aqui as peças tenham seções um pouco maiores que as observadas por Key.



Figura 23 - Pilares e baldrame²²⁸

²²⁷ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Estrutura de fundação da casa* [fotografia]. jan. 2017. Acervo pessoal.

²²⁸ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Pilares e baldrame* [fotografia]. jan. 2017. Acervo pessoal.

As peças que recebem os esforços verticais são os esteios, que ficam principalmente nos encontros das paredes. Estes apoiam o frechal, que faz a amarração da casa na parte superior, seguindo o desenho do baldrame. Quanto à estrutura da cobertura, Key conclui que a tesoura de duas águas com linha alta a dois terços da altura é a estrutura mais comum. Além disso, as pernas das tesouras costumavam ter um prolongamento de 80 centímetros para a formação do beiral.²²⁹ Este tipo estrutura foi usada no museu (Figura 24). Vale ressaltar que, nas tesouras do sótão não habitável, alguns encaixes são com pinos de madeira ao invés de pregos.



Figura 24 - Estrutura da cobertura e encaixe com pino de madeira²³⁰

Quanto às telhas, Key escreve que até a década de quarenta muitas casas de madeira de Curitiba eram ainda cobertas por tabuinhas, que são telhas de madeira. Mas estas foram aos poucos substituídas por telhas planas ou francesas produzidas por olarias.²³¹ No caso do museu, as telhas são do tipo francesa, fabricadas pela olaria *Fabrica de Telhas de Francisco Klantz*, do bairro do Portão, Curitiba (Figura 25). Esta fábrica foi registrada pela Junta Comercial de Curitiba no ano de 1913²³².

²²⁹ IMAGUIRE JÚNIOR, Key; IMAGUIRE, Marialba Rocha Gaspar. *A casa de araucária. Arquitetura da madeira em Curitiba*. Curitiba: Instituto ArquiBrasil, 2011. p.31.

²³⁰ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Estrutura da cobertura e encaixe com pino de madeira* [2 fotografias]. jan. 2017. Acervo pessoal.

²³¹ IMAGUIRE JÚNIOR, Key; IMAGUIRE, Marialba Rocha Gaspar. *A casa de araucária. Arquitetura da madeira em Curitiba*. Curitiba: Instituto ArquiBrasil, 2011, p.32-33.

²³² Secção Commercial: junta commercial. *Diário da Tarde*, Curitiba, 20/set. de 1913. p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&pesq=telhas%20de%20francisco>>. Acesso em: 23 mar. 2018.



Figura 25 - Detalhe da telha

A vedação das casas é feita por tábuas, que são pregadas verticalmente no frechal e no baldrame, fazendo o contraventamento. Os intervalos deixados entre elas para servirem como juntas de dilatação são cobertos por ripas. É por isso que estas casas são chamadas de casas de “tábua e ripa” ou “tábua e mata juntas”. Em muitas casas, também o assoalho e o forro são feitos por tábuas justapostas, que podem, por razão do conforto térmico, ter mata-juntas pregadas por baixo das tábuas. Posteriormente, quando as serrarias começaram a produzir tábuas com encaixes chamados de “macho e fêmea”, estas foram usadas para o piso, como foi o caso do museu.²³³

Key considera que os próprios elementos funcionais das Casas de Araucária são também seus elementos decorativos, como a volumetria da casa e suas janelas. Os lambrequins, elementos decorativos que também funcionam como pingadeira, foram inclusive exigidos pelo Código de Posturas de 1919 em Curitiba (Figura 26).



Figura 26 - Lambrequins²³⁴

²³³ IMAGUIRE JÚNIOR, Key; IMAGUIRE, Marialba Rocha Gaspar. *A casa de araucária. Arquitetura da madeira em Curitiba*. Curitiba: Instituto ArquitBrasil, 2011. p.32-33.

²³⁴ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Lambrequins* [fotografia]. jan. 2017. Acervo pessoal.

No museu, além dos lambrequins havia como elementos decorativos alguns motivos pintados aplicados com estênceis (Figura 27). É possível que a casa tivesse inclusive uma faixa decorada mencionada por Key,²³⁵ na qual os mata-juntas são interrompidos para exibir um painel também aplicado com estênceis (Figura 28). Elementos como guarda corpos das escadas e da varanda também têm função decorativa (Figura 28).



Figura 27 - Detalhes de pinturas de períodos anteriores²³⁶



Figura 28 - Detalhe decorativo na parede e guarda corpo da varanda²³⁷

²³⁵ IMAGUIRE JÚNIOR, Key; IMAGUIRE, Marialba Rocha Gaspar. *A casa de araucária. Arquitetura da madeira em Curitiba*. Curitiba: Instituto ArchiBrasil, 2011. p.35.

²³⁶ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Detalhes de pinturas de períodos anteriores* [2 fotografias]. jan. 2017. Acervo pessoal.

²³⁷ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Detalhe decorativo na parede e guarda corpo da varanda* [2 fotografias]. jan. 2017. Acervo pessoal.

4.3 Setorização

Observando-se as qualidades de cada ambiente, foi elaborado um estudo dos fluxos do museu. Este resultou em uma proposta de setorização que tem o intuito de melhorar a disposição dos objetos das exposições, e a partir disso melhorar a experiência dos visitantes e sua interação com o guia da comunidade.

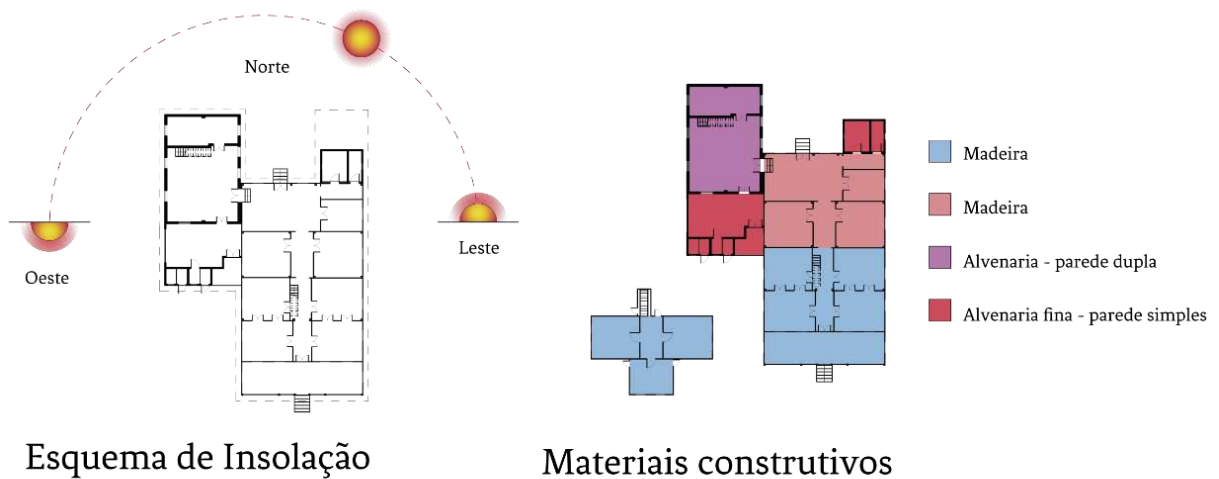
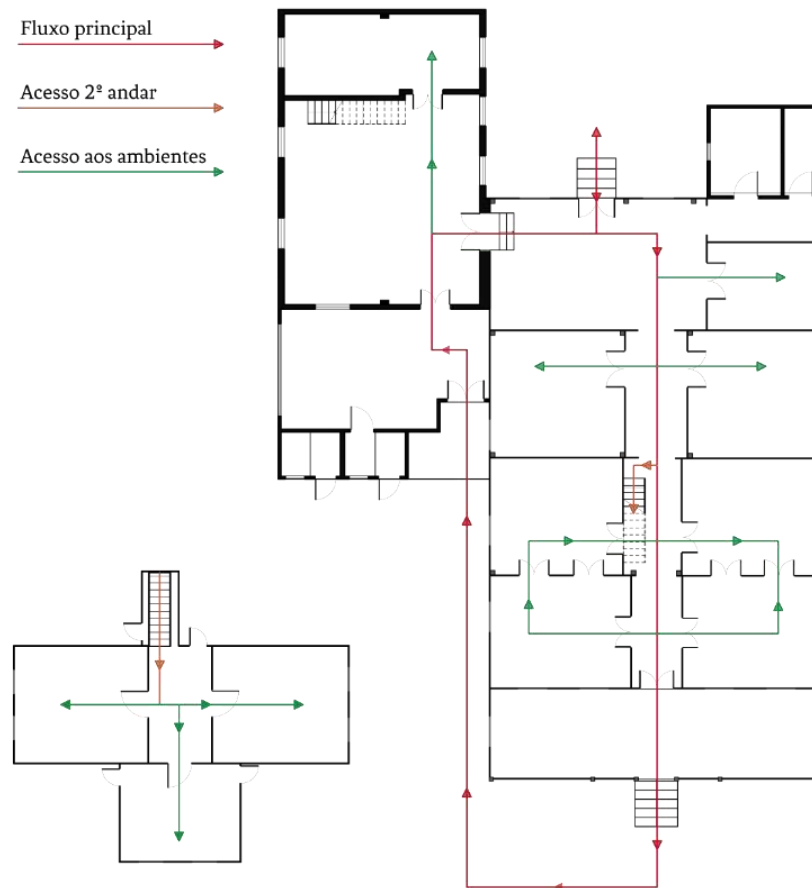


Figura 29 - Esquema de insolação e dos materiais construtivos²³⁸

Conforme ilustrado no esquema de insolação, a fachada de acesso está voltada para o norte. O segundo esquema apresenta a disposição dos espaços a partir dos seus materiais construtivos. Visualmente a casa parece ter sido construída em algumas etapas, como era comum nesse tipo de sistema construtivo. Assumindo que alterações ocorreram, elas foram realizadas antes da chegada dos menonitas, pois este grupo preservou a casa da forma que eles a encontraram.

Provavelmente, a área de madeira marcada em azul foi o primeiro volume a ser construído. A área restante em madeira presumivelmente foi construída depois porque, embora ela a princípio pareça igual ao restante do volume em madeira, ela não possui acesso ao sótão, embora tenha janelas iguais ao sótão acessível da outra parte. Há ainda um volume em alvenaria de parede dupla, e dois anexos em alvenaria de parede simples. Os dois pequenos anexos em madeira, na fachada frontal do volume em alvenaria, têm acesso apenas pela área externa.

²³⁸ Desenho elaborado pela autora.



Esquema de fluxos para projeto museológico

Figura 30 - Esquema de fluxos²³⁹

O esquema acima ilustra a análise que foi feita dos fluxos da construção. Observa-se que o fluxo principal pode ser feito em forma de um circuito. Nesta proposta, a partir da recepção, tem-se acesso ao corredor principal, que leva à varanda aos fundos da casa. Pelo quintal tem-se então acesso ao volume em alvenaria, que leva novamente ao hall de entrada. Observando-se os fluxos secundários, percebe-se a interação entre recepção e biblioteca, bem como entre corredor principal e acervo permanente. A partir da varanda, que serve como espaço de descanso, tem-se acesso ao quintal e às instalações sanitárias. Do quintal, acessa-se a sala para atividades educativas e o acervo temporário. As áreas administrativas, com acesso restrito para os funcionários do museu, têm ligação com a recepção e a partir da escada que fica no corredor principal.

²³⁹ Desenho elaborado pela autora.

A proposta de setorização dos espaços, conforme ilustrado no esquema abaixo, baseia-se no estudo dos fluxos, e das etapas em que a casa foi construída, além das qualidades de cada ambiente, que são descritas no próximo item.

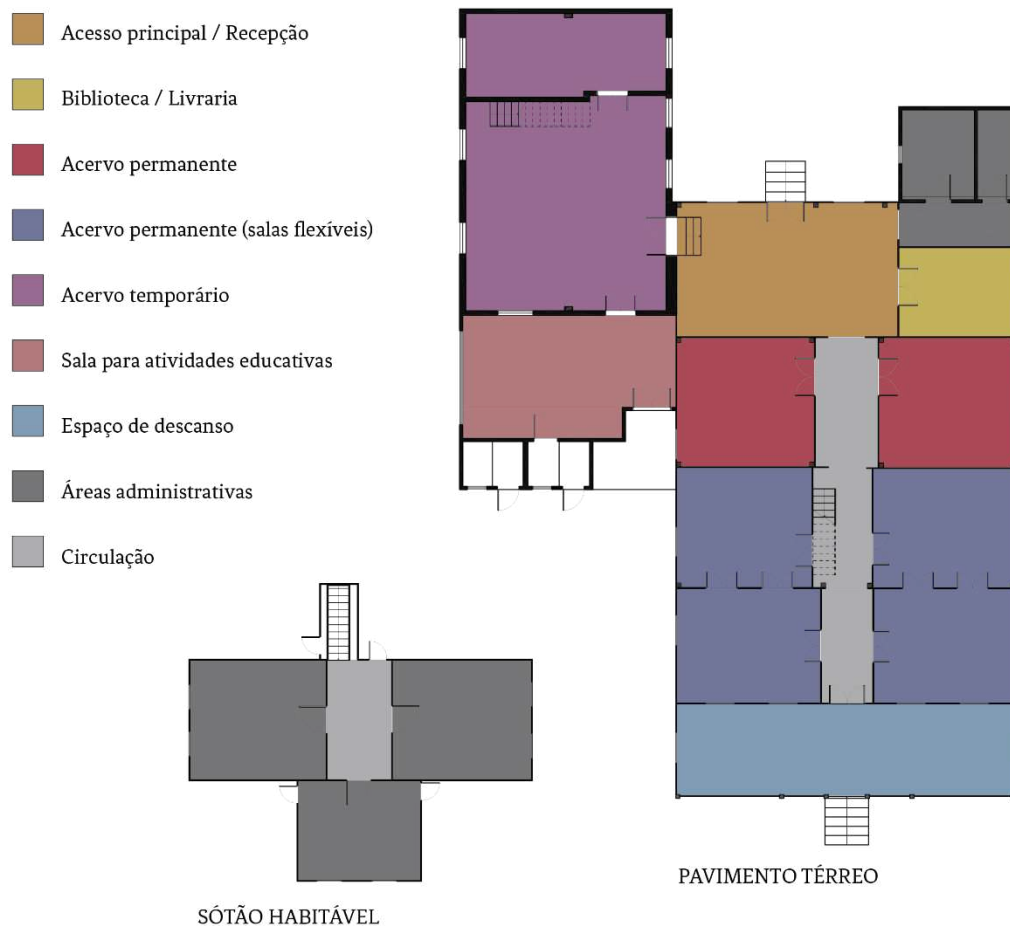


Figura 31 - Setorização do museu²⁴⁰

O museu da Colônia Witmarsum tem uma vocação onde, mais importante que os objetos e espaços em si, é a presença de moradores locais que possam contar uma narrativa da sua saga. No entanto, isso não exclui a importância da reflexão sobre a organização dos espaços do museu. A melhor disposição dos espaços e do acervo pode proporcionar ao público uma percepção mais favorável sobre os temas expostos e também realçar o próprio museu como bem arquitetônico, passível de ser “lido” como parte do acervo, dentro do seu contexto na colônia e também nos seus espaços internos.

Por um lado, as qualidades dos ambientes apresentadas a seguir influenciaram o esquema de setorização, e por outro lado, as funções destes ambientes foram propostas a partir

²⁴⁰ Desenho elaborado pela autora.

deste esquema. Os nomes dos ambientes descritos adiante são conforme a setorização sugerida por este trabalho e não a atual disposição dos espaços do museu.

a) Acesso principal / Recepção

Seu acesso à rua, à vista de todos que passam em frente ao museu, é a qualidade que sugere a sua função de recepção. O espaço é amplo e pode servir como um ambiente confortável, que forneça informações e que instigue a curiosidade dos passeantes para adentrarem nos outros ambientes.



Figura 32 – Recepção²⁴¹

Na fotografia acima (Figura 32), observa-se o acesso da rua à direita, voltada para o norte. As duas paredes laterais encontram-se com a parede em alvenaria dupla aos fundos. O mobiliário do ambiente fazia parte da casa quando esta era sede da Fazenda Cancela. A parede em alvenaria apresenta fissuras e descascamento da pintura. Também a pintura da porta e janela apresentam um descascamento. No lado oposto do ambiente (Figura 33), observa-se o cômodo proposto para biblioteca e o acesso à área administrativa, através da abertura arqueada.

²⁴¹ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Recepção* [fotografia]. jan. 2017. Acervo pessoal.



Figura 33 - Recepção, vista para a biblioteca²⁴²

b) Biblioteca / Livraria:

Ambiente conectado diretamente com o hall de entrada, permite que os visitantes tenham acesso aos livros sem precisarem necessariamente acessar os acervos (Figura 34). Este ambiente possui uma faixa diferenciada na parede que possivelmente tem oculta uma pintura decorativa, o que pode ser verificado através de uma prospecção. A biblioteca também fornece acesso ao porão, onde eram armazenados mantimentos. Voltado para a face leste da casa, o ambiente recebe o sol da manhã.



Figura 34 - Ambiente proposto para biblioteca²⁴³

²⁴² HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Recepção, vista para a biblioteca* [fotografia]. jan. 2017. Acervo pessoal.

²⁴³ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Ambiente proposto para biblioteca* [fotografia]. jan. 2017. Acervo pessoal.

c) Acervo permanente

São salas menores, uma voltada para o leste e outra para o oeste. Na sala voltada para o oeste, percebe-se que a camada anterior de pintura contava com uma faixa decorativa. As paredes, de cor amarela clara, apresentam descascamento e alteração da cor (Figura 35).

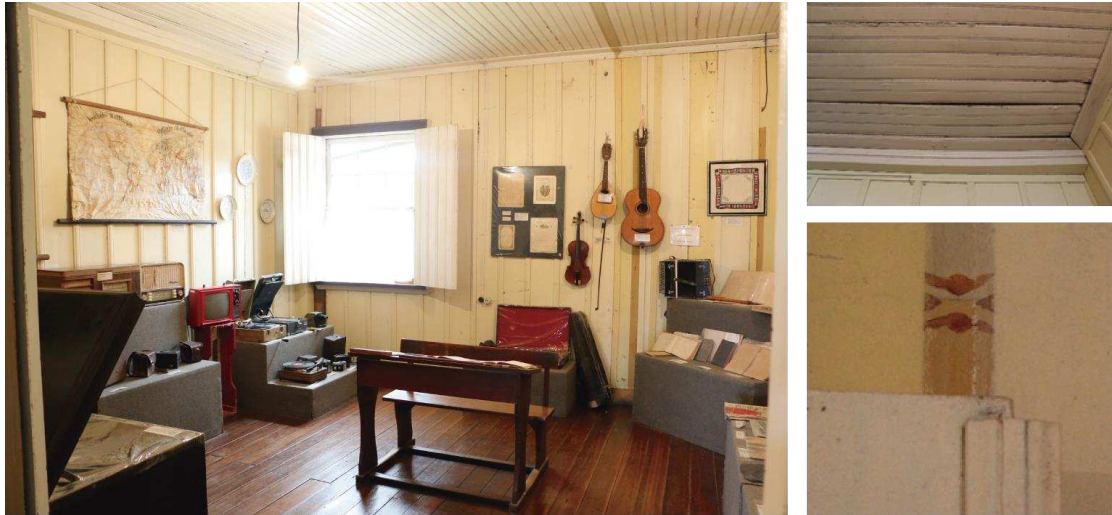


Figura 35 - Sala ao oeste, com detalhes²⁴⁴

A sala voltada para o leste, de coloração esverdeada, apresenta danos causados pela infiltração, especialmente nos forros. Além disso, as partes inferiores de duas tábuas da parede exterior foram substituídas (Figura 36).



Figura 36 - Sala ao leste, com detalhes²⁴⁵

²⁴⁴ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Sala ao oeste, com detalhes* [3 fotografias]. jan. 2017. Acervo pessoal.

²⁴⁵ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Sala ao leste, com detalhes* [3 fotografias]. jan. 2017. Acervo pessoal.

d) Acervo permanente (salas flexíveis)

Espaço formado por quatro salas que podem ser usadas de maneira independente ou ligadas de duas a duas por portas que as conectam, permite a flexibilidade para abrigar exposições que precisam de ambientes menores ou maiores. Estas salas se encontram em bom estado de conservação, embora uma delas apresente uma intervenção de revestimento cerâmico sobre um canto da parede em madeira.



Figura 37 - Salas ao oeste com interligação²⁴⁶



Figura 38 - Salas ao leste com interligação²⁴⁷

²⁴⁶ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Sala ao oeste com interligação* [4 fotografias]. jan. 2017. Acervo pessoal.

²⁴⁷ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Sala ao leste com interligação* [3 fotografias]. jan. 2017. Acervo pessoal.

e) Acervo temporário

Contando com dois ambientes de tamanhos distintos, um grande e outro pequeno, este espaço foi construído em alvenaria com paredes espessas que criam uma boa condição térmica. Sugere-se a adaptação destas salas a condições de temperatura e umidade apropriadas para que possam receber acervos temporários mais delicados, beneficiando principalmente a população da colônia. A sala maior era uma antiga cozinha, que tem como testemunha um fogão a lenha no centro. Algumas peças cerâmicas da chaminé descolaram. Este mesmo espaço dá acesso a um sótão. Este último local não é habitável, embora pudesse ser adaptado para uso.



Figura 39 - Dois ambientes em alvenaria dupla²⁴⁸

²⁴⁸ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Dois ambientes em alvenaria dupla* [4 fotografias]. jan. 2017. Acervo pessoal.

f) Salas para atividades educativas

Esta sala tem a vantagem de permitir acesso pelo interior do museu e pelo quintal. Com isso este ambiente possui flexibilidade para a realização de atividades paralelas ao funcionamento do museu, como ações educativas, reuniões ou palestras.



Figura 40 - Anexo em alvenaria simples²⁴⁹

g) Espaço de descanso

A varanda aos fundos da casa, que já serviu como entrada principal no passado, é um ambiente agradável, com a vista para um pátio externo. Ele oferece um ambiente de contemplação e reflexão entre a visita ao acervo permanente e ao acervo temporário.



Figura 41 - Varanda²⁵⁰

²⁴⁹ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Anexo em alvenaria simples* [2 fotografias]. jan. 2017. Acervo pessoal.

²⁵⁰ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Varanda* [fotografia]. jan. 2017. Acervo pessoal.

h) Áreas administrativas

A proposta é que estas áreas sejam de acesso restrito aos funcionários, com atividades técnicas, administrativas e serviços em geral. Além de uma pequena parte do andar térreo que conta com um banheiro e área de serviço, o andar superior seria usado para estes fins, já que esse ambiente não é adaptado para acessibilidade. Esse andar possui três salas, que podem servir como arquivo, escritório e manutenção do acervo. As paredes da sala apresentam manchas de umidade e intervenção com materiais diferenciados.



Figura 42 - Salas do sótão habitável²⁵¹

4.4 Mapeamento de danos

Nesta etapa do trabalho, os principais danos e patologias presentes na construção foram identificados a partir da análise visual, e foi elaborado um mapeamento geral dos danos nas elevações. Esse procedimento facilitou a verificação das causas e a análise do estado de conservação. Os dois principais materiais construtivos que foram utilizados no museu são a madeira e a alvenaria. Sugere-se um diagnóstico futuro mais aprofundado, por meio de técnicas não destrutivas, a partir da contratação de uma equipe multidisciplinar especializada.

²⁵¹ HAMM, Suelen C; OLIVEIRA, Lilian Hamm de. *Sala ao oeste com interligação* [4 fotografias]. jan. 2017. Acervo pessoal.

Para as construções em madeira, Janice Bernardo apresenta, em sua tese de doutorado, uma proposta para diagnóstico por meio de técnicas não destrutivas. A conservação do patrimônio histórico arquitetônico em madeira é um desafio, principalmente devido às ações do intemperismo ao qual são expostas.²⁵² A madeira traz em si marcas que servem como testemunho do que sofreu ao longo do tempo. Uma análise do material pode informar sua idade, como foi processada, quais tecnologias foram usadas, danos e deterioração.²⁵³ Janice defende que o diagnóstico ideal para estruturas em madeira é a avaliação macroscópica em campo, com uma equipe multidisciplinar e de especialistas. A partir da identificação dos agentes deterioradores, pode-se avaliar o estado de conservação da madeira e recomendar as medidas adequadas para prevenção e correção dos danos.²⁵⁴ Um profissional pode verificar, a partir das características da madeira, a qual espécie ela pertence.²⁵⁵

Outra fase é a identificação visual de agentes deterioradores. Para a conservação da madeira, é necessário controlar a sua deterioração. De acordo com Shupe et al., os organismos que degradam a madeira dependem de quatro requisitos para sobreviver: umidade, oxigênio, temperatura ideal, e alimento, que é a própria madeira. Geralmente, a umidade precisa estar entre 25 e 100%, e a temperatura ideal entre 10 e 35°C. Controlando-se estes elementos, pode-se diminuir a ação dos agentes deterioradores.²⁵⁶

Mendes e Alves classificam a deterioração da madeira em quatro tipos: o desgaste mecânico, a degradação física, química e biológica. O desgaste mecânico ocorre quando a madeira está submetida a diversos tipos de movimento. Por exemplo, a abrasão que ocorre nos degraus das escadas.²⁵⁷ Na degradação física, o fogo é o principal agente, devido à sua ação rápida. Também as condições climáticas podem causar a degradação física da madeira, causando defeitos que aumentam o risco de ataques de organismos xilófagos. Já a degradação química ocorre quando a madeira entra em contato com substâncias químicas que podem alterar

²⁵² BERNARDO, Janice. Colônia Murici: métodos para diagnóstico em projetos de restauração e preservação do patrimônio histórico [tese de doutorado]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014. p.21.

²⁵³ *Ibidem*, p.28.

²⁵⁴ *Ibidem*, p.29-30.

²⁵⁵ *Ibidem*, p.41.

²⁵⁶ SHUPE, Todd; LEBOW, Stan; RING, Dennis. 2008. Causes and control of wood decay, degradation and stain. Publication 2703. Los Angeles: Louisiana State University Agriculture Center, 2008. p.4.

²⁵⁷ MENDES, Alfredo de Souza; ALVES, Marcus Vinícius da Silva. A degradação da madeira e sua preservação. Brasília: IBDF/DPq-LPF, 1988. p.6.

suas propriedades físico-mecânicas, como ácidos e bases fortes. Por fim, a degradação biológica é causada principalmente por fungos e insetos xilófagos.²⁵⁸

Para as construções em alvenaria, Taguchi escreve que a fissura é o dano mais comum. Ela pode ser causada por sobrecargas, variações de temperatura, retração e expansão da superfície, deformações na estrutura de concreto armado, recalque das fundações, ou reações químicas, como a expansão da argamassa. A presença da umidade é outro problema comum, que se manifesta de diversas formas. Ela pode causar manchas, a presença de fungos, o descolamento ou mudança de cor dos revestimentos, dentre outros problemas.²⁵⁹

No museu, foram identificados principalmente os danos e patologias aparentemente mais graves e aqueles que cobrem grandes áreas da construção. Primeiramente, observou-se a falta de limpeza e manutenção, ou sujidade, e a presença de vegetação. Embora a sujidade não seja uma patologia em si, ela pode desencadear ou agravar problemas já existentes. A área que mais sofre neste sentido é o telhado, provavelmente devido à dificuldade de acesso. A falta de manutenção dos telhados possivelmente é um dos maiores responsáveis pela próxima patologia identificada: a presença de umidade.

As manchas causadas pela umidade e o descascamento da pintura estão presentes em grandes áreas do revestimento externo da casa em geral, e também em alguns ambientes internos. Aparentemente, ela é o problema mais grave da construção, pois, como citado anteriormente, ela é um requisito para a presença de organismos que degradam a madeira: os fungos e insetos xilófagos. No interior da casa, observa-se que forros, paredes e estrutura apresentam indícios de degradação em pontos onde ocorre a infiltração. Por isso, recomenda-se a execução de testes para avaliação da estabilidade da estrutura afetada. Também a alvenaria está afetada pela umidade, proveniente do solo, e precisa de medidas corretivas. Quanto ao descascamento de pintura, é importante a manutenção do revestimento da casa como um todo.

As fissuras estão presentes principalmente nas paredes em alvenaria, mas também em algumas peças de madeira. Embora aparentemente sejam superficiais e de pequena espessura, que não demandam correção, recomenda-se a monitoração das mesmas. Se houver aumento desse problema, pode-se verificar a causa e aplicar a medida corretiva necessária. Por fim, foram também marcados os locais onde há peças faltantes e intervenções com materiais diferenciados.

²⁵⁸ MENDES, Alfredo de Souza; ALVES, Marcus Vinícius da Silva. A degradação da madeira e sua preservação. Brasília: IBDF/DPq-LPF, 1988. p.7-8.

²⁵⁹ TAGUCHI, Mário Koji. *Avaliação e qualificação das alvenarias de vedação nas edificações* [dissertação]. Curitiba: UFPR, 2008. p.29-38.



Figura 43 - Patologias representadas nas elevações²⁶⁰

²⁶⁰ Desenho elaborado pela autora.

4.5 Estado de conservação

A partir da observação visual do bem arquitetônico, conclui-se que:

- Na cobertura, a necessidade de manutenção é urgente. Ela apresenta presença de vegetação, sujidade, elementos de materiais diferenciados além de telhas e calhas danificadas, que estão causando infiltração e danificando outras partes da construção, principalmente elementos estruturais, vedações e forros;

- A estrutura se encontra em boas condições de estabilidade, mas as infiltrações têm danificado algumas peças. Observa-se principalmente um esteio sob o ponto de infiltração que precisa de uma avaliação mais profunda para se identificar a extensão dos danos;

- As paredes de tábuas e ripas encontram-se ressecadas e apresentam grandes extensões de descascamento da pintura. Alguns pontos apresentam manchas de umidade na superfície, sendo necessária a avaliação dos danos nas peças afetadas. Também há algumas peças quebradas, embora sejam poucas. Quando a peça não puder ser reforçada e recuperada, e onde estiver ausente, poderá ser substituída, de preferência com o mesmo tipo de madeira, que poderá ser identificada a partir de uma análise mais apurada;

- As paredes em alvenaria também apresentam manchas de umidade e descascamento de pintura, mas neste caso aparentemente a umidade vem do solo. É necessária uma análise mais aprofundada para encontrar uma solução adequada. Também é recomendada a manutenção da pintura. Algumas paredes apresentam fissuras, mas aparentemente estas não comprometem a estabilidade da construção. Sugere-se a observação contínua das mesmas para confirmar se estão estabilizadas;

- Os pisos encontram-se em ótimo estado, sendo perceptível a manutenção frequente;

- Os forros precisam de uma avaliação quanto aos danos causados pela infiltração. Há algumas peças que estão abauladas, provavelmente como resultado da umidade;

- As janelas e portas encontram-se em bom estado de conservação. Faz-se necessária a limpeza e manutenção da pintura. Observou-se apenas um vidro quebrado que precisa ser substituído;

- Os elementos decorativos precisam de manutenção da pintura. Algumas peças dos lambrequins estão faltando, mas o museu tem peças de reserva que podem ser acrescentadas nas lacunas;

- Como não foi possível avaliar as instalações elétricas e hidráulicas a partir da observação, recomenda-se a revisão das mesmas por um profissional da área para analisar suas condições.

Dessa forma, em ordem de urgência, recomenda-se:

- A avaliação e manutenção dos telhados;
- A avaliação e manutenção das peças estruturais afetadas pela infiltração;
- A avaliação e manutenção das paredes e forros em madeira e em alvenaria afetadas pela infiltração;
- Uma limpeza geral e manutenção da pintura em todas as superfícies;
- A elaboração de um diagnóstico mais aprofundado por um arquiteto em conjunto com uma equipe de profissionais especializados na área de restauro.

Também é necessário, como próximas etapas para o museu:

- A elaboração do projeto de restauro;
- A elaboração de um projeto museológico;
- A elaboração de um projeto de adaptação para acessibilidade universal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se entender de que forma a paisagem e o museu da Colônia Witmarsum são expressões daquilo que os menonitas consideram ser a sua identidade.

No primeiro capítulo, verificou-se que esta identidade está em constante transformação e que a narrativa do grupo quanto à sua saga é um elemento que compõe esta identidade. A perseguição, como um marco central desse desenvolvimento, une o grupo no processo de etnogênese e eles passam por um processo similar à formação de uma nação. No entanto, apesar da narrativa de um povo unido, verifica-se que ocorreram, ao longo da história, conflitos e divisões dentro do grupo.

No segundo capítulo, foi posto como a formação da Colônia Witmarsum se deu a partir da tentativa de salvar o “modo de ser menonita”, ou seja, o seu passado idealizado. No entanto, navegando entre a velha e a nova pátria, percebe-se uma identidade híbrida dos menonitas. O nome da colônia remete ao nascimento do grupo e à colônia abandonada em Santa Catarina. A estrutura de núcleos habitacionais da sua paisagem remete à sua antiga pátria na Rússia, os nomes iniciais destes núcleos e as construções que encontraram representam o início de uma nova vida no Brasil, sua nova pátria.

O museu da Colônia Witmarsum, a partir de sua relação com o entorno, também é expressão do que os menonitas entendem ser a sua identidade, apesar de não ter sido construído por eles, como vemos no terceiro capítulo. Nesse local, verifica-se, mais uma vez, assim como na paisagem do novo habitat, o valor simbólico da interação do homem com o espaço.

Ainda sobre essa construção, mais importante que os objetos e espaços em si, o museu tem uma vocação onde a presença de moradores locais contam uma narrativa da sua saga. No entanto, isso não exclui a importância da reflexão sobre a organização dos espaços do museu. A melhor disposição dos espaços e do acervo pode proporcionar ao público uma percepção mais favorável sobre os temas expostos e também realçar o próprio museu como bem arquitetônico, passível de ser “lido” como parte do acervo, dentro do seu contexto na colônia e também nos seus ambientes internos.

Dessa forma, conclui-se que a paisagem e o museu da Colônia Witmarsum são expressões daquilo que os menonitas consideram ser a sua identidade, pois na estrutura e representação da colônia, no museu e no imaginário sobre tal local, é retomada a relação entre o novo e o velho lar.

Como já foi mencionado, este trabalho compõe um passo inicial em direção ao restauro e a uma nova organização do espaço do museu. Ainda há muito trabalho adiante, mas o museu

já firmou um convênio com o Centro Universitário de União da Vitória e o apoio do IPHAN do Paraná para dar o próximo passo.

Para a continuidade desta pesquisa, é necessária a elaboração do projeto de restauro por um arquiteto. Também é necessária a elaboração de um plano museológico, que pode propor a adaptação, tanto do museu quanto da Colônia, para o modelo de ecomuseu apresentado por esse trabalho, pois, como foi exposto, o *Heimatmuseum* e este modelo museológico criado na França já possuem vários princípios em comum.

Além disso, as discussões apresentadas na primeira parte do trabalho podem servir como guia para futuras exposições. A saga dos menonitas pode continuar a ser contada, mas também pode levar à reflexão sobre o processo de tradução de identidade pelo qual o grupo passou, ou trazer a discussão sobre o que é a memória. Além disso, pode levar os visitantes a perceberem características na paisagem e na arquitetura que expressem aquilo que os menonitas entendem ser a sua identidade, e verificar nela o contraste e a complementação entre o velho e o novo lar.

REFERÊNCIAS

Fontes

BENDER, Harold S.; ENS, Henrique; PAULS Jr., Peter. Brazil. *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. Jun. 2013. Disponível em: <<http://gameo.org/index.php?title=Brazil>>. Acesso em: 11 ago. 2015.

CARNEIRO, David. *Perfil histórico da Associação Comercial do Paraná e galeria dos presidentes*. Curitiba: Reproset, 1981.

DYCK, Cornelius. *Uma Introdução à História Menonita*. Tradução de Rosely Dyck Hinze. Campinas: Editora Cristã Unida, 1992.

DYCK-TIESSEN, Linda. Mennonites in Danzig: Dutch origins and ties. *Canadian Journal of Netherlandic Studies*. Canadá, v. 2, p. 54-61, outono, 1980. Disponível em: <http://caans-acaen.ca/Journal/issues_online/Issue_II_i_1980b/>. Acesso em: 30 de março de 2017.

FRIESEN, John. Mennonites in Poland: An expanded historical view. *Journal of Mennonite Studies*. Winnipeg, v. 4, p. 94-108, 1986. Disponível em: <<http://jms.uwinnipeg.ca/index.php/jms/issue/view/10>>. Acesso em: 2 abr. 2017. p.98.

FRIESEN, Rudy. *Building on the Past: Mennonite Architecture, Landscape and Settlements in Russia/Ukraine*. Canada: Raduga Publications, 2004.

FRIESEN, Rudy. *Into the Past: Buildings of the Mennonite Commonwealth*. Manitoba: Raduga Publications, 1996.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. *Espirais do tempo: bens tombados do Paraná*. Curitiba: Secretaria de estado da cultura, 2006. p. 304. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=287>>. Acesso em: 11 ago. 2016

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. *Sede da Fazenda Cancela*. Inscrição tombo 96-II, processo de número 04/89. Palmeira: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1989. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=137>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

GUTIÉRREZ, Horacio. *Fazendas de gado no Paraná escravista*. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 103-127, Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2004000200103&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Mar. 2018.

HORSCH, John. *Menno Simons. His Life, Labors, and Teachings*. Scottdale: Mennonite Publishing House, 1916. Disponível em: <<http://www.mennosimons.net/biography.html>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

KLASSEN, Peter Pauls. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1995.

KLASSEN, Peter Pauls. *Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1998.

KRAHN, Cornelius; DYCK, Cornelius J. Menno Simons (1496-1561). *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. 1990. Disponível em: <[http://gameo.org/index.php?title=Menno_Simons_\(14961561\)&oldid=145845](http://gameo.org/index.php?title=Menno_Simons_(14961561)&oldid=145845)>. Acesso em: 25 mar. 2017.

KRAHN, Cornelius; SAWATSKY, Walter W. Russia. *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. Fev. 2011. Disponível em: <<http://gameo.org/index.php?title=Russia>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

KRAHN, Cornelius; ZIJPP, Nanne van der; KREIDER, Robert S. Architecture. *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. 1989. Disponível em: <<http://gameo.org/index.php?title=Architecture&oldid=143481>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

O DOADOR de memórias. Direção: Phillip Noyce. [S.l.]: Paris Filmes e The Weinstein Company, 2014. DVD (100 min.)

PAULS JR., Peter (Org.). *Mennoniten in Brasilien: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung*. Witmarsum: Peter Pauls Jr, 1980.

SECÇÃO Commercial: junta commercial. *Diário da Tarde*, Curitiba, 20/set. de 1913. p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&pesq=telhas%20de%20francisco>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

SAWATSKY, Roland Meyer. *The control of social space in mennonite housebarns of Manitoba, 1874-1940*. Burnaby: Simon Fraser University, 2005.

WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 2006.

ZATTI, Carlos. *Campeiros do Paraná Tradicional: Esboço Genealógico*. Curitiba: Clube dos Autores, 2011. Versão em PDF.

Bibliografia

BÄR, Jochen A. *Das Jahr der Wörter – Folge 193 (12. Juli)*. Vechta: Universität Vechta, 2014. Disponível em: <<http://www.baer-linguistik.de/beitraege/jdw.htm>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

BARBOSA, Francielly Giachini. *Mennonitentum: os menonitas e os processos de identificação (Curitiba, 1934-1948)* [artigo]. XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0266.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

BARBUY, Helena. *A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise* [artigo]. Anais do Museu Paulista. N. Ser. v.3, jan-dez de 1995, p. 209-236. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1995.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BERNARDO, Janice. *Colônia Murici: métodos para diagnóstico em projetos de restauração e preservação do patrimônio histórico* [tese de doutorado]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.

BERNARDO, Janice. *Madeira e técnica: as edificações históricas da Colônia Murici*. Curitiba: Edição do autor, 2013.

BLICKLE, Peter. *Heimat: A Critical Theory of the German Idea of Homeland*. New York: Camden House, 2002.

BORGES, Jorge Luis. *Funes, o Memorioso* [online]. 1944. Disponível em: <<http://alfredo-braga.pro.br/biblioteca/memoriosos.html>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Tradução de Luiz F. Pimenta e Margareth C.A. Pimenta. 3 ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2007.

COSTA, Írio Barbosa da; MESQUITA, Helena Maria. *Tipos de habitação rural no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1978. p. 39.

DUDEN online Wörterbuch. 30 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.duden.de/node/711860/revisions/1635413/view>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

DUDUEQUE, Irã Taborda. *Espirais de Madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 2001.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2005.

HAMM, Suelen C. *Parque Cultural Menonita: Instrumento para preservação da cultura e memória de um povo*. [monografia] Curitiba: UTFPR, 2015.

HARVEY, David. O marxista que quer reinventar as cidades (II). [nov. 2012]. Entrevistador: Vince Emanuele. Tradutora: Sônia Scala Padalino. Outras Palavras: Comunicação compartilhada e pós-capitalismo, São Paulo, 29 nov. 2013. Disponível em: <http://outraspalavras.net/posts/o-marxista-que-quer-reinventar-as-cidades-ii/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=o-marxista-que-quer-reinventar-as-cidades-ii>. Acesso em: 08 set. 2017.

HEIDEGGER, Martin. *Bauen, Wohnen, Denken*. (1951) conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback.

LANGENSCHIEDT, großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache. Berlin: Langenscheidt, 2010.

LEITAO, Lucia; LACERDA, Norma. *O espaço na geografia e o espaço da arquitetura: reflexões epistemológicas*. Cadernos Metr pole, São Paulo, v. 18, n. 37, p. 803-822, dez. 2016. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-99962016000300803&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 maio 2017.

LUZ, Ana; GOMES, Ingrid; L WEN SAHR, Cicilian. *Os padrões de povoamento menonita no Brasil: Análise da Colônia Witmarsum*. Anais Semana de Geografia. Vol. 1, n  1. Ponta Grossa: UEPG, 2014. Disponível em: <http://pitangui.uepg.br/eventos/semanadegeografia/_PDFs/20141/oral/GOMES;%20LUZ,%20LOWEN%20SAHR_1%20resumo.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2017.

MENDES, Alfredo de Souza; ALVES, Marcus Vinícius da Silva. *A degrada o da madeira e sua preserva o*. Brasília: IBDF/DPq-LPF, 1988.

MENNONITE WORLD CONFERENCE. Mennonite World Conference. Statistics. Mennonite World Directory. Bogotá, jun. 2015. p. 58-61. Disponível em: <https://mwc-cmm.org/sites/default/files/website_files/mwc_world_directory_2015_statistics.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.

MENESES, José Newton Coelho. *Olhares sobre a memória; Patrimônio histórico-cultural e sociedade; Vivência e monumentaliza o*. In: História e Turismo Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, M rio Mendonça de. *A documenta o como Ferramenta de Preserva o da Memória*. Cadernos Técnicos n  7. Brasília: Programa Monumenta; IPHAN, 2008.

PACCOLA, Maria; MELO, M rio. *Influência geoambiental em mudanças de atitudes e econômicas na Colônia Witmarsum, Paraná*. Boletim de Geografia. Vol. 30, n 1. Maringá: UEM, 2012.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. IN: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

RAPOPORT, Amos. *House form and Culture*. New Jersey: Prentice Hall Inc, 1969.

ROSENDAHL, Zeni; CORR EA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

SCHROEDER, William. *Maps and Historical Notes related to Mennonite History*. Winnipeg: Mennonite Heritage Centre, 2008. p.205. Disponível em: <http://www.mennonitechurch.ca/programs/archives/holdings/Schroeder_maps/>. Acesso em: 15 jul. 2015.

SHUPE, Todd; LEBOW, Stan; RING, Dennis. 2008. *Causes and control of wood decay, degradation and stain*. Publication 2703. Los Angeles: Louisiana State University Agriculture Center, 2008.

TAGUCHI, M rio Koji. *Avalia o e qualifica o das alvenarias de vedan o nas edifica es* [disserta o]. Curitiba: UFPR, 2008. p.29-38.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Traducción de Miguel Salazar. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica; Buenos Aires: Editorial Paidós, 2000.

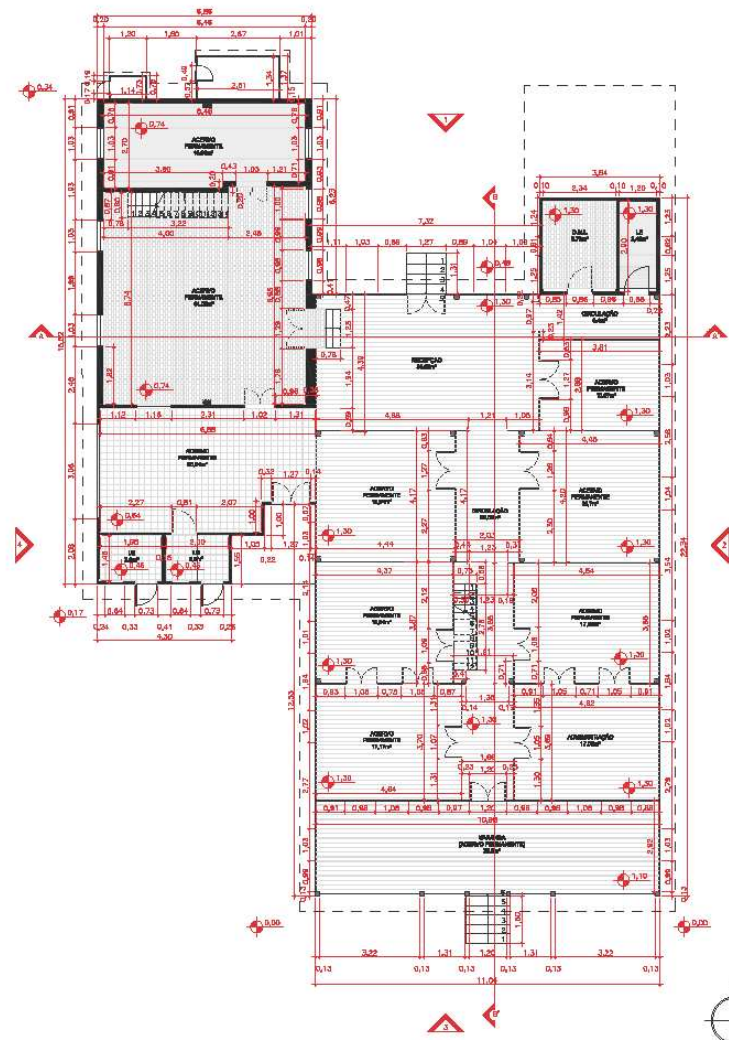
WEISSHEIMER, Maria Regina (Org). *Paisagem Cultural*. Brasília: Depam; Iphan, 2009.

WAIBEL, Leo. Princípios da colonização europeia no sul do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*. Ano XI, nº 2, abril-junho de 1949

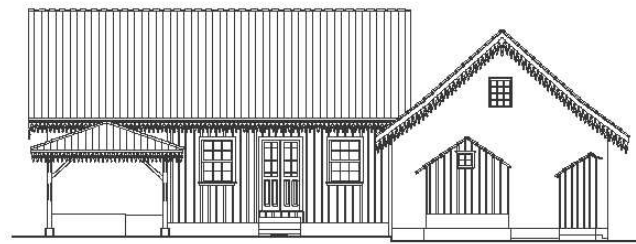
ZANI, Antonio Carlos. *Arquitetura em madeira*. Londrina: Eduel, 2013. p.17.

APÊNDICES

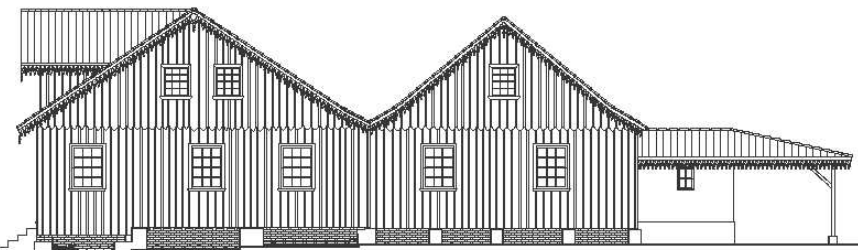
APÊNDICE A – Prancha de levantamento arquitetônico



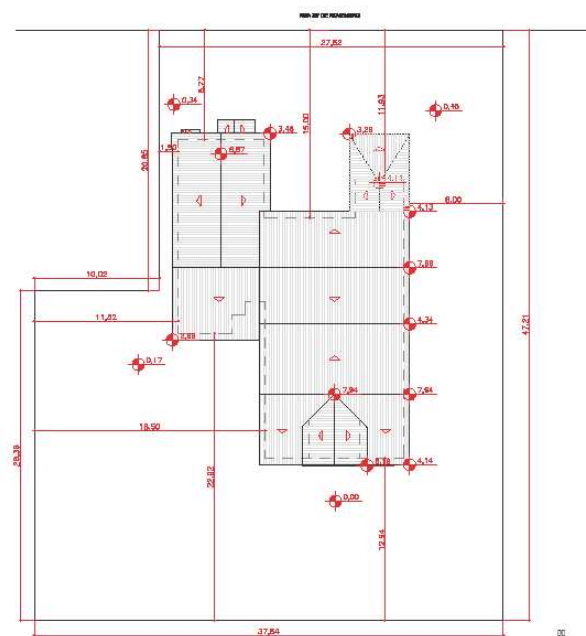
PAVIMENTO TÉRREO
Esc. 1:100



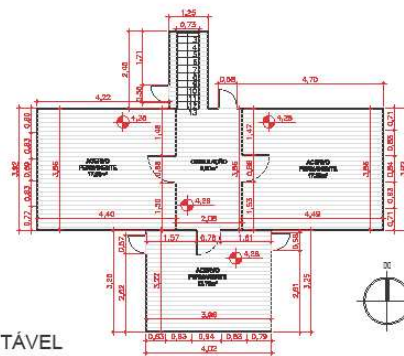
ELEVAÇÃO 1
Esc. 1:100



ELEVAÇÃO 2
Esc. 1:100



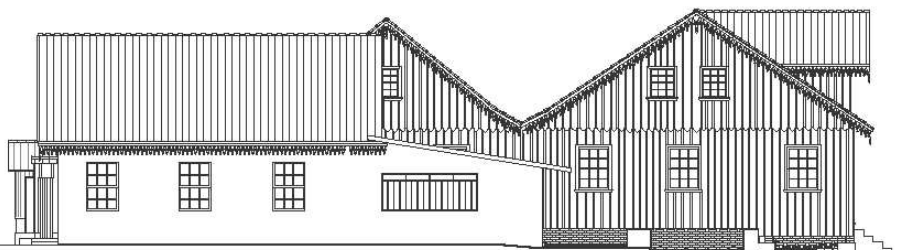
COBERTURA
Esc. 1:250



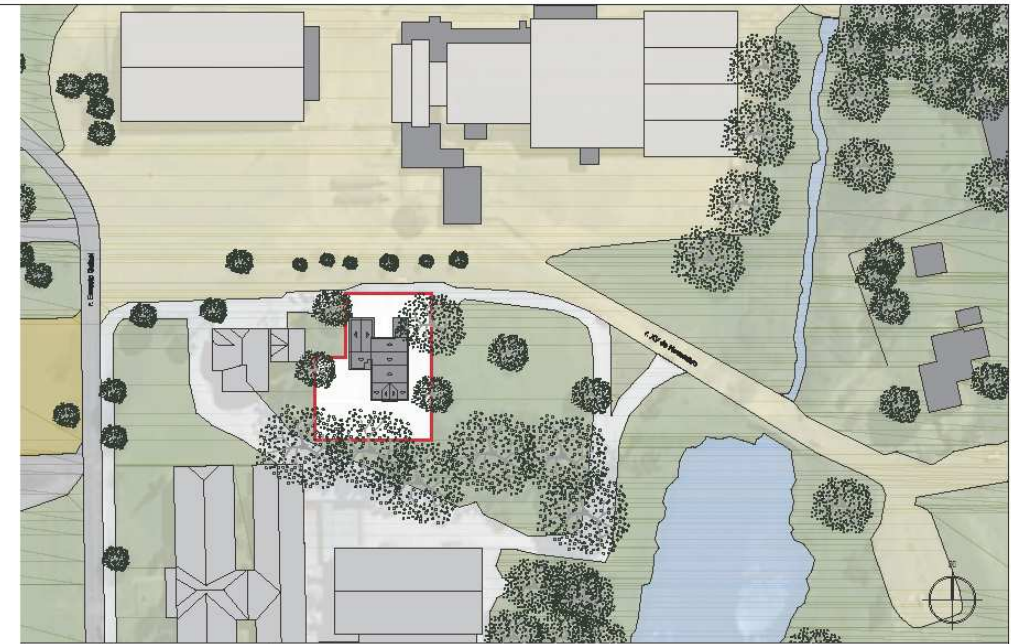
SÓTÃO HABITÁVEL
Esc. 1:100



ELEVAÇÃO 3
Esc. 1:100



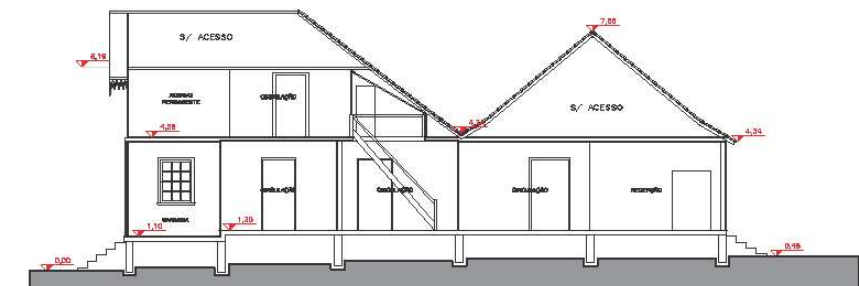
ELEVAÇÃO 4
Esc. 1:100



SITUAÇÃO E IMPLANTAÇÃO
Esc. 1:1000



CORTE AA'
Esc. 1:100



CORTE BB'
Esc. 1:100

HEIMAT - MUSEUM - MUSEU HISTÓRICO DA COLÔNIA WITMARSUM	
COLÔNIA WITMARSUM - PALMEIRA - PARANÁ	
PROPOSTA: Cooperativa Agropecuária Witmarsum	
ARQUITETO: Suelen Cristine Hamm	
REVISÃO: _____	
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO	
RESUMO: Suelen Cristine Hamm	01
DATA: 2018	

APÊNDICE B – Pranchas culturais



HEIMATMUSEUM

Em toda a Colônia Witmarsum, o museu é o único bem tombado como patrimônio. De acordo com a inscrição tomba, ele "...representa importante marco e catalisador da cultura monolítica dessa operosa comunidade".

Essa construção era sede da antiga Fazenda Cancela, uma propriedade de invernadas que remonta da época do tropeirismo (séculos XVIII e XIX). A casa, especificamente, possuiu importante função no período de formação da colônia, a partir do ano de 1951, quando ela serviu de centro de apoio na chegada das famílias e durante a construção de suas casas. Posteriormente ela também atendeu a várias funções, de acordo com a necessidade da comunidade, por pertencer à cooperativa formada pelos moradores.

Com isto, essa antiga casa tem um valor histórico para os menonitas. Estes imigrantes não a construíram, mas solicitaram o seu tombamento no ano de 1989 e a transformaram em museu, atribuindo-lhe valor. Sua importância para a comunidade não deriva apenas do aspecto material em si, mas às características imateriais que criaram uma relação de afeto entre a comunidade e o bem arquitetônico.

O museu se chama *Heimatmuseum*, expressão alemã que pode ser traduzida como "museu da pátria". A palavra *Heimat*, no dicionário alemão Langenscheidt, tem a seguinte definição: "O país, região ou lugar onde alguém cresceu ou onde morou por muito tempo, ou onde se sente (como) em casa." Dessa forma, o museu trata sobre a pátria mais íntima dos menonitas, que pode ser tanto a Rússia quanto o Brasil.

O nome, assim como a essência do museu, expressam um sentimento duplo, a gratidão pela nova pátria: o Brasil e, ao mesmo tempo, de saudades da pátria que deixaram: a Rússia. A expressão poética a seguir registra tal sentimento:

"A NOVA PÁTRIA

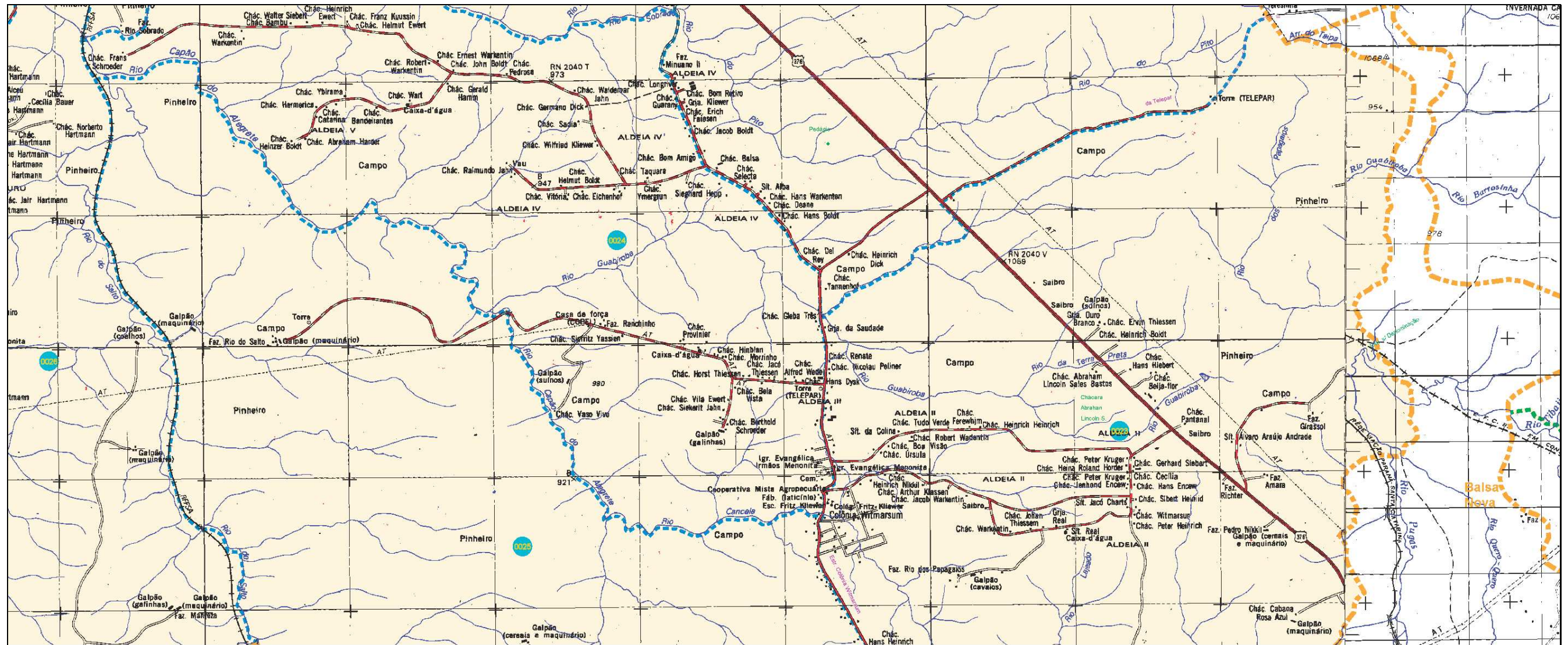
Agora cantem à nova pátria
ao Brasil em honra,
a você nós queremos, com o coração e a mão
pertencer no nosso futuro.

Adeus, antigo lar.
Pensamos em você com lealdade
e trazemos de você nossa diligência.
Ao Brasil, novo lar.

Ó, gostaria que um laço amigável
envolvesse sempre ambos.

À antiga e à nova pátria,
uma despedida nós trazemos."
(PAULS JR., Peter, 1980, p.34. Tradução livre.)





A COLÔNIA WITMARSUM

A Colônia Witmarsum foi formada no ano de 1951, após a dissolução das colônias menonitas pioneiras de Santa Catarina. Ela possui uma área de aproximadamente 7.800 hectares e conta com uma população de 1.500 habitantes. Ela fica localizada a cerca de 65 km a oeste de Curitiba e 30 km a leste do município de Palmeira, ao qual ela pertence.

A Colônia é dividida em cinco núcleos de povoamento chamados de aldeias, além da sede central, que é o centro administrativo, comercial e social da Colônia. Nela também se encontra o *Heimatmuseum*.

A interação entre os menonitas e a Colônia Witmarsum possui um caráter dinâmico, em que eles influenciam a paisagem e são, ao mesmo tempo, influenciados por ela. Neste sentido, essa definição pode ser descrita pelo conceito de paisagem cultural. Observar a paisagem através deste conceito significa enfatizar a relação entre o homem e a paisagem, na qual, segundo Berque, a paisagem é marca e matriz, ou seja, ela é marcada pelo homem e ao mesmo tempo se torna referência simbólica, influenciando o homem e a sua cultura. Para Cosgrove, mesmo as paisagens rurais e as paisagens que aparentemente não são humanizadas são simbólicas e podem ser interpretadas.

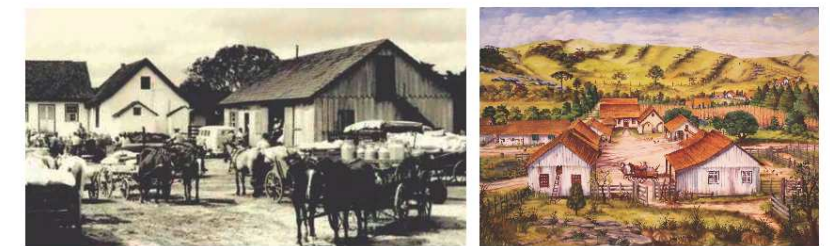
No caso da Colônia Witmarsum, ela tanto expressa um processo de adaptação pelo qual a comunidade de imigrantes passou, chamado de "tradução de identidade", quanto contribuiu para que este processo acontecesse.

O conceito de "tradução de identidade" é definido por Stuart Hall como um processo que ocorre com pessoas que, tendo deixado sua terra natal, sabem que não poderão voltar a ela. Eles guardam uma relação forte com suas tradições, mas precisam aprender a negociá-las com novas culturas sem perder completamente suas identidades. Eles passam a pertencer a uma cultura híbrida: "Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas."

Quando os menonitas chegam à terra onde sua colônia seria formada, não encontram uma "folha em branco", mas um local que já foi marcado por outras culturas: indígenas, tropeiros, escravos e senhores, outros imigrantes europeus, etc.

As terras da Fazenda Cancela que foram compradas pelo grupo de imigrantes menonitas de seu antigo dono Roberto Glasser serviam na época do tropeirismo como núcleos de invernada para o gado. Estes núcleos e suas construções existentes foram aproveitadas para formar os núcleos de habitação da colônia. Dessa forma, a paisagem se tornou referência e influenciou a formação da colônia e seus habitantes. Simultaneamente, a disposição de lotes que foi formada e a relação de rede entre os núcleos remete às suas colônias na Rússia.

A paisagem da Colônia Witmarsum é um reflexo, dessa forma, da hibridização cultural pela qual os menonitas passaram, entre o velho lar e o novo lar, entre a velha paisagem ainda da Rússia e o nova paisagem do Brasil.





MEMÓRIA E IDENTIDADE

De acordo com os dados da Conferência Mundial Menonita (MWC), no ano de 2015 foi registrado o total de 2.115.195 membros de igrejas anabatistas ao redor do mundo, incluindo entre outras as igrejas menonitas e irmãos menonitas. No Brasil, em 2012, havia mais de 12.800 menonitas no país, membros de 130 diferentes congregações.

Com a grande multiplicidade e abrangência internacional dos grupos menonitas, a busca por definir a sua identidade tem sido frequente nos últimos anos, contando com publicações em diversos países. Uma questão que compõe, especificamente, a identidade assumida pelos menonitas brasileiros é a narrativa de sua saga, desde a origem do grupo até a sua vida no Brasil. Esta narrativa é a forma como eles lembram o seu passado, ou seja, a sua memória.

A narrativa da saga menonita inicia com a sua origem durante a reforma protestante que, para Walker, tem seus primórdios em uma Europa muito católica, quando uma parte do laicato percebeu uma situação abusiva da Igreja sobre o povo.

Menno Simons, de acordo com Krahn e Dyck, entra em cena no ano de 1537. Ele não foi o fundador do movimento anabatista nos Países Baixos, mas assumiu sua liderança e recuperou o conceito do pacifismo anabatista no momento em que eles estavam sendo influenciados pelas ideias revolucionárias e violentas de um grupo mais radical chamado munsterita. O pacifismo se tornou uma característica identitária importante para os menonitas, além de outras características como a doutrina do batis-

mo de fé ao invés do batismo infantil, e da separação entre Igreja e Estado.

Eles ficaram conhecidos como menonitas como referência ao seu principal líder histórico, Menno Simons. De acordo com Sawatsky, eles se diferenciaram dos primeiros anabatistas porque deram maior ênfase no modo de vida do que somente em uma fé teórica.

Os menonitas que formaram a Colônia Witmarsum no Brasil são descendentes do grupo de origem holandesa que se estabeleceu no delta do rio Vístula, próximo a Gdansk, na atual Polônia, e migraram para a Rússia no fim do século XVIII.

John Friesen afirma que havia muitos alemães na região de Gdansk, mas os menonitas eram identificados como holandeses. Krahn e Sawatsky escrevem que uma das principais razões para a migração dos menonitas para a Nova Rússia (atual Ucrânia e Rússia) foi a opressão que sofriam por serem minoria, principalmente devido à religião. Além disso, a Czarina Catarina II emitiu um manifesto em 1763 que trazia várias vantagens para os imigrantes. Seu objetivo principal era de ocupar as terras pouco habitadas.

De acordo com Sawatsky, embora a etnogênese menonita tenha iniciado na Polônia, ela mudou e foi reforçada na Rússia. Ainda na Polônia, eles iniciaram uma aculturação ao modo de vida da população alemã vizinha, chegando a ser diferenciados apenas pela religião. Mas na Rússia os imigrantes menonitas se tornaram um povo separado e distinto tanto dos nativos russos quanto das colônias alemãs ali existentes. Para Sawatsky, a autonomia e a autoadministração das colônias acabou criando um ambiente em que sua identidade étnica se tornou base para a coesão do grupo.

Uma mudança significativa foi que, embora historicamente eles defendessem a separação entre Igreja e Estado, neste momento alguns menonitas se envolveram no governo e ganharam poder sobre a vida da colônia, tanto administrativa quanto religiosa. De acordo com Peter Pauls Jr., novas leis e perseguições durante o período da União Soviética dificultaram a vida dos menonitas na Rússia, que novamente buscaram refúgio em outros países.

O primeiro navio com menonitas vindo em direção ao Brasil, chamado Monte Olívia, partiu no dia 16 de janeiro de 1930 de Hamburgo. As famílias que chegaram neste e nos próximos navios foram instaladas na região de vale do Rio Krauel e em uma região próxima, chamada de Stolz Plateau. Estas colônias foram abandonadas depois de aproximadamente 20 anos, por uma união de vários motivos, dentre os quais o isolamento, a dificuldade para cultivar as terras e alguns conflitos internos no grupo. Com o abandono destas colônias, algumas famílias foram para cidades como Curitiba, São Paulo, Blumenau e outras. Setenta famílias iniciaram uma nova colônia próxima a Bagé, e outras famílias formaram a Colônia Neuwitmarsum, no Paraná, atual Witmarsum.

No Brasil, os menonitas comparam a sua vinda com o êxodo do povo de Israel. Como Heinrich Martins escreve: "... olham para trás, para as panelas de carne que tinham no Egito, e querem esquecer as grandes coisas que Deus fez por nós." Eles continuam se identificando com a cultura alemã, mas é criada também a consciência de uma cultura menonita: o *Mennonitentum*. A tradição é inventada, à semelhança da "comunidade imaginada" de Stuart Hall.





A CASA DE ARAUCÁRIA

A vinda dos imigrantes europeus não portugueses ao Paraná, a partir de meados do século XIX, trouxe uma nova diversidade cultural, com diferentes soluções e técnicas arquitetônicas. No entanto, para a maioria dos imigrantes que chegaram para desenvolver suas colônias em áreas não habitadas, a casa *standard* costumava ser o primeiro tipo de casa construído. É dessa forma que Costa e Mesquita denominam essas habitações baratas muito difundidas no sul do Brasil durante o estágio agrícola pioneiro. Zani escreve que as casas iniciais eram elevadas pelo menos um metro do chão, montavam-se barrotes e vigas, vedados então com tábuas e ripas, assoalhos e forros. Mesmo as telhas eram feitas em madeira. O prolongamento da água dianteira do telhado, formando uma varanda, também era comum.

Key Imaguire estuda as casas de madeira construídas em Curitiba nessa determinada época, denominadas pelo autor Casas de Araucária. Elas são conhecidas popularmente como casas de "tábuas e mata-juntas" em referência ao seu sistema construtivo. As características construtivas do museu serão apresentadas na comparação com a Casa de Araucária padrão descrita por esse autor.

Os alicerces destas casas elevavam-se acima do solo, para permitir a ventilação do assoalho. Em Curitiba, no Código de Posturas de 1919, exigia-se que as casas de madeira tivessem as fundações de alvenaria com altura de um metro em terreno plano e meio metro em terreno inclinado. Estes pilares, medindo 45x45 centímetros, costumavam ser de tijolos sem furos (Figura 3). Key observa que as casas costumavam ter estes alicerces até mais altos, tendo-se então espaço para um porão. Era comum construir paredes de tijolos alternados para vedar o vão entre a casa e o solo. O museu apresenta tais características, a altura deste vão varia entre 80 centímetros e 1 metro.

O porão, de pé-direito baixo, era utilizado para estoque de alimentos.

Apoiado sob os pilares é construído o baldrame que, nas casas estudadas por Key, eram construídos com peças de seção 10x10 cm, com pinho de boa qualidade. Os encaixes das peças, que evitam o seu deslocamento, têm cortes não maiores que um terço da mesma para não correr o risco de problemas estruturais. No museu, as peças tenham seções maiores que as observadas por Imaguire (Figura 2).

As peças que recebem os esforços verticais são os esteios, que ficam principalmente nos encontros das paredes. Este apoia o frechal, que faz a amarração da casa na parte superior, seguindo o desenho do baldrame. Quanto à estrutura da cobertura, Key conclui que a tesoura de duas águas com linha alta a dois terços da altura é a estrutura mais comum. Além disso, as pernas das tesouras costumam ter um prolongamento de 80 centímetros para a formação do beiral. Este tipo estrutura foi usada no museu (Figura 5). Vale ressaltar que, nas tesouras do sótão não habitável, alguns encaixes são com pinos de madeira ao invés de pregos (Figura 8).

Quanto às telhas, Imaguire escreve que até a década de 1940 muitas casas de madeira de Curitiba eram ainda cobertas por tabuinhas, que são telhas de madeira. Mas estas foram aos poucos substituídas por telhas planas ou francesas produzidas por olarias. No caso do museu, as telhas são do tipo francesa, fabricadas pela olaria Fábrica de Telhas de Francisco Klantz, do bairro do Portão, Curitiba (Figura 6). Esta fábrica foi registrada pela Junta Comercial de Curitiba no ano de 1913.

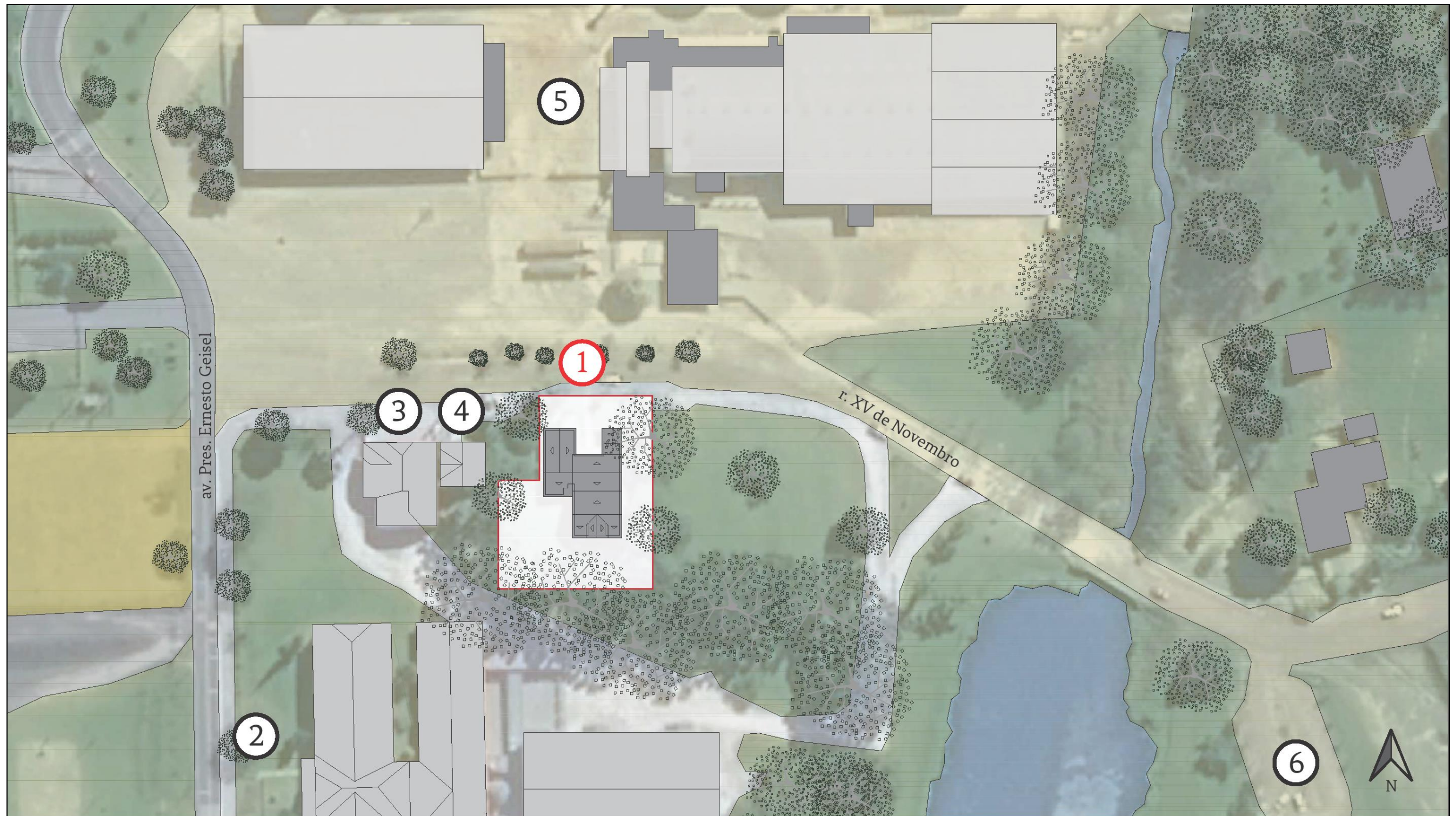
A vedação das casas é feita por tábuas, que são pregadas verticalmente no frechal e no baldrame, fazendo o contraventamento. Os intervalos deixado entre elas para servirem como juntas de dilatação são cobertos por ripas. É por isso que estas casas

são chamadas de casas de "tábua e ripa", e também "tábua e mata juntas". Em muitas casas, também o assoalho e o forro são feitos por tábuas justapostas, que podem, por razão do conforto térmico, ter mata-juntas pregadas por baixo das tábuas. Posteriormente, quando as serrarias começaram a produzir tábuas com encaixes chamadas de "macho e fêmea", estas foram usadas para o piso, como foi o caso do museu.

Key considera que os próprios elementos funcionais das Casas de Araucária são também seus elementos decorativos, como a volumetria da casa e suas janelas. Os lambrequins, que também funcionam como pingadeira, foram inclusive exigidos pelo Código de Posturas de 1919 em Curitiba (Figura 1).

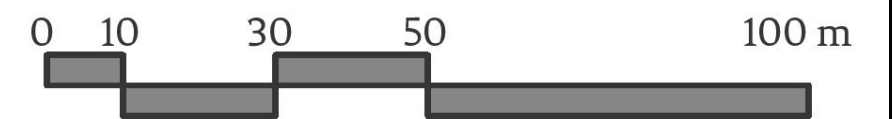
No museu, além dos lambrequins havia como elementos decorativos alguns motivos pintados aplicados com estênceis (Figuras 4 e 7). É possível que a casa tivesse inclusive uma faixa decorada mencionada por Key, na qual os mata-juntas são interrompidos para exibir um painel também aplicado com estênceis (Figura 9). Elementos como guarda corpos das escadas e da varanda também configuram elementos de ornamentação (Figura 10).

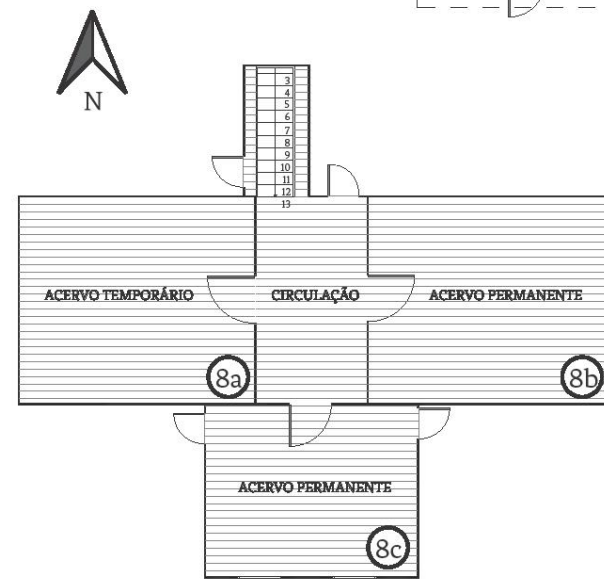
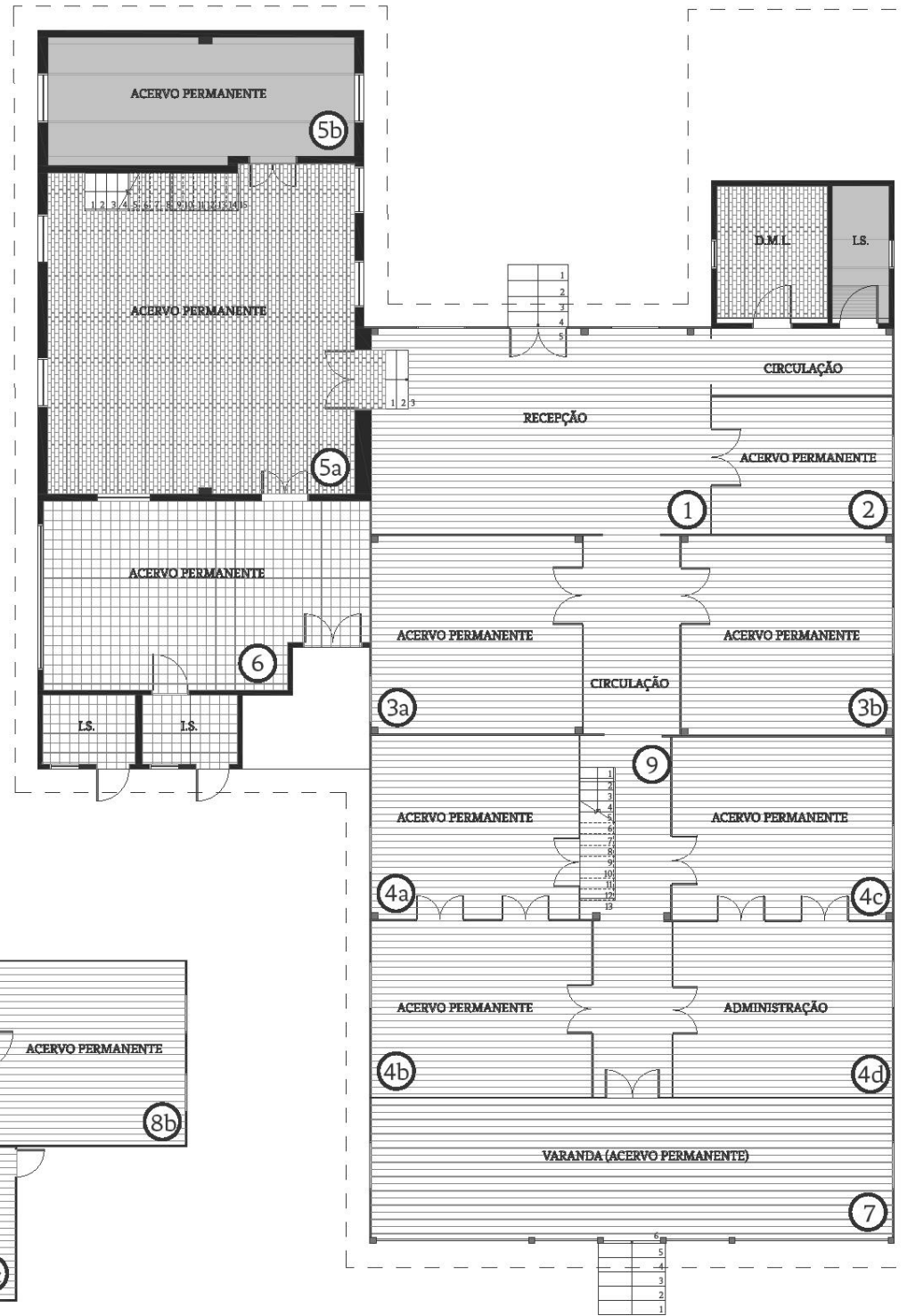




IMPLANTAÇÃO

- ① *Heimatmuseum* ② Colégio Fritz Kliewer ③ Banco Sicredi
 ④ Centro de informações turísticas ⑤ Cooperativa agroindustrial Witmarsum ⑥ Lar de idosos Witmarsum



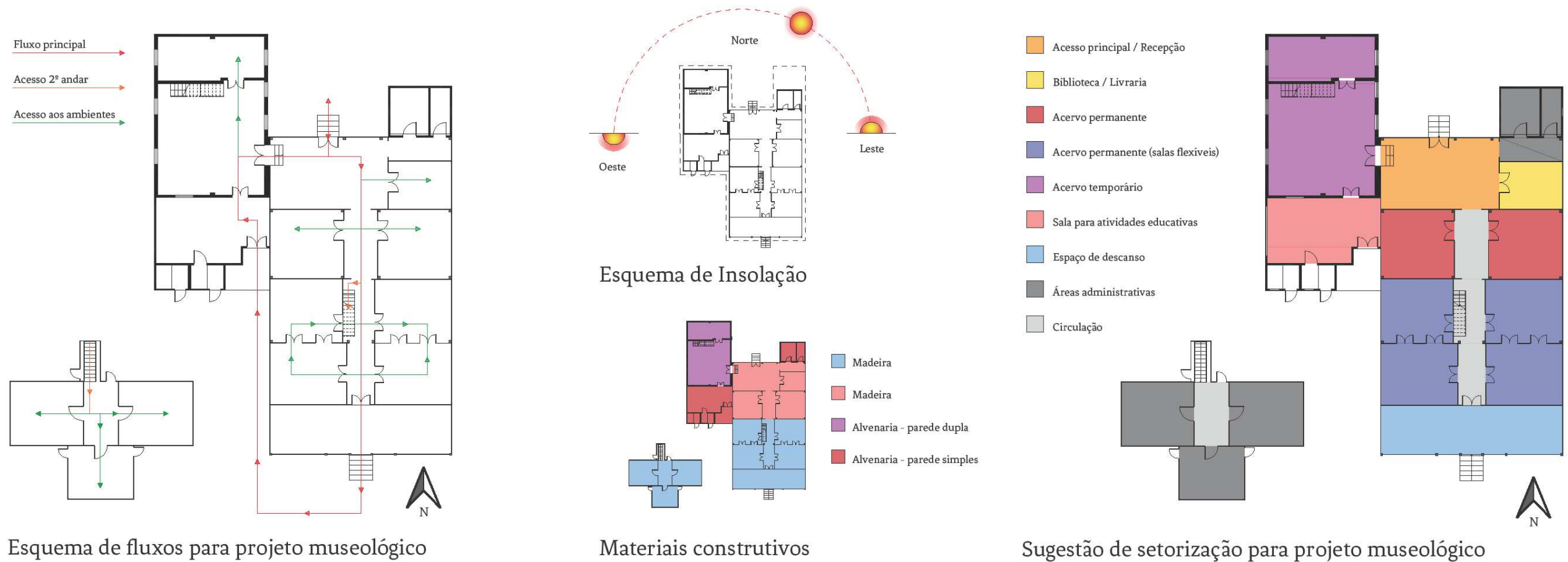


PAVIMENTO SUPERIOR

PAVIMENTO TÉRREO

0 1 3 5m





OS AMBIENTES E SUAS QUALIDADES

O museu da Colônia Witmarsum tem uma vocação em que, mais importante que os objetos e espaços em si é a presença de moradores locais que possam contar uma narrativa da sua saga. No entanto, a reflexão sobre como os espaços do museu podem ser organizados para que tal local possa cumprir da melhor maneira possível a sua função também é relevante. A melhor disposição dos espaços e do acervo pode oferecer ao público uma reflexão sobre a narrativa contada. Além disso, também pode valorizar o próprio museu como bem arquitetônico, que pode ser "lido" como parte do acervo, dentro do seu contexto na colônia e também nos seus espaços internos.

A proposta de setorização dos espaços, conforme ilustrado no esquema acima, baseia-se no estudo dos fluxos, e das etapas em que a casa foi construída, além das qualidades de cada ambiente, descritas abaixo:

1. Acesso principal / Recepção

Seu acesso à rua, à vista de todos que passam em frente ao museu, é a qualidade que sugere a sua função de recepção. O espaço é amplo e pode servir como um ambiente confortável, que forneça informações e que instigue a curiosidade dos visitantes para visitarem os acervos.

2. Biblioteca / Livraria

Ambiente conectado diretamente com o hall de entrada, permite que os visitantes tenham acesso aos livros sem precisarem necessariamente acessar os acervos. Este ambiente possui uma faixa diferenciada na parede que, com uma prospeção,

pode-se descobrir se havia alguma pintura decorativa. Este ambiente também fornece acesso ao porão, onde eram armazenados mantimentos. Voltado para a face leste da casa, o ambiente recebe o sol da manhã.

3. Acervo permanente

São salas menores, uma voltada para o leste e outra para o oeste. Na sala voltada para o oeste, percebe-se que a camada anterior de pintura contava com uma faixa decorativa. A sala voltada para leste sofreu danos devido às infiltrações, e a outra apresenta peças manchadas ou diferenciadas.

4. Acervo permanente (salas flexíveis)

Espaço formado por quatro salas que podem ser usadas de maneiras independentes ou ligadas de duas a duas por portas que a conectam, permite a flexibilidade para abrigar exposições que precisam de ambientes menores ou maiores. Estas salas se encontram em bom estado de conservação, embora uma delas apresente uma intervenção de revestimento cerâmico sobre um canto da parede em madeira.

5. Acervo temporário

Contando com dois ambientes de tamanhos distintos, um grande e outro pequeno, este espaço foi construído em alvenaria com paredes largas que criam uma boa condição térmica. A adaptação destas salas a condições de temperatura e umidade para que possam receber acervos mais delicados seria interessante para que o museu possa abrigar uma variedade de acervos temporários, beneficiando principalmente a

população da colônia.

6. Salas para atividades educativas

Esta sala tem a vantagem de permitir acesso por dentro e por fora do museu, com flexibilidade para receber grupos para a realização de atividades educativas, reuniões ou palestras.

7. Espaço de descanso

A varanda aos fundos da casa, que já serviu como entrada principal da casa no passado, é um ambiente agradável, com a vista para um pátio externo. Ele oferece um ambiente de contemplação e reflexão.

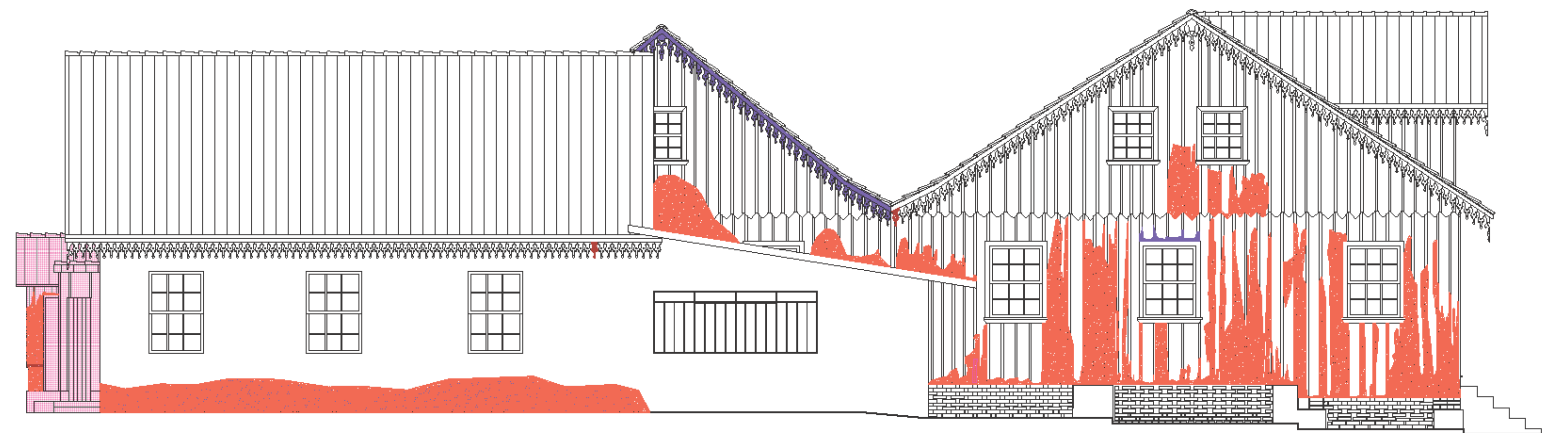
8. Áreas administrativas

Estas áreas seriam de acesso restrito aos funcionários, com atividades técnicas, administrativas e serviços em geral. Além de uma pequena parte do andar térreo que conta com um banheiro e área de serviço, o andar superior seria usado para estes fins. São três salas, que podem servir como arquivo, escritório e manutenção do acervo.





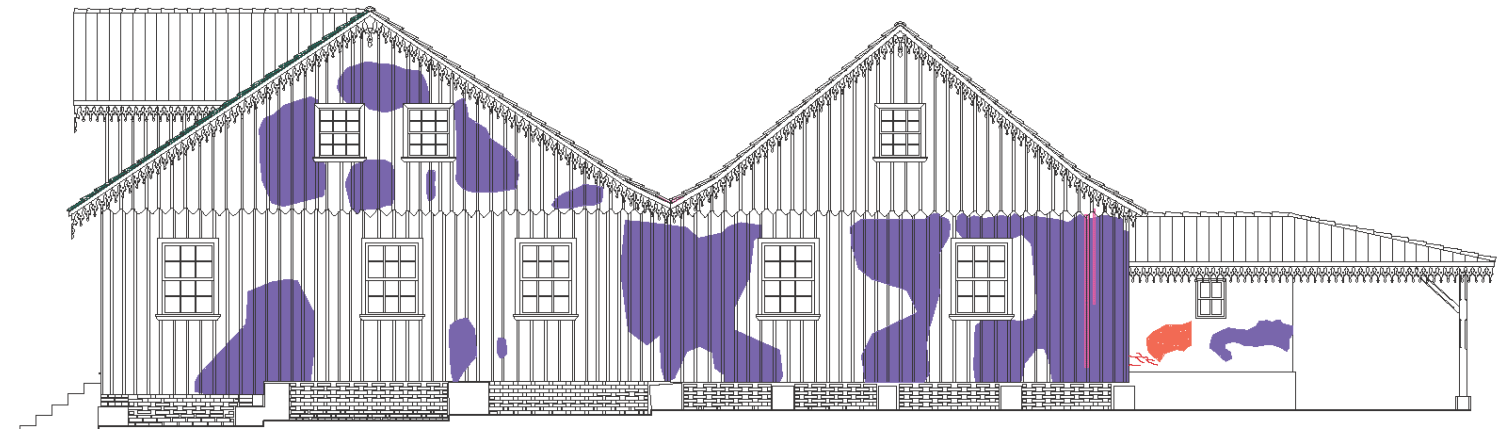
ELEVAÇÃO FRONTAL



ELEVAÇÃO LATERAL DIREITA



ELEVAÇÃO POSTERIOR



ELEVAÇÃO LATERAL ESQUERDA

MAPEAMENTO DE DANOS:



0 1 3 5m





Referências bibliográficas:

- Fontes
- BENDER, Harold S.; DNS, Henrique; PAULS Jr., Peter. Brasil. Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online. Jan. 2013. Disponível em: <<http://gmeo.org/index.php?file=Brasil>>. Acesso em: 11 ago. 2015.
- DYCK, Cornelius. Uma Introdução à História Mennonita. Tradução de Rosely Dyck Hines. Campinas: Editora Cristã Unida, 1992.
- DYCK-TISSEN, Linda. Mennonites in Denzig: Dutch origins and ties. Canadian Journal of Netherlandic Studies. Canadá, v. 2, p. 54-61, outono, 1980. Disponível em: <<http://canis-ccan.ca/journal/nests...colina/ano...11.1.1980/>>. Acesso em: 30 de março de 2017.
- FRISEN, John. Mennonites in Poland: An expanded historical view. Journal of Mennonite Studies. Winnipeg, v. 4, p. 94-108, 1986. Disponível em: <<http://jms.uwinnipeg.ca/index.php/jms/issue/view/IDo>>. Acesso em: 2 abr. 2017, p.98.
- FRISEN, Ruby. Building on the Past: Mennonite Architecture, Landscape and Settlements in Russia/Ukraine. Canada: Redag Publications, 2004.
- FRISEN, Ruby. Into the Past: Buildings of the Mennonite Commonwealth. Manitoba: Redag Publications, 1996.
- GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Engenheiros do tempo: seus trabalhos do Paraná. Curitiba: Secretaria de estado da cultura, 2006. p. 304. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modulos/contudo/contudo.php?contudo=287>>. Acesso em: 11 ago. 2016.
- GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Sela da Fazenda Canaleta. Inscricao tomo 96-II, processo da número 04/89. Palmarina: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1989. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modulos/contudo/contudo.php?contudo=137>>. Acesso em: 11 ago. 2016.
- GUTIERREZ, Horacio. Passagens de gelo no Paraná escravista. Topoi (Rio de Janeiro), v. 5, n. 9, p. 103-127, Dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielonline/pdf/topoi_v5n9/art005.pdf>. Acesso em: 08 Mar. 2016.
- KLASSEN, Peter Paula. Die Russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien. Band 1. Bielefeld: Mennonitischer Geschichtsverein, 1995.
- KRAHN, Cornelius; DYCK, Cornelius J. Mennonite Simons (1496-1561). Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online. 1990. Disponível em: <[http://gmeo.org/index.php?file=Mennonite_Simons_\(14961561\)&oldid=145845](http://gmeo.org/index.php?file=Mennonite_Simons_(14961561)&oldid=145845)>. Acesso em: 25 mar. 2017.
- KRAHN, Cornelius; SAWATSKY, Walter W. Russia. Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online. Nov. 2011. Disponível em: <<http://gmeo.org/index.php?file=Russia>>. Acesso em: 2 abr. 2017.
- KRAHN, Cornelius; ZIPP, Nanna von der; KREIDER, Robert S. Architecture. Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online. 1989. Disponível em: <<http://gmeo.org/index.php?file=Architecture&oldid=143480>>. Acesso em: 25 mar. 2017.
- PAULS JR., Peter (Org.). Mennonites in Brazil: Gedächtnis zum 50 Jahr - Jubiläum ihrer Einwanderung. Witzmann: Peter Paula Jr, 1980.
- SEÇÃO Commercial. Junta comercial. Diário da Tarde, Curitiba, 20/06 de 1913. p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=80007484p04&pag=61&as=20620francisco>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- SAWATSKY, Roland Meyer. The control of social space in mennonite homesteads of Manitoba, 1874-1940. Barnaby: Simon Fraser University, 2005.
- WALKER, William. História da Igreja Cristã. São Paulo: ASTE, 2006.
- ZATTI, Carlos. Crônicas do Paraná: Tradicional do Espírito Geomórfico. Curitiba: Clube dos Antares, 2011. Versão em PDF.
- Bibliografia
- BARBOSA, Francieli Giacchini. Mennonitismo: os mennonitas e os processos de identificação (Curitiba, 1994-1948) [artigo]. XXV Simpósio Nacional de História. Foz de Iguaçu: ANPUH, 2009. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/1994/ANPUH25_0366.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2015.
- BESSE, Jean-Marc. Ver e Ter: Sels enstos sobre a paisagem e a geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BERNARDO, Janice. Colônia Mariz: métodos para diagnóstico em projetos de restauração e preservação do patrimônio histórico [tese de doutorado]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.
- BERNARDO, Janice. Madeira e técnica: as edificações históricas da Colônia Mariz. Curitiba: Edição do autor, 2013.
- CLAVAI, Paul. A Geografia Cultural. Tradução de Luiz P. Pimenta e Margareth C.A. Pimenta. 3 ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2007.
- COSTA, Ivo Barbosa de; MESQUITA, Helena Maria. Tipos de habitação rural no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1978. p. 39.
- DUDUEQUI, Iri Tiborová. Espírito de Madeira: uma história da arquitetura de Curitiba. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 2001.
- GERKE, Clifford. Interpretação da Cultura. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HALLWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 2005.
- HARVEY, David. O marxista que quer reinventar as cidades (II). [nov. 2012]. Entrevistador: Vinice Emanuele. Outras Palavras: Comunicação, participação e pós-capitalismo. São Paulo, 29 nov. 2013. Disponível em: <<http://outrepalavras.net/post/o-marxista-que-quer-reinventar-as-cidades-ii>>. Acesso em: 08 set. 2017.
- LANGENSCHIEDT, Gottfried. Die deutsche Sprache in Brasilien. Berlin: Langenscheidt, 2010.
- LIPI, Ana; GOMES, Ingrid; LOWEN SAHR, Cecilia. Os padrões de povoamento marxista no Brasil: Análise da Colônia Witmarsum. Anais Semina de Geografia, Vol. 1, nº 1. Ponta Grossa: UEPG, 2004. Disponível em: <http://pt.scribd.com/document/14961561/ANPUH25_0366>. Acesso em: 11 ago. 2016.
- MENON, Alfredo de Souza; ALVES, Marcus Vinícius da Silva. A degradação da madeira e sua preservação. Brasília: IBDF/DPq-IPF, 1988.
- MENNONITE WORLD CONFERENCE. Mennonite World Conference. Statistics. Mennonite World Directory. Bogota, Jan. 2015. p. 58-61. Disponível em: <http://mwc-cmr.org/sites/default/files/webstat...files/mwc_world_directory_2015_statistics.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.
- MENESES, José Newton Coelho. Olhares sobre a memória; Patrimônio histórico-cultural e sociedade; Virtudes e monumentação. In: História e Turismo Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- OLIVEIRA, Mirla Mendonça de. A documentação como Ferramenta de Preservação da Memória. Cadernos Históricos nº 7. Brasília: Programa Mennonita; IPHAN, 2008.
- PACCOLA, Maria; MELO, Mécio. Influência governamental em mudanças de atitudes e econômicas da Colônia Witmarsum. Paraná. Boletim de Geografia, Vol. 30, nº1. Maringá: UEM, 2012.
- POELAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: Encontros Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- ROSCOFF, Anon. House Form and Culture. New Jersey: Prentice Hall Inc, 1969.
- ROSENDAHL, Zeno; COEVA, Roberto Roberto. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.
- SCHROEDER, William. Maps and Historical Notes related to Mennonite History. Winnipeg: Mennonite Heritage Centre, 2008. p.205. Disponível em: <<http://www.mennonite-heritage.ca/programs/archives/holdings/Schroeder...maps/>>. Acesso em: 15 jul. 2015.
- SHUTE, Todd; LEBOW, Stan; HING, Dennis. 2008. Causes and control of wood decay, degradation and stain. Publication 2703. Los Angeles: Louisiana State University Agriculture Center, 2008.
- TAGUCHI, Mírio Koji. Avaliação e qualificação das estruturas de madeira nas edificações (diagnóstico). Curitiba: UFPR, 2008. p.29-38.
- TODOROV, Tzvetan. Los abosos de la memoria. Traducción de Miguel Salazar. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica; Buenos Aires: Editorial Paidós, 2000.
- WEISSHEIMER, Maria Regina (Org.). Paisagem Cultural. Brasília: Dapam; Iphan, 2009.
- WALBEL, Leo. Princípios da colonização europeia no sul do Brasil. Revista Brasileira de Geografia, Ano XI, nº 2, abril-junho de 1949.
- ZANI, Antonio Carlos. Arquitetura em madeira. Londrina: Etnol, 2013. p.17.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

A partir da observação visual do bem arquitetônico, conclui-se que:

- Na cobertura, a necessidade de manutenção é urgente. Ela apresenta presença de vegetação, sujidade, elementos de materiais diferenciados além de telhas e calhas danificadas, que estão causando infiltração e danificando outras partes da construção, principalmente elementos estruturais, vedações e forros;
- A estrutura se encontra em boas condições de estabilidade, mas infiltrações tem danificado algumas peças. Observa-se principalmente um esteio sob o ponto de infiltração que precisa de uma avaliação mais profunda para se identificar a extensão dos danos;
- As paredes de tábuas e ripas encontram-se ressecadas e apresentam grandes extensões de descascamento da pintura. Alguns pontos apresentam manchas de umidade na superfície, sendo necessária a avaliação dos danos nas peças afetadas. Também há algumas peças quebradas, embora sejam poucas. Quando a peça não puder ser reforçada e recuperada, e onde estiver ausente, poderá ser substituída, de preferência com o mesmo tipo de madeira, que poderá ser identificada a partir de uma análise mais apurada;
- As paredes em alvenaria também apresentam manchas de umidade e descascamento de pintura, mas neste caso aparentemente a umidade vem do solo. É necessária uma análise mais aprofundada para encontrar uma solução adequada.

Também é necessária a manutenção da pintura. Algumas paredes apresentam fissuras, mas estas não comprometem a estabilidade da construção. Sugere-se a observação das mesmas para confirmar se estão se estão estabilizadas;

- Os pisos encontram-se em ótimo estado, sendo perceptível a manutenção frequente;
- Os forros precisam de uma avaliação quanto aos danos causados pela infiltração. Há algumas peças que estão abauladas, provavelmente como resultado da umidade;
- As janelas e portas encontram-se em bom estado de conservação. Faz-se necessária a limpeza e manutenção da pintura. Observou-se apenas um vidro quebrado que precisa ser substituído;
- Os elementos decorativos precisam de manutenção da pintura. Algumas peças dos lambrequins estão faltando, porém, no museu, há peças de reserva que podem ser acrescentadas nas lacunas;
- Embora não tenha sido possível avaliar as instalações elétricas e hidráulicas a partir da observação recomenda-se a revisão das mesmas por um profissional da área para avaliar suas condições.

Dessa forma, em ordem de urgência, recomenda-se:

- A manutenção dos telhados;
- A avaliação e manutenção das peças estruturais afetadas pela infiltração;
- A avaliação e manutenção das paredes e forros em madeira e em alvenaria afetadas pela infiltração;
- Uma limpeza geral e manutenção da pintura em todas as superfícies;
- A elaboração de um diagnóstico mais aprofundado por uma equipe de profissionais especializados na área de restauro;
- A elaboração do projeto de restauro.

Também é necessário, como próximas etapas para o museu:

- A elaboração de um projeto museológico;
- A elaboração de um projeto de adaptação para acessibilidade universal.



APÊNDICE C – *Papercraft*

Volume 1:

- a. Recorte a peça 1 e a peça 2; e cole os lados "a" e "b" destas peças.
- b. Recorte as peças 3 e 4.
- c. Recorte a peça 5 e cole sobre as peças 1 e 2: lados "c", "d", "e" e "f", deixando um espaço do telhado sobrando para cada lado.
- d. Cole a peça 3 na peça 5, abas "h", "i" e "j".
- e. Cole a peça 4 na peça 3 e 5, abas "n", "o", "k", "l" e "m".
- c. Recorte as peças 6 e 7, e corte os espaços vazios onde indicados.
- d. Cole a peça 6 na peça 7, abas "p", "q" e "r", conforme indicado nas abas.
- e. Cole as peças 6 e 7 no volume maior, abas "g".
- b. Recorte as peças 8 e 9.
- f. Cole a peça 9 sobre as peças 6 e 7, abas "g", "s" e "u".
- g. Cole a peça 8 sobre a peça 9, abas "t", "v" e "w".

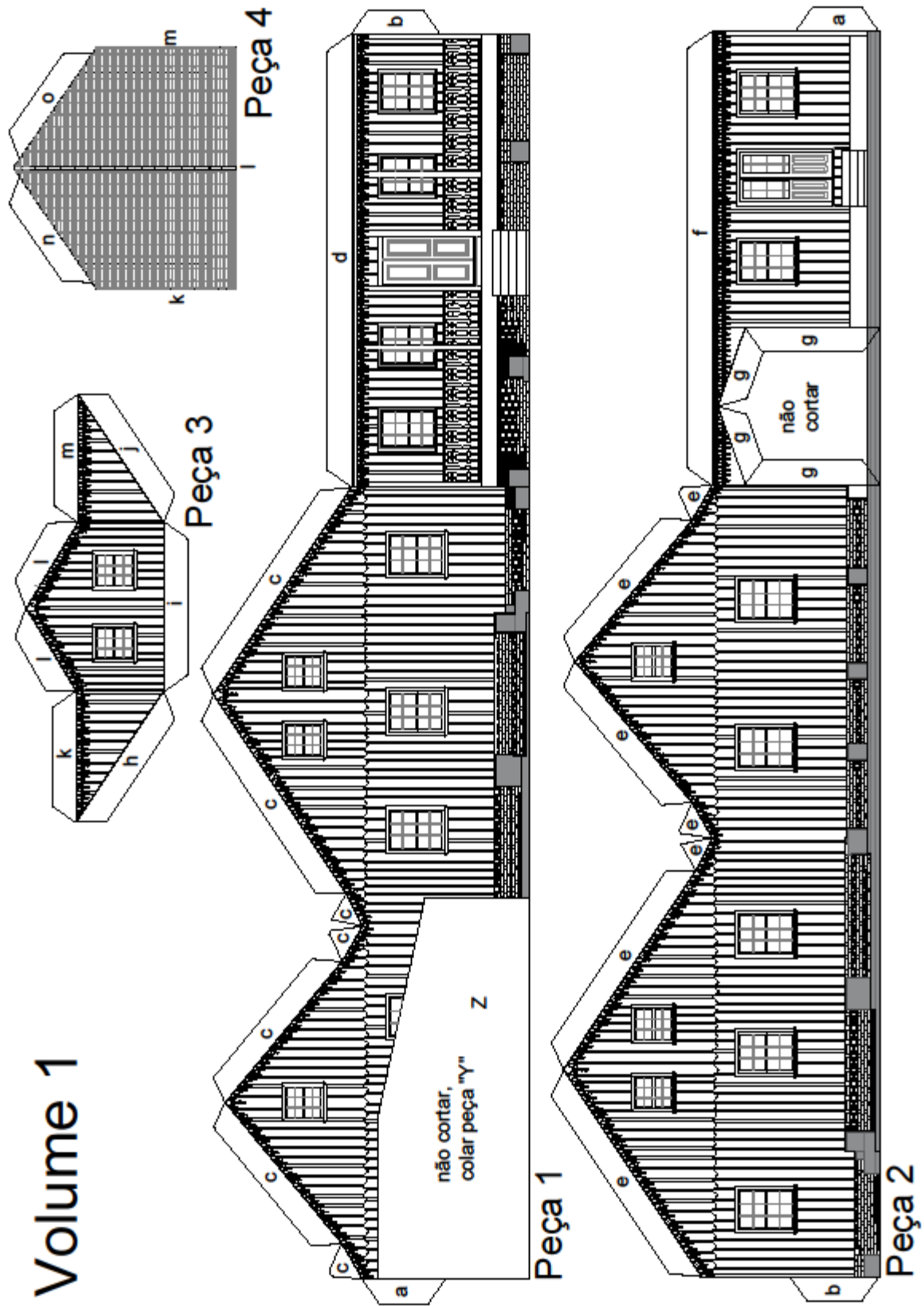
Volume 2:

- a. Recorte as peças 10, 11, 12 e 13.
- b. Cole as peças 11 e 12 nas abas "aa" e "bb".
- b. Dobre a peça 13 na linha do telhado, e cole os lados "cc", "dd" e "ee" nas abas indicadas das peças 11 e 12.
- d. Cole a peça 10 sobre o volume formado: lados "ff", "gg", "hh" e "ii".

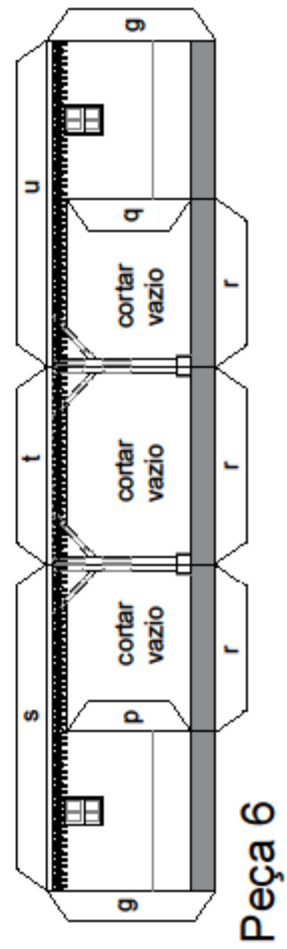
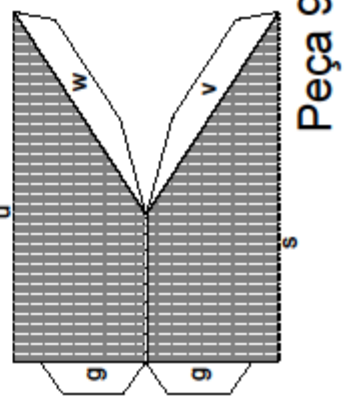
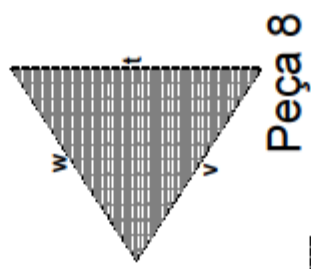
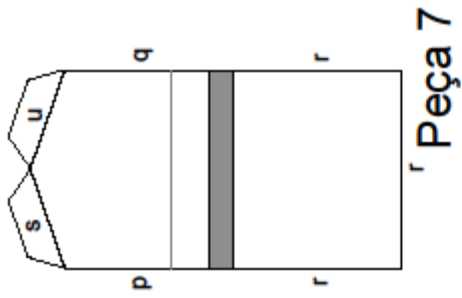
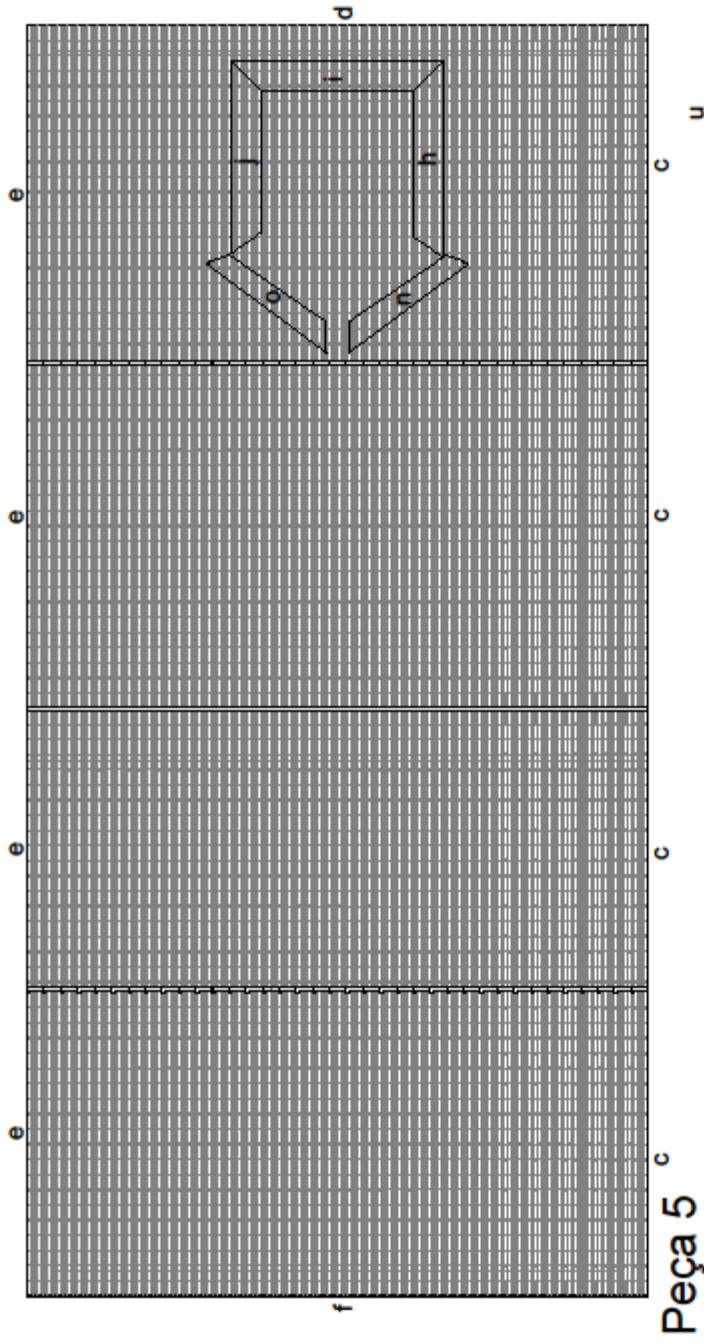
Juntando o Volume 1 e o Volume 2:

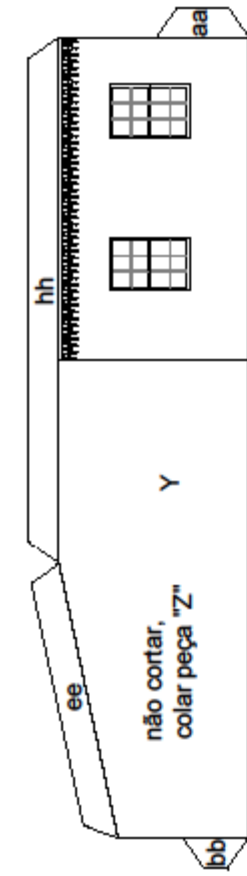
- a. Cole o lado Y do Volume 2 com o lado Z do Volume 1.

Volume 1

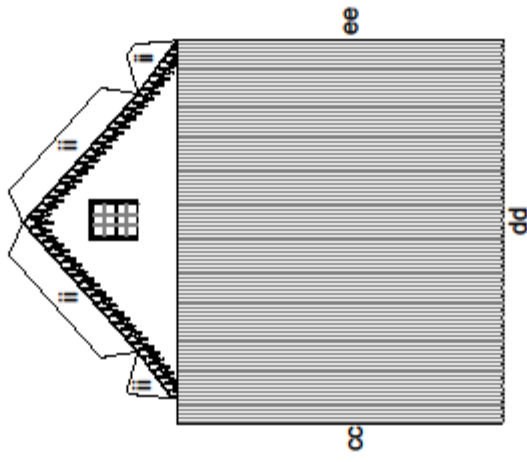


Volume 1

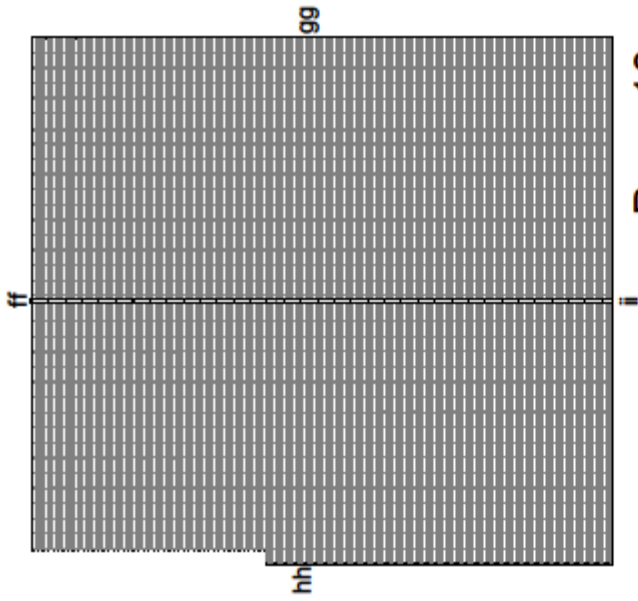




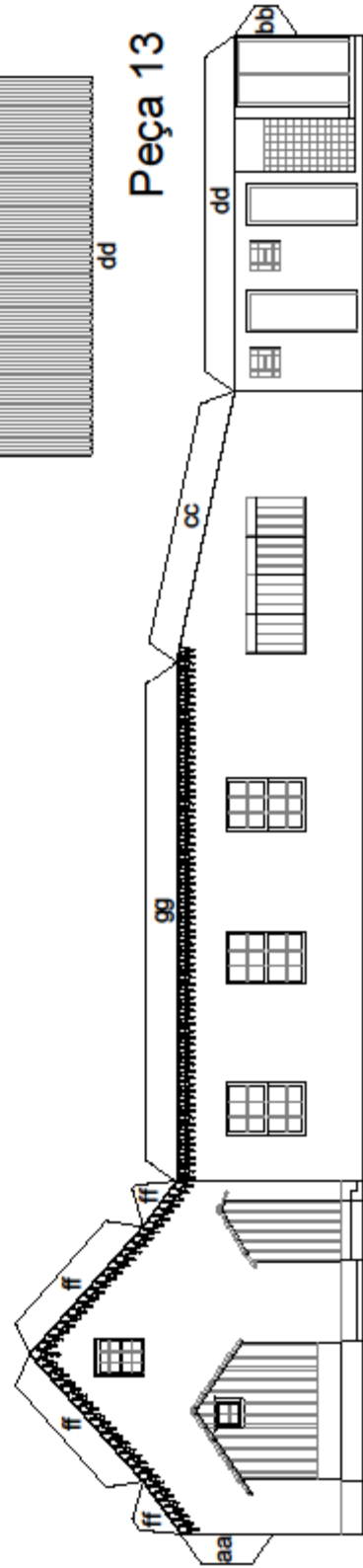
Peça 12



Peça 13



Peça 10



Peça 11

Volume 2